

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA SOCIAL**

« A cidade narrada na memória dos velhos habitantes de

Teutônia (RS) :

estudo etnográfico de memória intrageracional e compartilhada
sobre as experiências transmitidas na relação entre avós e netos. »

MARIA CRISTINA CAMINHA DE CASTILHOS FRANÇA

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cornelia Eckert

Porto Alegre, fevereiro de 2002

Dedicatória

À minha mãe, Maria, cuja condição de avó e idosa sempre foi alvo de minha inspiração para refletir o envelhecimento e as relações geracionais. Além desse aspecto, não posso deixar de citar o estímulo que suas orações trouxeram nos momentos de desânimo e impasse, aliadas ao ditado “mais um empurrão e vai a caixa ao porão” que diversas vezes ouvi.

Ao Fernando, meu amado, Manuela e Fernanda, filhas maravilhosas, que nunca deixaram de estar comigo, tolerando as ausências, as angústias e as euforias.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS.

À Professora orientadora Cornelia Eckert, que se mostrou sempre presente, mesmo na contingência de sua ausência (estágio de pós doutoramento em Paris VII, França), em todos os momentos que comportaram o curso de mestrado. O seu apoio e estímulo foram permeados de carinho e dedicação, principalmente diante das adversidades da distância, quando dúvidas e hesitações eram prontamente esclarecidas.

A outros professores que contribuíram sensivelmente para o amadurecimento deste trabalho, ora com estímulos, críticas e sugestões, ora com empréstimos e indicações de bibliografia: Maria Eunice Maciel, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Ruben Oliven. Minha gratidão ainda aos demais professores que também foram alicerces na minha formação.

À Rosemeri Nunes Feijó, secretária do PPGAS, pela sempre gentil acolhida diante de dúvidas e soluções de demandas operacionais.

Ao meu irmão Paulo Roberto, que elaborou o *abstract* e auxiliou na correção e adequações da língua portuguesa.

À amiga Liliane Guterres pelo carinho e estímulo, disponibilizando-se para auxiliar nos impasses que surgem ao longo da escritura, bem como pelo olhar antropológico sensível durante a seleção das imagens.

Aos amigos e colegas Ednalva Neves, Fernanda Nummer e Flávio Abreu pelas longas discussões e construções de um saber antropológico.

Aos amigos Luisa e Clóvis Pires pelos conselhos e digitações em momentos de puro aperto.

À Rejane Barcelos pela contribuição nos acertos da língua portuguesa.

À minha tia Cora, pelo carinho e auxílio em lidar com as mazelas das ausências, na atenção atribuída à Fernanda.

Em especial, à comunidade de Teutônia que , carinhosamente, cedeu-me tempo e espaço preciosos do seu cotidiano.

Convenções

Na escritura deste trabalho, foram usadas as seguintes convenções:

- Palavras em itálico sem aspas: termos específicos do universo estudado, no sentido de terem um significado peculiar para o contexto, ou palavras de outro idioma.
- Frases ou palavras em itálico e entre aspas: citações literais de falas das pessoas que tomaram parte na pesquisa.
- Frases ou palavras somente entre aspas: citações literais de obras da bibliografia utilizada e como recurso desta pesquisadora para ressaltar algum termo ou expressão.
- Citações de pessoas entrevistadas ou de autores que possuem uma ou duas linhas, foram incorporadas ao texto corrente. Citações que excedem duas linhas foram, de modo geral, destacadas em separado, conforme orientações fornecidas pelo Programa de Pós-Graduação.

Resumo

Estudo de antropologia sobre a memória intrageracional e compartilhada na cidade de Teutônia. Trata-se de uma pesquisa etnográfica (2000-2001) realizada junto a antigos moradores, descendentes dos imigrantes alemães, que colonizaram esta região que hoje é uma cidade próspera localizada no Vale do Taquari (RS). Investiga-se, a partir de narrativas biográficas, as tradições transmitidas de geração a geração na vida cotidiana, pelo qual os avós socializam seus filhos e netos à tradição de seu *ethos* de pertencimento enraizado em uma trajetória de descendência alemã, bem como ressitua estes valores no tempo presente reordenando-os sob a luz das novas condições socioculturais advindas das transformações decorrentes da modernidade.

Palavras-Chave: Memória, cidade, etnia, gerações, narrativas, comunidade teuto-brasileira.

Abstract

This is an anthropologic study about intergeneration and shared memory that was conducted in the city of Teutonia. It encompasses an ethnographic research (2000-2001) done with older natives, descendents of German immigrants, who colonized that region which today is a prosper city situated in the Vale do Taquari in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. The work investigates, through biographic narrations, the traditions of everyday life transmitted from generation to generation, in which grandparents socialize their children and grandchildren in the traditions of their German roots as well as restructure these values in the present days by adapting them to new socio-cultural conditions brought about by modernization.

Key Words: Memory, city, ethnic, generations, narrations, community teuto-brazilian.

Sumário

Introdução	09
Capítulo 1: A pesquisa antropológica em Teutônia e Westfália	12
1.1 O ritual de entrada no campo de pesquisa.....	13
1.2 O contexto de pesquisa: o município de Teutônia.....	16
1.3 A nova cidade vizinha: o município de Westfália, antiga Vila Schmidt do município de Teutônia.....	20
1.4 O ritual de instalação na pesquisa de campo.....	21
1.5 Os “ponderáveis” na construção da rede social local.....	22
Capítulo 2: Cidade e memória: a comunidade teutoniense	27
Capítulo 3: A comunidade investigada	37
3.1. O grupo de entrevistados.....	38
3.2. Histórias de famílias.....	42
3.2.1. A família do Sr. Reinhold Kleinkauf.....	42
3.2.2. A família da Sra. Anna Kops.....	46
3.2.3. A família da Sra. Josephine e Jacob Kruse.....	48
3.2.4. A família do Sr. Otto Luckmann.....	50
3.2.5. A família do Sr. Eduard Mauer.....	52
3.3. A família da rede de parentesco da pesquisadora.....	53
Capítulo 4: “Os tempos difíceis”: elementos históricos e construção social da identidade teuto-brasileira	56
4.1. Os primeiros tempos.....	57
4.2. O tempo da fundação da Colônia.....	59
4.3. Os tempos de repressão.....	62
Capítulo 5: Os valores de um cotidiano transmitido	67
5.1. O cotidiano construído: os valores ressaltados e transmitidos.....	68
5.2. Nós e eles, os hunsrück e os westfalianos, os antigos e os sapato de pau.....	73
Capítulo 6: ‘Os novos tempos’	79
6.1. O sucesso econômico no Vale do Taquari, emblema de uma etnia?.....	80
6.2. “Novos tempos” na comunidade de Teutônia.....	83
6.3. O novo tempo, o tempo dos netos.....	85
Capítulo 7: Da arte de viver na diversidade dos tempos	89
7.1. Ponderações em torno do envelhecimento, ontem e hoje.....	90

7.2. Os grupos de terceira idade em Teutônia.....	91
7.3. Solidões geracionais?.....	93
7.4. A importância da casa familiar como guardiã da memória.....	96
7.5. As mazelas do enraizamento à vida rural (e/ou agrícola).....	97
Capítulo 8: A experiência narrada de geração a geração.....	100
8.1. As histórias narradas pelos “rastros”.....	101
8.2 A transmissão pelo rastro no tempo de afeto.....	102
Conclusão.....	111
Bibliografia.....	115
Índice de Imagens.....	119

Introdução

Este estudo antropológico é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada junto aos avós, velhos moradores de Teutônia e Westfália, pequenas cidades do interior do Rio Grande do Sul, situadas no Vale do Taquari.

O período de trabalho de campo na cidade de Teutônia compreende de maio de 2000 até outubro de 2001, com visitas intercaladas entre um período de permanência de quase dois meses entre janeiro e fevereiro de 2001.

Ao ingressar no campo de pesquisa, a intenção era desenvolver uma investigação em torno das histórias contadas pelos avós a seus netos e reconhecer, através delas, a transmissão de uma cultura oral de tradição germânica herdada dos primeiros imigrantes que habitaram a região, e de uma cultura popular teuto-brasileira. No decorrer da pesquisa, optou-se por privilegiar o estudo da memória desses habitantes sobre sua trajetória a partir de uma memória compartilhada entre diferentes gerações, sobretudo entre avós e netos, que se manifestava em diversas situações e ações do cotidiano vivenciado.

Aborda-se, então, a (re)construção da identidade social de um grupo de sujeitos idosos descendentes de imigrantes alemães luteranos com uma tradição de sociedade agrícola alterada pelo processo de modernização e o conseqüente confronto com valores culturais diversos na cidade de Teutônia, na região do Vale do Taquari no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, enfocam-se os relatos biográficos em uma convivência contínua de quase dois meses com essa parcela da sociedade local. Foram investigados os referenciais específicos de organização do tempo coletivo apoiados na memória da cidade em confronto com as novas definições de espaço e tempo herdadas com o advento da modernidade. Esses aspectos conflitivos são resignificados positivamente na interação com seus netos, encompassados pela ordem do afeto. Foi por meio do mapeamento dos traços culturais reconfigurados na relação entre avós e netos e das formas singulares de organizar e reordenar o tempo através da memória compartilhada que foram estruturadas e elaborados os capítulos que compõem esta dissertação.

A partir da construção de trajetórias de vida, analisam-se as lembranças e reminiscências para conhecer, nas suas representações, os seus significados culturais e perceber as diferenciações fundamentais nas experiências de vida vividas na intersecção das culturas, a partir da (re) invenção de representações simbólicas e práticas sociais associadas

ao seu passado imediato de trabalho não-industrial, o que implica também a (re) invenção de valores culturais associados aos conflitos de gerações.

As trajetórias e papéis complexos são assinalados nas biografias de modo a perceber relações, ou melhor, superposições temporais como tradicional e moderno, relações holistas e individualistas, religiosidade e conhecimento, como constituidoras de identidades individuais e confrontos geracionais acompanhados de toda a dramaticidade que isso acarreta.

A condição de avós é essencial no sentido de reconhecer a existência (ou não) de uma relação recíproca, em que avós e netos se reconstituem e se renovam como sujeitos no interior do cotidiano prático e simbólico por eles vivido e partilhado em uma cidade do interior. A ação de contar histórias vividas reinventando a dramática no cotidiano é uma forma de troca de experiência em que esses sujeitos se nutrem ora da cultura oral, ora da vertente simbólica dos “rastros”.

A adoção do texto visual aliado ao texto escrito parte da idéia de recursos complementares, no sentido de ampliar a perspectiva dos acontecimentos, uma vez que a expressão sobre as duas formas de linguagem propõe ao acontecimento ser decodificado “sobre a idéia do homem”. As imagens fotográficas, ao longo do período de trabalho de campo, surgiu como elemento enriquecedor não só do texto etnográfico, como também da tarefa de auxiliar nas revelações das representações coletivas que dão sentido à vida social do universo de pesquisa.

Nos capítulos iniciais busca-se contextualizar o trabalho de campo e o processo histórico de ocupação da região. O primeiro capítulo, intitulado “A pesquisa antropológica em Teutônia (RS)”, apresenta de forma mais detalhada o universo de pesquisa e as implicações metodológicas adotadas para alcançar as interações etnográficas, uma vez que essas foram construídas na perspectiva de relativo estranhamento por, inicialmente, não ter o estatuto de ser alguém “de origem”. Ou seja, apresentar-se como pesquisadora ‘brasileira’, vinda da capital, acarretou dificuldades de inserção, redefinidas posteriormente pelos vínculos familiares que a levaram a pesquisar na localidade. Ainda neste capítulo, são definidos os processos históricos relativos à ocupação da região através do movimento migratório no início do século XIX.

O capítulo seguinte, “Cidade e memória: a comunidade teutoniense”, aborda os referenciais teórico-metodológicos adotados que fundamentam a interpretação dos dados etnográficos.

O terceiro capítulo, denominado “A memória investigada”, busca a apresentação das personagens e famílias que narraram suas memórias que são amplamente transcritas nos capítulos seguintes, no processo de elaboração do texto.

A partir do quarto capítulo, a composição do trabalho está alicerçada nas imagens da cidade, nos valores que sustentam os referenciais identitários e suas concepções de mundo frente às desordens ocasionadas pelo advento da modernidade, na sobreposição temporal encerrando referenciais específicos de organização do tempo coletivo e na memória compartilhada entre os avós e netos atuando em conjunto no processo de construção da identidade social.

No capítulo “O tempo da fundação da colônia” são expostos, a partir das reconstruções das lembranças narradas, os eixos de ordenamento do tempo vivido, refletidos pelos sujeitos, e fundados nas conquistas e dramas que estabeleceram suas relações com o mundo.

O quinto capítulo, “Os valores de um cotidiano transmitido”, busca dar continuidade à descrição das significações atribuídas a partir da origem étnica determinante na conservação de usos e costumes e na organização do espaço e do tempo, englobados pela valorização da noção de trabalho. O mapeamento dos símbolos emblemáticos de pertencimento traz fortes referências às relações familiares, de sociabilidade e de definição de características identitárias singulares que distinguem os grupos colonizadores da região.

O capítulo seguinte, “Os novos tempos”, trata das mudanças compreendidas nas trajetórias de vida na relação com a cidade e das constantes negociações sociais dos avós diante das transformações drásticas decorrentes dos processos de modernização, facilitadas pela interação com os netos.

No capítulo “Da arte de viver na diversidade dos tempos”, trata-se de reconhecer as representações sobre o envelhecimento e os mecanismos acionados para realizar a reelaboração e a incorporação de um passado renovado por novos sentidos e significados. Propõe-se, diante disso, perceber o lugar que as relações intra e intergeracionais, em que estilos de vida e projetos individuais são diferenciados, encontram ressonância em aspectos constitutivos das suas condições de sujeito.

Finalmente, “A experiência narrada de geração à geração” é o capítulo em que se busca conformar a transmissão dos hábitos coletivos perpetuados pelo contexto familiar, e inseridos em uma ordem maior que é a da comunidade local. Parte-se da noção de rastro para compreender o tempo híbrido, resultante do tempo passado reelaborado no tempo presente, fundado em uma relação de afeto compartilhada entre avós e netos.

Capítulo 1

A pesquisa antropológica em Teotônia e Westfália



Imagem 1



Imagem 2

1.1 O ritual de entrada no campo de pesquisa

O estudo antropológico apresentado nesta dissertação foi desenvolvido na cidade de Teutônia (RS), no período que compreende os anos de 2000 e 2001. A investigação consistiu de uma pesquisa etnográfica baseada em um trabalho de campo na localidade com inserção da pesquisadora no âmbito da comunidade¹.

A elaboração deste estudo compreendeu diversas técnicas de pesquisa. Em um primeiro momento recorreu-se a um estudo bibliográfico e a documentos históricos que elucidaram sobre a formação social e política do município de Teutônia. Esta revisão histórica foi um procedimento permanente no decorrer da pesquisa. São seguidos aqui os ensinamentos clássicos de Bronislaw Malinowski, em sua obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1976), e de Marcel Mauss, em seu *Manual de etnografia* (1993), ao sugerirem a construção da morfologia e de quadros sinópticos do grupo. Essas informações históricas e de organização socioeconômica permitiram reconhecer o universo a ser pesquisado bem como identificar questões relevantes do problema de pesquisa e defini-lo com maior rigor.

Buscou-se igualmente desenvolver entrevistas semi-estruturadas com membros da administração pública, das congregações religiosas, e de instituições comunitárias com o objetivo de mapear as estruturas fundantes da sociedade local. Por meio dessas entrevistas, objetivou-se ultrapassar as aparências imediatas da documentação escrita para descobrir representações e conceitos manifestos dos sujeitos e suas relações mais extensas com os fenômenos históricos.

A espinha dorsal desta pesquisa foi a convivência com famílias teutonienses, buscando desenvolver entrevistas livres com tema guiado pela pesquisadora. Mas o convívio cotidiano permitiu igualmente uma observação direta sistemática de seu cotidiano e hábitos do grupo, descritos sistematicamente em diários de campo.

¹ O conceito de comunidade aproximou-se da proposta de Eckert em seu estudo de mineiros de carvão: "Identifico este grupo (...) como uma comunidade (de trabalho) porque esta conceituação ajuda a compreender a maneira própria de os personagens em questão cartografarem o seu mundo de pertencimento social e de recortar as fronteiras culturais em relação ao mundo (...). Comunidade (de trabalho) é uma outra maneira de dizer grupo de identidade, de destino (...), relações marcadas por uma trajetória, uma condição de vida em comum, assim como são comuns valores como a solidariedade, a reciprocidade, a cumplicidade. Uma comunidade igualmente recortada por outras unidades de identidade fundamentais como família, religião, bairro, vizinhança, sindicato, partidos políticos etc, que são ora complementares, ora dilacerantes das fronteiras imaginadas como constitutivas da comunidade (de trabalho). O processo de reatualização destas fronteiras é uma manipulação incessante das diversas referências sócio-culturais inscritas sobre as propriedades de situações variáveis. Esta tensão coloca em destaque a dinâmica histórico-social. Na maneira de cartografarem seu mundo de pertencimento com significação, os entrevistados acionam as referências culturais que os transportam a estes micromundos de pertencimento e que os fazem deslizar num feixe de valores em relação aos universos complementares individualista/holista que se distinguem segundo a situação à qual o valor é suposto". (Eckert: 1994:15)

Os primeiros contatos com o grupo foram realizados de forma regular aos finais de semana², nos quais se buscava reconhecer o universo de pesquisa e expor suas intenções naquela localidade junto aos representantes oficiais da comunidade.

Esses contatos e entrevistas foram intensificados no segundo período de inserção no grupo, compreendido nos meses de janeiro a fevereiro de 2001, período em que se pretendeu dinamizar o exercício de observação direta e/ou participante da pesquisadora no cotidiano da comunidade teutoniense com a finalidade de reconhecer nas ações de seus componentes o *ethos* conformador dessa comunidade. Essa etapa compreendeu a presença da pesquisadora como parte do contexto, em uma relação face a face com os pesquisados, em que a coleta de dados foi realizada no cenário cultural ou universo de pesquisa com o objetivo de experienciar e compreender a dinâmica dos atos e eventos e, precisamente, alcançar o sentido que os pesquisados lhes atribuíram.

As redes partiram de grupos de sociabilidade entre velhos moradores da localidade de Teutônia, avós de origem germânica, com preferência para casais ou viúvos com um relativo convívio com familiares da geração dos netos (ou bisnetos).

Durante esse período de presença em campo, buscou-se desenvolver visitas sistemáticas à rede de informantes, formada de habitantes idosos de Teutônia, com o objetivo de estimular as suas narrativas sobre a formação da cidade e seus testemunhos da trajetória do grupo e situação familiar no presente, como a relação entre avós e netos. Buscou-se, com essa técnica, "o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu" (Queiroz, 1988: 20). A trajetória da pesquisadora foi focalizada em alguns aspectos específicos dentro do conjunto de depoimentos que encerram a sua história de vida e da cidade.

Houve, também, uma especial contribuição da Secretaria Municipal da Cultura, disponibilizando material bibliográfico, através do qual foi possível estruturar a perspectiva histórica em relação ao cotidiano investigado, disponibilizando uma tradutora para entrevistados que só falavam a língua alemã e, simultaneamente, disponibilizando o acervo que compõe o Museu Municipal.

Junto às entrevistas livres foram feitas imagens como mensagem etnográfica, em que os sinais visuais de uma cultura agem como facilitadores para a aquisição de novas interpretações, valorizadas pela reflexão conjunta (pesquisador e pesquisado) das informações obtidas por esses sinais. O texto visual provoca outras possibilidades interpretativas pela sua

² Período de obtenção de créditos na formação de mestrado no PPGAS.

capacidade de reproduzir e sugerir sentimentos, valores e crenças, sendo, dessa forma, um auxílio importante na tarefa de compreender os significados e valores que ordenam e dão sentido ao sistema social em um contexto específico.

Ao iniciar o trabalho de campo, com visitas aos finais de semana, observou-se que se tratava de uma comunidade com um comportamento bastante reservado, próprio de sua origem e condição de adaptação vivida por seus antepassados³. Essa característica foi fundamental na decisão de morar por um período em Teutônia, e de adotar a observação direta e participante.

A aproximação junto à comunidade mostrou-se, inicialmente, muito formal e permeada por reservas e falta de confiança. Nesse período houve relutância em informar que havia uma relação familiar da pesquisadora com membros do universo de pesquisa, o que aliás, havia determinado a escolha desse campo de pesquisa. Essa resistência em colocar essa questão familiar se deu em virtude da preocupação de evitar que a investigação ficasse muito marcada pela rede dos laços de parentesco.

Entretanto, a dificuldade de formar uma rede e o processo lento e segmentado que se transformou na estadia na localidade levou a uma visita ao Museu Municipal onde uma imagem fotográfica do Tenente Idílio de Vasconcellos exposta em um mural, revelou a identificação da pesquisadora como “neta” do mesmo uma vez que era casada com o seu neto. A partir desse fato, o próprio Museu passou a auxiliar na formação da rede social e forneceu uma funcionária para acompanhar-me nas entrevistas a informantes que não dominavam a língua portuguesa.

O aspecto relacionado à falta de conhecimento do idioma alemão foi um fator complicador na coleta de dados nessa comunidade, já que o trabalho centrou-se em entrevistas e em histórias de vida e das famílias. Em alguns casos, podia-se contar com informantes que falavam português, porém quando encontravam-se com familiares ou conhecidos e vizinhos usavam incondicionalmente os dialetos “hünsrik” ou “sapato de pau”⁴. Vários desses momentos senti-me em desvantagem na dinâmica das ações cotidianas entre os membros do grupo que estava em contato. Ou seja, a situação de troca que parecia estar estabelecida, reduzia-se aos membros isolados da geração de avós, com quem mantive o contato para entrevista, ficando à margem do processo de interação com os outros membros que mantinham-se dialogando através dos dialetos.

³ Essa questão será aprofundada no capítulo que se refere ao processo histórico na construção dos municípios de Teutônia e Westfália.

⁴ Esses dialetos são tratados no capítulo acima referido.

Essa questão não comprometia, em absoluto, os laços de amizade e os compromissos firmados entre a pesquisadora e os informantes, pois percebia-se que a prática era constitutiva do *ethos* do grupo. Diante da minha solicitação para haver tradução ou para que os diálogos fossem feitos de forma a serem compreendidos pela pesquisadora, o pedido era atendido imediatamente, no entanto, quando o envolvimento com o que estava sendo tratado se estabelecia, os membros do grupo acabavam perdendo o controle sobre a solicitação.

Com os dados disponíveis, dos quais se buscou apreender as categorias culturais do grupo com que a população investigada articula experiências de sua vida social e ordena suas práticas coletivas, aliados à observação realizada ao longo do trabalho em campo, busca-se explicar os aspectos já enunciados, como a identidade do grupo, cruzando-o a partir da análise antropológica.

A aceitação, por parte do grupo, da presença sistemática da pesquisadora em suas casas e rotinas segue uma preocupação ética sobre a qualidade dessa inserção, o diálogo e a reciprocidade. Objetivou-se explicar aos sujeitos contatados a finalidade da aproximação da pesquisadora, e obter a concordância dos informantes sobre a coleta de suas narrativas e a tomada de imagens. O uso do consentimento informado foi adotado, portanto, tanto para as entrevistas livres quanto para as imagens produzidas na população quando essas foram definidas em torno de indivíduos específicos.

1.2. O contexto de pesquisa: o município de Teutônia

“Saí de Porto Alegre às 9h da manhã. O dia estava lindo, um sol de intensa claridade contrastava com a temperatura baixa, fato raro nesta época do ano. A viagem de carro foi tranqüila, em companhia apenas da melodia entoada com leveza pela cantora Marisa Monte, de seu último CD. Na estrada da produção (BR 386) há um grande fluxo de caminhões, até a aproximação da cidade de Montenegro. Após uma hora nesta estrada, avisto a placa indicando a entrada para Teutônia. A paisagem, ao dobrar à direita, como indicava a placa de sinalização, altera sensivelmente: o céu surge pleno na minha frente, num tom azul forte; o restante da paisagem parece submeter-se autorizando exclusividade àquela beleza. É uma subida íngreme, que sugere uma sensação de mergulho na intensidade do azul do céu. Aos poucos, com o final da subida, a paisagem recorta o azul, passando a adquirir formas e tons tão exuberantes quanto o do céu. Há, sem dúvida, forte concorrência sobre um possível domínio de ‘tom sobre tom’. Os campos verdes enfeitados com canteiros coloridos compõem um novo horizonte. Ao longo da estrada, após o cartaz que alude às boas vindas à cidade, observam-se as paradas de transporte coletivo enfeitadas com pinturas de tamancos de madeira⁵. Alguns poucos quilômetros adiante chega-se ao Centro Administrativo de Teutônia. É um local especial, onde traços da germanidade são evidenciados nas edificações, nos jardins, na estruturação das instalações que formam o Centro, no silêncio que invade todos os espaços. Teutônia é um belo nome, é o nome ideal.” (Trecho extraído do Diário de Campo – 22/05/2000)

⁵ Depois de algumas entrevistas e visitas, soube-se que o símbolo da cidade de Teutônia é o sapato de pau, de origem westfaliana.

TEUTÔNIA NA LOCALIZAÇÃO REGIONAL

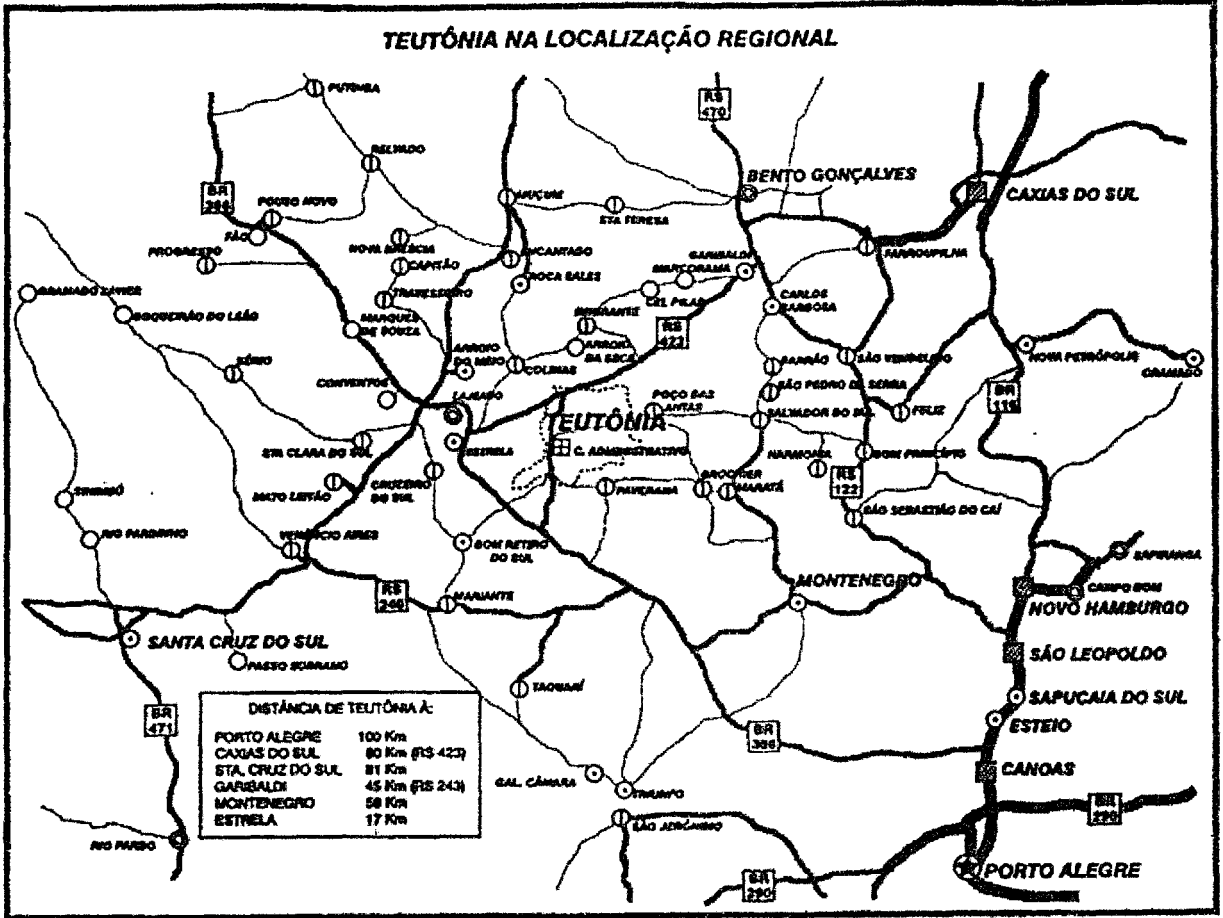


Imagem 3

MUNICÍPIO DE TEUTÔNIA
ESCALA = 1:750.000

Mapa do Município de Teutônia

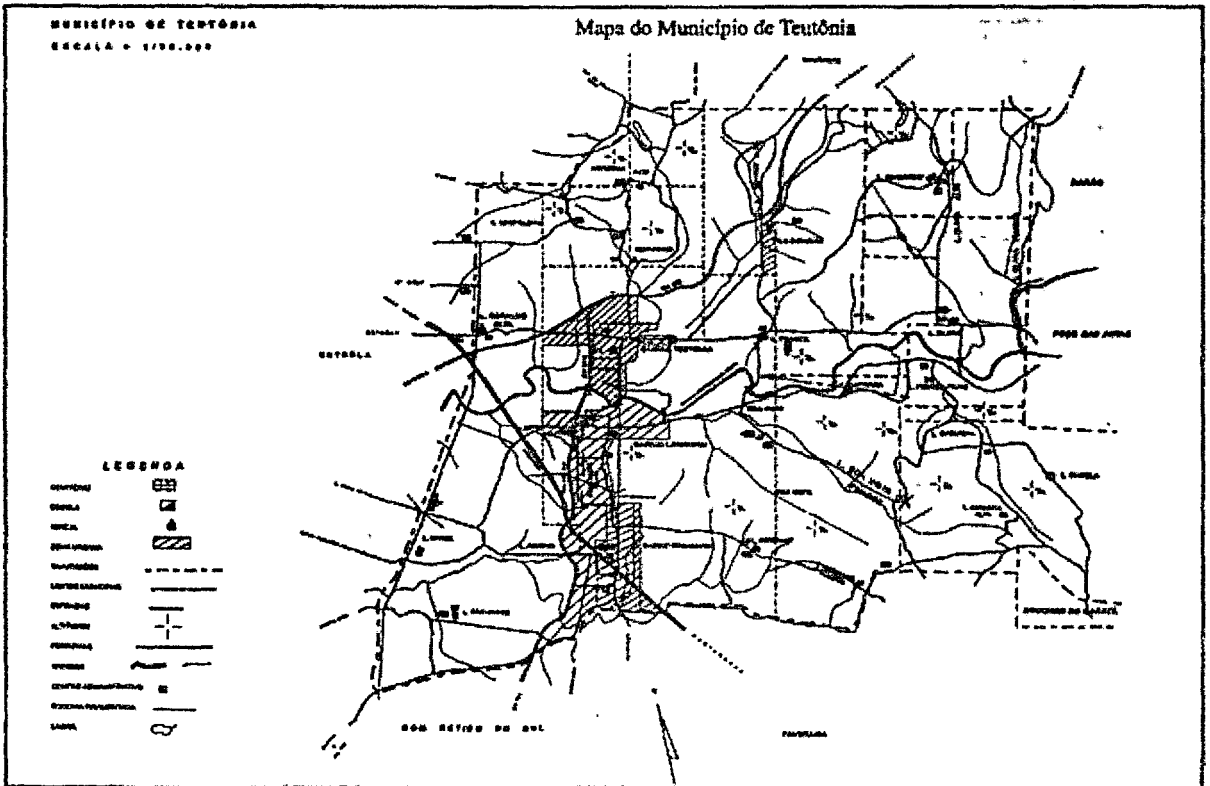


Imagem 4

A cidade de Teutônia localiza-se a 100 km da capital do Estado do Rio Grande do Sul, em direção ao oeste. Seus limites estão circunscritos em uma região entre os municípios de Estrela ao oeste, Bom Retiro ao sul, Encantado ao norte e Montenegro ao leste. É um dos municípios que compõe o Vale do Taquari. É uma área que abrange um território de 227 km², com relevo acidentado situado entre vales. O complexo hidrográfico é rico, composto por rios e riachos que afluem para esses municípios.

A cidade é relativamente pequena, composta por três bairros dispersos que se interligam por linhas e picadas, que compõem a zona rural do município. A população é de 23 mil habitantes, em que a maioria é de origem germânica, e possui um índice de alfabetização superior aos 90%. A rede rodoviária que conecta os bairros é muito confortável, asfaltada e, geralmente, florida ao longo de suas trajetórias. A beleza do local está relacionada ao capricho e cuidado da população. Os abrigos de transporte urbano, as praças e os jardins são decorados com motivos da origem germânica.

Os bairros que compõem a área urbanizada são três:

O bairro Canabarro, que concentra a maioria das indústrias do município; a população que habita esse espaço está vinculada, em sua maioria, a esse setor. Pode-se considerá-lo como um bairro que abriga a grande parte da classe operária. Essa, por sua vez, é composta em sua minoria por descendentes dos colonos alemães e na sua maioria por uma mão-de-obra chegada mais recentemente no município atraída pela oferta de emprego na zona industrial, vinda de diferentes locais e regiões, de origens étnicas diversas. Os descendentes de alemães, nesse bairro, tendem a dedicar-se a atividades vinculadas ao comércio, herdeiros das antigas casas comerciais que vendiam qualquer espécie de artigo, desde manteiga a ferramentas e combustível para lampiões. Hoje são casas comerciais com venda de artigos específicos, que atendem à demanda da população de maioria “brasileira” que trabalha nas indústrias. O bairro conta com serviços de bancos e posto de saúde, o que, no conjunto, fornece certa autonomia.

O bairro Languiru é onde o comércio do município está instalado com maior vigor. Nele está o hospital da cidade, bancos, lojas comerciais, serviços de ordem geral. A população que nele reside é de origem germânica na sua grande maioria. Pode-se afirmar que esse bairro concentra as atividades gerais, necessárias à população teutoniense. Possui um fluxo intenso de pessoas e de veículos e é onde o acesso aos outros bairros é facilitado. Nele instalou-se a pesquisadora no período de pesquisa de campo. O hotel ficava próximo ao maior supermercado da região, em posição diagonal à rodoviária municipal. Essa mantém uma intensa circulação de pessoas, tanto usuários do transporte coletivo que percorre os bairros e as picadas quanto os que vêm à cidade em transportes intermunicipais.

O bairro Languiru caracterizou-se, desde o princípio, por ser o local mais urbanizado da região, ainda que o bairro de Canabarro detenha o maior índice populacional. Pode-se considerar que é a partir dele que os fenômenos que envolvem a comunidade de maneira geral acontecem.

O bairro Teutônia tem o mesmo nome do município e é um bairro considerado tradicional pela população, é residencial e concentra parte das famílias com razoável poder aquisitivo do município. Nele encontra-se uma escola agrícola reconhecida na região do Vale do Taquari como um ícone na transmissão de conhecimentos avançados na área da agricultura e de criação de animais, fortalecida pela tradição da igreja luterana. A comunidade é mantenedora desse estabelecimento de ensino, por intermédio de uma fundação.

Esse bairro é considerado um importante espaço que abriga o patrimônio arquitetônico e as formas de sociabilidade tradicionais da comunidade pelo fato de que nele há a primeira igreja edificada da região, onde se realizam os cultos dominicais, festas religiosas e familiares e o Clube Teutoniense, que possui um dos corais de maior destaque da cidade, construções do século XIX bastante conservadas pela comunidade.

Por fim cabe assinalar que, em relação ao município de Teutônia, a industrialização que explodiu após a emancipação obrigou a administração municipal a cooptar mão-de-obra oriunda de diferentes lugares do Estado. Em consequência dessa demanda, houve um forte movimento migratório em direção à cidade, cuja massa populacional trouxe consigo diferentes subgrupos do interior da cultura dominante, de um país cujos traços culturais são inúmeros.

Esse processo de industrialização trouxe ao município novos traços culturais, novos desafios, assim como novos conflitos que têm origem nas antigas dilacerações como racismo, discriminação etc. Um signo desses conflitos é o surgimento do analfabetismo na localidade. Segundo o senso do IBGE de 1980, Teutônia era o segundo município com o menor índice de analfabetos do país – informação extraída de uma reportagem da revista Veja, em anexo. Além desse fator, o deslocamento populacional ocorreu com tamanha intensidade que se formou um grande contingente de desempregados e, conseqüentemente, problemas de violência urbana e criminalidade. O bairro Canabarro é hoje o local que concentra o maior índice de criminalidade do município.

1.3 A nova cidade vizinha: o município de Westfália, antiga Vila Schmidt do Município de Teutônia

No período da inserção da pesquisadora na comunidade, firmava-se a administração municipal de Westfália, eleita no último plebiscito de outubro de 2000. Apesar de essa cisão política ser, naquele momento, a tônica dos acontecimentos entre os moradores das duas localidades, muitos entre eles, sobretudo com o argumento de pertencerem à mesma comunidade e terem as mesmas tradições na região, não se reconheciam desvinculados culturalmente. Em vista dessa questão, o universo de pesquisa não se limitou ao Município de Teutônia, abrangendo o “município-filho” (Woortmann, 1994: 1), Westfália.

A Vila Schmidt, como surge no mapa da cidade de Teutônia, é chamada de Linha Schmidt. Habitada pelos colonos vindos da Westfália, na “Alemanha”⁶, é uma comunidade com fortes traços de diferenciação. Localizada na parte norte da região que compreendia o município de Teutônia, a Linha Schmidt emancipou-se por intermédio de um plebiscito popular ocorrido em 1999. Teve a primeira eleição para prefeito em 2000, concretizando, assim, o desejo de sua comunidade e transformando-se em município de Westfália – nome que homenageia o local de origem dos colonos pioneiros estabelecidos nessa região a partir de 1868. Quando esses colonos ali chegaram, a região era dominada por intensa mata pluvial subtropical, característica que ainda se percebe no trajeto que lhe dá acesso. Para se chegar ao novo município, segue-se pela estrada Via Láctea, que dá acesso ao município de Teutônia; ao final da estrada, dobra-se à direita adotando a estrada Rota do Sol. Alguns poucos quilômetros adiante há sinalização de ingresso à pequena cidade.

A cidade possui uma rua central asfaltada, com duas vias para transitar, separadas por canteiros floridos e meio-fio pintado de branco. Nessa parte, que poderia ser considerada o “centro” da localidade, encontra-se a sede da prefeitura, algum comércio pequeno e, ao fundo, a igreja luterana erguida na encosta do morro. É a edificação mais imponente da “avenida”, sinal da sua importância no seio da comunidade. A paz e o sossego são os donos do local, pois poucos transeuntes são vistos pelas calçadas, aspecto bastante diferente dos bairros de Canabarro e de Languiru, na cidade de Teutônia.

É de rara beleza a zona rural do município de Westfália. Entre os terrenos acidentados encontram-se pequenas propriedades rurais que surgem ora entre morros e montanhas, ora

⁶ “Durante toda a primeira metade do século XIX, ainda não existia no mapa da Europa um país chamado Alemanha, unificado politicamente. O que existia era o conjunto de 39 Estados independentes, uns de economia predominantemente agrícola e outros procurando impulsionar a industrialização. Esses Estados, que se mantinham sob a liderança da Prússia e da Austria, formavam desde 1815 a Confederação Germânica”. (COTRIM, 1996: 318)

entre matas cerradas. As pradarias na frente das propriedades mantêm a característica da germanidade, a de cuidado e zelo: são floridas, geralmente com pequenas sangas que se ultrapassam por meio de pontes mínimas. Nessa região, na parte mais elevada, encontra-se o Lago da Harmonia⁷, que é uma região de lazer, com notável exuberância e com pequenas cabanas em estilo “enxaimel”, que constituem o complexo do hotel ali instalado.

As propriedades rurais da região ocupada pelos westfalianos mantêm-se voltadas exclusivamente à produção de produtos primários, como leite, aves, frutas, verduras e forragens, diferentemente das propriedades dos colonos hunsrück, que diversificaram sua produção e exercem, paralelamente, uma atividade burocrática nas cooperativas ou em órgãos públicos. Pode-se afirmar que a comunidade mantêm características menos urbanizadas, voltadas ao trabalho na terra.

1.4. O ritual de instalação na pesquisa de campo

Desde a chegada na cidade de Teutônia e os primeiros contatos com a população local, buscava-se deixar claros os objetivos do pedido de relacionamento, explicando o interesse em desenvolver uma pesquisa sobre a comunidade local. Nessas situações a apresentação era como pesquisadora em antropologia, procurando deixar transparente o significado do papel de ser alguém de outra cidade, estranha e estrangeira ao local, objetivando uma troca de saberes e a aceitação nessa comunidade que havia selecionado como universo de pesquisa.

No mês de janeiro e parte do mês de fevereiro de 2001 a pesquisadora se estabelece na cidade para então, desenvolver um trabalho de campo. A princípio acreditava-se ser possível dispor de um “lar” mediante o aluguel de uma casa. A disponibilidade de imóveis para locação no município é reduzida e restrita a uma área construída pela administração municipal para abrigar a população excedente, que compõe a classe operária das indústrias locais. Nesse complexo habitacional moram pessoas que vieram de fora em busca de oportunidades de trabalho, em um período de expansão econômica proposta pela recém-estabelecida administração municipal de Teutônia, na década de 80, como conseqüência do processo de emancipação de Teutônia do município de Estrela em 1981.

⁷ Curiosa foi a reportagem extraída do caderno “Viagem” do jornal Zero Hora, um dos jornais de maior tiragem no Rio Grande do Sul, produzido em Porto Alegre, em que se tem uma manchete com os seguintes dizeres: “Teutônia inaugura a Rota Germânica” e, numa chamada em destaque da reportagem, encontra-se o seguinte: “Roteiro: melhor da visita é a Lagoa da Harmonia”. O texto da reportagem também traz destaque ao local, sem mencionar o Município de Westfália. (Reportagem em anexo, do Jornal Zero Hora do dia 23/10/2001.)

Como esse local era distante dos núcleos habitados pela comunidade de “origem”, alvo do interesse da pesquisa, a pesquisadora instalou-se em um dos dois hotéis que possui o município. O hotel localizava-se no centro de uma área comercial do bairro Languiru, onde a população circulava constantemente e onde habitava parte da comunidade de “origem”, famílias tradicionais cujos membros eram descendentes de uma parte significativa dos colonos que ali se estabeleceram e formaram a antiga Colônia de Teutônia. O restaurante do hotel era muito freqüentado, principalmente aos domingos, por famílias que se reuniam para confraternizar. Ao longo da semana, o público que fazia as refeições no hotel restringia-se a viajantes, representantes comerciais e trabalhadores de outras localidades que mantinham relações profissionais com instituições públicas e estabelecimentos privados do município.

Esse espaço contribuiu com grande parte do material adotado para análise, uma vez que oportunizou inúmeros encontros de famílias, que se dirigiam ao restaurante do hotel aos domingos. Esses momentos proporcionavam a observação, pois as ações dos indivíduos e suas disposições éticas eram conformadoras de um conjunto, de um *ethos*, observados com o distanciamento mais amplo do que nas reuniões das famílias em suas unidades domésticas.

Outro fator que contribuiu decisivamente na dinâmica do trabalho de campo foi dispor de uma condução própria cuja mobilidade facilitada contribuiu na circulação eficiente e rápida por entre os bairros do município, e no acesso ao meio rural sem a preocupação de manter o horário limitado – situação a que se estaria sujeito caso viesse a depender do transporte coletivo, que possui horários esparsos, pouco freqüentes.

A pesquisadora tentou iniciar a pesquisa acreditando ser uma tarefa não tão árdua como se configurou nos primeiros tempos. Por meio de contatos por telefone e com indicação de alguém da comunidade⁸ buscavam-se novos informantes, dos quais se recebiam respostas ora negativas, ora positivas.

1.5. Os “imponderáveis” na construção da rede social local

Ao chegar no local da entrevista deparava-se com pessoas bastante reservadas, limitando o tempo de “conversa” em meia ou no máximo uma hora. Com a frustração em relação às dificuldades de aceitação no grupo, e com a morosidade de evolução do trabalho de campo e a percepção de que a rede a ser formada estava a cada dia mais comprometida com o

⁸ Inicialmente houve a indicação da esposa de um sobrinho da avó do marido da pesquisadora. A partir desse contato outras entrevistas foram encaminhadas, porém com reservas bastante significativas.

prazo para desenvolver a pesquisa, resolveu-se adotar uma estratégia outra de inserção na comunidade, fazendo uso do *status* “de origem”, por intermédio da descendência do marido da pesquisadora – sua avó (Selma), nascida em Teutônia.

Houve uma mudança considerável na forma de recepção. Porém, a avó não era exatamente a pessoa de prestígio que concedia autoridade para conhecer com maior profundidade as pessoas da comunidade; quem realmente era valorizado enquanto ascendente era o avô – “um brasileiro”, deslocado para comandar o Tiro de Guerra de Teutônia no período da II Guerra Mundial, em que houve uma extrema repressão às comunidades de descendência germânica no Rio Grande do Sul⁹.

Conforme relatos de membros da família de marido da pesquisadora, o avô – Tenente Idílio – era um “brasileiro” que viera para a localidade a fim de ocupar um posto de instrutor do Tiro de Guerra na então Colônia de Teutônia. Embora ocupando um encargo oficial repressor, foi reconhecido como um homem ponderado e respeitoso na comunidade a quem devia “vigiar”. Nesse sentido, os relatos sugerem que ele reconhecia a ação de violência simbólica (para tomar emprestado um termo de Pierre Bourdieu) contra a comunidade que aprendeu a admirar e a conhecer profundamente. A partir de sua convivência intensa, a aproximação com uma mulher de descendência alemã resultou, posteriormente, no seu casamento com alguém de “origem” – Vó Selma¹⁰.

Acredita-se que esse fato seja bastante ilustrativo com relação à questão étnica nessa nação de colonização como foi o caso do Brasil para a imigração alemã: ser “de origem” não está necessariamente acima dos valores de comunhão como o de solidariedade e de reciprocidade. Tais atos de solidariedade, entretanto, deverão sempre serem contextualizados por pesquisas sobre a microssociedade, contribuição que a etnografia e a etnologia têm sistematicamente produzido ao dar conta da situação (Evans-Pritchard, 1999) em que as relações se produzem. Mas sugere-se, nesse caso, que o respeito e a afeição são conquistados a partir de relações em que o valor englobante (Dumont, 1983) é abstraído da religiosidade, isto é, “a religião une a sociedade, sustenta valores, mantém a moral, impõe ordem ao comportamento público, mistifica o poder, racionaliza as desigualdades, justifica as injustiças e assim por diante”(Geertz, 2001: 159), uma vez que o Tenente Idílio converteu-se ao

⁹ Sugere-se que o leitor recorra ao capítulo histórico para melhor compreender a conjuntura desse período especificamente.

¹⁰ Seu nome antes de casar-se com o Tenente Idílio era Selma Brust, neta de um imigrante oriundo da região do Hunsrück, que foi um dos colonos pioneiros a ocupar as terras da antiga Picada Brust, hoje denominada Linha Germano, do município de Teutônia.

luteranismo e também atuou de forma compreensiva e solidária em um momento traumático que vivia a comunidade.

Tendo como referência o papel de “neta” do Tenente Idílio, os contatos realizados a partir daí foram ocorrendo sem dificuldade alguma, e o envolvimento, em franco crescimento, passou a ter o sentido que se reconhece em Bachelard: “a integração dos poderes imaginativos no coração do ato da consciência” (Bachelard apud Durand, 1993: 71), ou seja, o encantamento pelos “valores que dão sentido às práticas sociais enfatizadas, imprimindo lógica e sentido à vida” (Eckert, 1993) transformou em admiração o que antes despertava apenas o sentimento de frustração.



Imagem 5

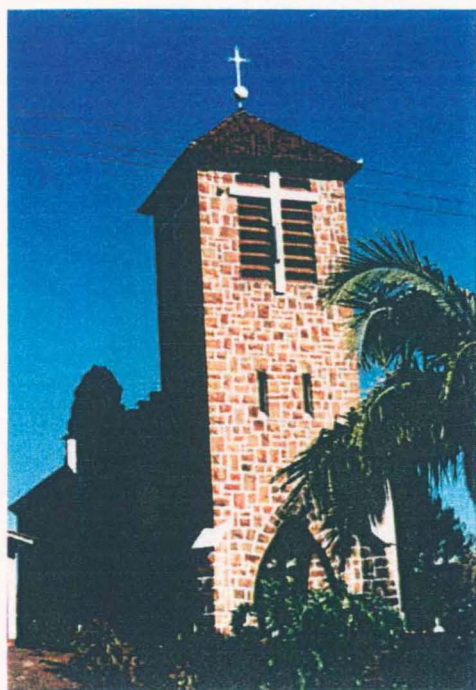


Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8

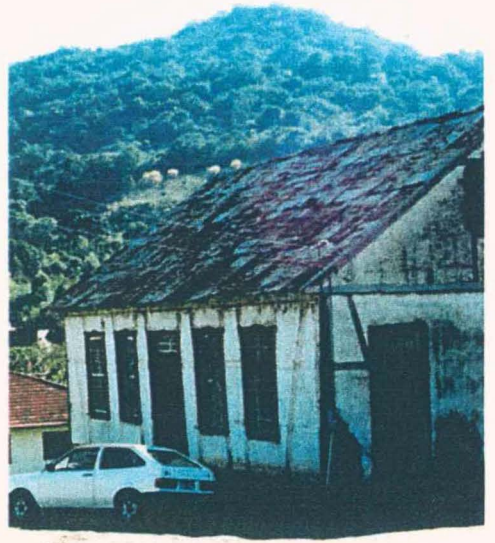


Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11

Capítulo 2

Cidade e memória: a comunidade teutoniense



Imagem 12

O propósito, aqui, é tratar da memória dos habitantes de Teutônia sobre sua cidade e sua comunidade a partir da relação “trans” e intergeracional.

Nessa pesquisa, desenvolveu-se uma relação, pelo menos, com três gerações teutonienses, descendentes dos imigrantes alemães que fundaram a cidade, conforme explicitado no próximo capítulo. Foi privilegiado o ponto de vista da geração mais velha para conhecer, a partir de seus testemunhos, o processo de construção desse núcleo populacional, hoje cidade. Nesse sentido, partiu-se das seguintes questões antropológicas: Quem são os teutonienses? Como pensam? Como vivem? Como se organizam e interagem? Quais seus conflitos e contradições? Quais são suas referências ao passado e seus projetos futuros?

Trata-se, nesse sentido, de dar conta da trajetória dessa cidade a partir da noção de um “mito” de fundação e das transformações vividas no processo dos cotidianos de seus antepassados e nos seus próprios, segundo suas narrativas sobre esse território-mito, compreendido aqui no sentido dado por Claude Lévi-Strauss¹¹, para quem o mito tem por objetivo fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (Levi-Strauss, 1975). Como ensina esse autor, os homens, ao narrarem (“o mito”) o que pensam, contam a si mesmos os eventos e acontecimentos que lhes significam e lhes dão sentido lógico de existência no mundo. Narrar a fundação dessa localidade, é tomar consciência dos eventos e dos acontecimentos que lhes tornaram o que são hoje. Estado mental que é ritualizado em eventos cotidianos (falar o dialeto, por exemplo) e extraordinários (festas anuais, por exemplo), que colocam em evidência a memória coletiva do grupo.

Teutônia é uma cidade com características interioranas, ou seja, por um lado traz as características de um contexto urbano devidas à sua estrutura econômica, política e administrativa, por outro lado, mantém fortemente as características de uma vida ritmada pela sociabilidade “de interior”, onde se colocam de forma mais intensa as relações intergeracionais, as relações familiares, de vizinhança, de bairro, relações religiosas e associativas, e onde pessoas e redes se cruzam conformando um território de pertencimento e de identidade no cotidiano, em que uma memória coletiva é tecida.

A noção que guia o referencial teórico-metodológico é o conceito de memória coletiva, aqui mais especificamente de “memória transgeracional” (Halbwachs, 1990) e/ou

¹¹“Ora, a característica do pensamento mítico é a expressão auxiliada por um repertório cuja composição é heteróclita e que, mesmo sendo extenso, permanece limitado; entretanto, é necessário que o utilize, qualquer que seja a tarefa proposta, pois nada mais tem à mão. Ele se apresenta, assim, como uma espécie de *bricolage* intelectual, o que explica as relações que se observam entre ambos.” (Lévi- Strauss, 1997: 32)

“memória compartilhada” (Ricoeur, 2000) a partir de uma etnografia da narrativa “na” e “da” cidade que se pode denominar de “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2001).

Nesse sentido buscou-se dar conta da problemática da transmissão de valores, *ethos* e visão de mundo construídos na relação geracional, mais especificamente através da narrativa dos velhos habitantes de Teutônia que, ao transmitirem suas memórias e reminiscências, socializam seus filhos e netos na tradição de seu *ethos* de pertencimento, fortemente enraizado em uma trajetória de descendência alemã, bem como ressitua esses valores no contexto do tempo presente reordenando-os nas novas condições socioculturais produzidas pela imigração para o Rio Grande do Sul.

Recorre-se a Halbwachs (1990) para analisar a transmissão da tradição, uma vez que, segundo ele, a afetividade é dada nos laços sociais e a partir da relação entre gerações, mais privilegiadamente na figura do avô/avó, narradores em potencial da história e trajetória de seu grupo no papel de guardiões da memória coletiva.

Maurice Halbwachs, seguidor de Emile Durkheim e colega de trabalho de Marcel Mauss, permite, em sua obra, e mais precisamente no seu artigo “Memória coletiva e memória histórica”, valorizar a questão da ligação transgeracional como a forma de transmitir a história apreendida e a memória viva no cotidiano dos sujeitos sociais.

Esse aspecto encontra-se contemplado em Lins de Barros, ao citar Halbwachs sobre o caráter social da reconstrução das lembranças:

“Ao pretender expor o caráter social de reconstrução das lembranças, Halbwachs acaba realçando o aspecto individual da memória, que encerra um sentimento próprio e particular. Sua existência tem um caráter único, decorrente de sua posição espacial e temporal e que apenas um único e determinado indivíduo possui em sua biografia. Mas, em relação a esse ponto, Halbwachs vai além. As lembranças estariam alojadas no inconsciente, e afirma que, embora precisemos dos outros para a reconstrução, as marcas do caminho já estão presentes nos indivíduos”.(Lins de Barros, 1987: 76)

Para Halbwachs, como bem mostra Ricoeur (2000: 513), a familiarização com a memória vivida é sobretudo uma experiência intrageracional, ou seja, uma experiência vivida transmitida de geração para geração. Essa familiarização, ou um sentimento de pertença, segundo o autor, consiste em um percurso iniciático pelos círculos concêntricos que são o meio familiar, as camaradagens, as amizades, as relações sociais de parentesco e a descoberta do passado histórico pela interpretação da memória dos ancestrais. Ricoeur problematiza esse

fenômeno de transmissão de avós para netos, de pais para filhos, assim como da memória transgeracional. Segundo esse autor:

“Trata-se de uma experiência forte, que contribui a alargar o círculo dos próximos abrindo-o em direção a um passado, que, em pertencendo aos nossos ascendentes ainda em vida, nos coloca em comunicação com as experiências de uma outra geração que não é a nossa... A noção de geração aqui é chave e oferece este duplo sentido, o de contemporaneidade de uma mesma geração, à qual pertence o conjunto de seres de diferentes idades, e de seqüência de gerações, no sentido de substituição de uma geração por uma outra... conhecemos bem este triplo reino de predecessores, de contemporâneos e de sucessores”. (Ricoeur, 2000:514)

Sugere-se que a relação transgeracional é fonte de comunicação recíproca de experiências e de recomposição da memória vivenciada coletivamente, dinamizando formas de sociabilidade e espaços de interação que “falam” de um grupo de identidade em que a tradição é reinventada em um cotidiano reelaborado no âmbito do processo de modernização e urbanização local, estadual e nacional.

Adota-se, aqui, a noção de tradição a partir de Ricoeur quando denomina “situações de tradição” como tradicionalidade a distância temporal que nos separa do passado é um intervalo de transmissão geradora de sentido: “Antes de ser um depósito inerte, a tradição é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado o presente interpretante.” Ou ainda:

“A noção de tradição, tomada no sentido das tradições, significa que nunca estamos numa posição absoluta de inovadores, mas sempre inicialmente numa situação relativa de herdeiros. Essa condição está essencialmente ligada à estrutura de ‘língua’ da comunicação em geral e de transmissão dos conteúdos passados em particular.” (Ricoeur, 1997:379)

A partir da interpretação das suas narrativas, busca-se desvendar em que sentido esta relação socializa as próximas gerações, em especial os netos, na memória coletiva do grupo (Halbwachs, 1990) e na experiência temporal vivida (Benjamin, 1993) em um contexto teuto-brasileiro.

A importância do papel do narrador, identificado nos avós na cidade de Teutônia, estimula a recorrer a Walter Benjamin quando afirma:

“O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se

perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.”
(Benjamin, 1987: 200-201)

Mais ainda, trata-se de dar conta das trocas sociais em que essa memória é vivida no círculo familiar mas igualmente relacionada a círculos mais amplos. Ou seja, o estudo da narrativa dá conta tanto das relações entre os próximos, aqueles do convívio familiar, parental, ou de amigos, mas também entre redes mais amplas, grupos sociais outros de referência como os movimentos de uma geração (feminismo, luta de classes, etc.), os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, etc.), as políticas econômicas de instituições regionais, nacionais e internacionais, por exemplo. Dessa forma pode-se falar de uma “memória compartilhada” baseada nas relações que alimentam os sentimentos de pertencimento (grupo de baile, grupo de igreja, grupo político, grupo de vizinhança, etc.), em grupos considerados distantes e diferenciados, mas compartilhados em suas mudanças na conjuntura histórica. Como diz Marc Augé, “a relação ao tempo se coloca sempre como singular e plural” (Auge, 1998:81) ou, como pondera George Balandier, deve-se relacionar as representações sociais às transformações estruturais globais, muitas das quais de caráter revolucionário, como o feminismo, a chamada revolução cultural dos anos 60, etc. (Balandier, 1983: 107).

Pois não é só a memória de um indivíduo que está em jogo, mas a memória “de um” é também a memória “de outro”, nos ensina Ricoeur (2000), portanto de um “nós” (diz Paul Ricoeur aproximando-se do fenomenologista Alfred Schutz, o teórico das experiências de relações face a face e entre grupos).

Ao construir seu pensamento sobre o tempo fenomenológico e o tempo cósmico, Ricoeur adota a perspectiva de Alfred Schutz no subcapítulo intitulado “A seqüência das gerações: Contemporâneos, predecessores e sucessores” da obra *Tempo e narrativa* – Tomo III, que diz:

“A sociologia fenomenológica de Schutz é em ampla medida, uma constituição genética do anonimato, instituído a partir da intersubjetividade instituinte: do nós, diretamente experimentado, ao anonimato que escapa amplamente à nossa vigilância. Ora, a ampliação progressiva da esfera das relações interpessoais diretas para as relações anônimas toca todas as relações temporais entre passado, presente e futuro. Com efeito, a relação direta do eu ao tu e ao nós é, desde o começo, temporalmente estruturada: somos orientados, como agentes e pacientes da ação, para o passado rememorado, para o presente vivido e para o futuro antecipado da conduta do outro. Aplicada à esfera temporal, a gênese de sentido do anonimato vai, a partir daí, consistir em derivar da tríade presente, passado, futuro, característica da relação interpessoal direta, a tríade do reino dos contemporâneos, do reino dos predecessores e do reino dos sucessores. É o

anonimato desse triplo reino que fornece a mediação por nós procurada entre o tempo privado e o tempo público.” (Ricoeur, 1997: 191)

Entende-se, então, que a transmissão da tradição, perpassa a identidade do grupo local, reelaborada cotidianamente no contexto histórico-social a que está sujeita a comunidade teutoniense, e no contexto político-econômico da sociedade abrangente que se configura em um processo de modernização.

Pode-se sugerir que este estudo antropológico busca compreender de que forma uma comunidade de origem germânica constrói sua identidade social tendo nos valores “etnia”, “memória”, “família” e “religião”, entre outros, o sistema de valores (“ideo-logia” para Dumont, 1983)¹² no jogo narrativo de pensar-se como grupo de identidade (Soares, 1981).

Sugere-se que o estudo interpretativo dos dados etnográficos da relação entre gerações é revelador das referências identitárias a partir das quais os sujeitos pesquisados concebem sentido às suas trajetórias e ao sentimento de pertencimento étnico. Assim, a questão da identidade implica estudar as trajetórias familiares a partir do ponto de vista da geração dos avós, considerando:

“Os avós ocupam uma posição peculiar frente à coexistência de valores diferentes no domínio familiar. Suas impressões e depoimentos trazem a visão diacrônica de uma realidade que, mesmo não necessariamente elaborada com preocupações sociológicas, representa uma possibilidade de pensar um caminho de mudanças sociais concernentes a um campo social mais amplo do que aquele de sua própria família. A passagem por vários momentos do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, a idade e a experiência constituem dados concretos que servem, no presente, para a elaboração de discursos sobre sua posição na família, bem como sobre a mudança e a permanência de determinados valores familiares”. (Lins de Barros, 1987 : 11)

Isto é, a geração mais velha, ao restaurar as suas experiências, estará traduzindo seu passado individual e suas referências coletivas de um tempo passado em uma perspectiva de um tempo presente, de um tempo do momento narrado. Ou seja, ao narrarem suas experiências, a sua vida, os avós buscam "a lembrança dos acontecimentos que os criaram nos instantes decisivos dos seus passados" (Bachelard, 1988: 39) e, ao contá-las aos seus netos, constroem o espaço-tempo em que “o passado é revivido a partir de um encadeamento afetivo necessariamente presente”, como o sugerem Eckert e Rocha:

¹² Para Dumont, a sociedade ocidental moderna é a única que dissocia fatos e valores e, nessa sociedade, se constata um paradoxo: no plano de sua “ideo-logia”, a Parte (indivíduo erigido em valor axial) engloba o Todo (a sociedade como totalidade), fundando o que Dumont denomina ideologia anti-sociológica.

“No corpo das teses piagetianas e bachelardianas, o esquema da análise temporal da memória torna-se, para o investigador, um ação complexa, adotando este o ponto de vista de um arqueólogo da vida humana, uma vez que a duração se constrói através de diferentes níveis de operações simbólicas e cognitivas, cuja coerência de arranjos permite que a memória funcione como uma estrutura de conhecimento que prepara e mede a justa causalidade psicológica e biológica humana e cuja unidade da matéria resulta da adesão global do ser a um caráter afirmativo da vida contra sua dispersão. (...)”

Assim, ao lado da duração pelas coisas, e não nas coisas, há a duração de um pensamento que investiga – ‘O que permanece? O que é que dura?’, sinalizando-se, então, que permanece ‘apenas aquilo que tem razões para recomeçar’. Na perspectiva bachelardiana, o tempo pensado é tempo vivido em estado nascente, ou seja, ‘o pensamento é sempre, em alguns aspectos, a tentativa ou o esboço de uma vida nova, uma tentativa de viver de outro modo, de viver mais ou até mesmo uma vontade de ultrapassar a vida’ nos ensina o mestre Gaston Bachelard (1989:79 e 1988:76).” (Eckert e Rocha, 2001:32-35)

Neste sentido, segue-se a proposta de uma etnografia da duração cunhada por Eckert e Rocha, para dar conta do estudo da memória narrada que configura uma dialética da duração, ou seja:

“(...) vislumbra o tratamento da memória como conhecimento de si e do mundo a partir do trabalho do recordar narrado pelos sujeitos, ‘o que equivale a dizer que não nos recordamos por simples repetição e que devemos compor nosso passado... a humanidade é a narração, não a recitação’, nos diz Bachelard, 1988, p.55”. (Eckert e Rocha, 2001: 35)

Ou seja, ao contar as suas experiências, o indivíduo ordena as decisões que as constituíram, reconhecendo suas ações sábias para nelas buscar os princípios de continuidade. Adota-se aqui a referência que faz Bachelard (1988) a uma temporalidade descontínua, enquanto duração, baseada na afetividade do sujeito significando suas experiências.

A análise das narrativas segue a noção de memória compartilhada, apoiada na perspectiva de Paul Ricoeur (1994), cuja intriga narrada revela os novos sentidos produzidos a partir da tensão entre o mundo da obra e o mundo do "produtor" (de sentido). A reconfiguração do texto narrado propõe a criação de novos universos como fruto da possibilidade de desconstrução, de fragmentos de vida transformados em fala.

Parte-se da idéia de família proposta por Lins de Barros (1987), quando diz:

"A família pode ser vista como um grupo de pessoas que, unidas pelos laços de parentesco e de afinidade, estabelecem entre si códigos próprios capazes de fazer fluir inúmeras facetas de relacionamentos. A comunhão de uma linguagem reafirma a presença de uma história não só de

laços de sangue mas de laços morais (de socialização), que diz respeito a todos os elementos do grupo. Através dessa história, são alinhavados os laços de parentesco, ao mesmo tempo em que se delineia uma unidade moral familiar". (Lins de Barros, 1987: 12)

Cabe ressaltar a importância, para esta análise, dos estudos de Lins de Barros sobre a relação geracional estruturados a partir do conceito de representação coletiva que discute a relação entre o indivíduo e sociedade. A análise desse conceito parte de duas vertentes teóricas: os trabalhos de Mauss (1969 apud Lins de Barros 1987) e a fenomenologia de Schutz (1979 apud Lins de Barros, 1987). Para o primeiro, "é através da socialização que são transmitidos aos indivíduos os hábitos e as práticas instituídas juntamente com seus significados sociais" (Lins de Barros, 1987:18). Ou seja, é a natureza social das representações coletivas que diferencia as representações individuais, apesar de essas representações coletivas efetivarem-se nas ações e reações das consciências individuais de um determinado grupo. Para Schutz, apesar de o conhecimento do mundo se originar, em sua maior parte, do social, os indivíduos possuem um espaço de escolha e, portanto, a possibilidade de projetar seus futuros a partir de suas experiências de vida.

Com base na análise do simbólico e dos projetos de vida determinados pelas escolhas dos indivíduos, que propõe-se a estudar o trabalho da memória no processo de construção do estilo de vida e do *ethos* alemão na comunidade de Teutônia como resultado da relação geracional.

A análise parte, inicialmente, da identidade étnica que o grupo investigado elabora. Essa análise baseia-se nas definições usadas por Seyferth:

"A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (incluindo, entre outras coisas, hábitos alimentares, organização de espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso, etc.), e da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como sociedades de tiro, de ginástica, de canto, escolares, de auxílio mútuo)." (Seyferth, 1994:15).

A identidade étnica está ancorada na idéia de descendência comum, que abrange um modo de vida específico e um comportamento cultural diferenciado. No caso da comunidade pesquisada, o "valor englobante" (Dumont, 1992) está associado à descendência alemã, em que características culturais e sociais importantes constituem elementos de diferenciação inclusivos, como a língua alemã. Nesse sentido, a etnia pode ser apreendida como uma "identidade-valor" nos termos de Duarte, que "se confundiria com a própria idéia da 'cultura'

como 'sistema simbólico' e da 'sociedade' como atualização de uma ordem principal abstrata" (Duarte, 1986: 130).

Ao tratar da relação geracional, convém pontuar o avô como um sujeito que vive a sua última etapa da vida (Lins de Barros, 1987), o que não significa vivê-la aguardando a morte; nela pode estar inserido um "projeto de velhice". Compreende-se a geração "mais velha" como aquela que mantém um projeto de continuidade ao transmitir suas lembranças e reminiscências.

Parte-se da idéia de velhice proposta por Bosi, em que ela pode ser concebida como um papel dramático frente a restrições de papéis sociais, e pode ser concebida também como um período de paz, repouso, reconhecimento e expectativas voltadas ao plano afetivo (Bosi, 1987).

Ao analisar o conceito de envelhecimento, Debert (1984) percebe essa categoria como representação de uma etapa do curso da vida composta de valores culturais e valores que têm origem nas representações sociais sobre os aspectos biológicos. Há, portanto, uma distinção entre o fato universal e natural (ciclo biológico) e o fato social e histórico, que é a variabilidade das formas pelas quais o envelhecimento é concebido e vivido.

Compreender essa identidade social foi a primeira medida tomada pela pesquisadora, uma vez que estava diante de uma comunidade estranha àquela, em que sempre vivera, porém reconhecendo alguns signos de pertencimento familiares a partir do seu casamento com alguém "de origem".

Busca-se reconhecer, pelas narrativas das trajetórias de vida, as categorias sociais estruturadas para, então, compreender a moldura social (Halbwachs) e o quadro de referência, que se relacionam-se às memórias evocadas. As reminiscências em indivíduos idosos apresentaram-se inesgotáveis e, a cada encontro, novos fenômenos de um passado lembrado, centrados nas vivências familiares, do trabalho, etc., são narrados presentificados de maneira simbólica como elemento referencial na condição de indivíduos idosos.

Ao transmitirem (Halbwachs) e compartilharem (Ricoeur) todo um universo de representações e significados, as gerações mais velhas trazem à memória, atualizada na lembrança, a ligação entre eles (indivíduos) e seu mundo, disposta na interface entre o sujeito e o social. Ao traduzir as lembranças em linguagem, essas vêm ao presente ressemantizando o passado evocado. Esse passado é evocado a partir de instâncias que foram mais significativas na construção dos seus papéis sociais. Nesse sentido, as vivências familiares apresentaram-se mais enfatizadas nos relatos femininos, enquanto o trabalho, aliado à família, surge nos relatos masculinos como encompassadores das vivências do passado. Esses

elementos referenciais traduzem a vida cotidiana desses sujeitos, marcando, nas suas trajetórias, diferenças de papéis sociais, e são o eixo em torno dos quais se articulam as representações sobre o cotidiano no passado, revelados nos pequenos atos, gestos, atitudes, rotinas, táticas, estratégias, transmitindo saberes que dão ao cotidiano reinventado, um sentido de continuidade e duração.

Importa aqui recorrer a De Certeau no seu estudo do cotidiano, quando relaciona a memória mediada por um saber que tem por forma a duração de sua aquisição e inúmeros conhecimentos particulares. Isto é, "é uma memória cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desafiando as suas singularidades" (Certeau, 1994: 137). A memória se revela no momento oportuno, de maneira temporal embora contrária ao ato de se refugiar na duração. Até então se mantém em um lugar que não se pode precisar. O tempo, por sua vez, se articula em um espaço organizado por meio de uma ocasião aproveitada, é o instante da arte, não da criação. A memória só se instala em um encontro fortuito, no outro. O encontro fortuito encontra-se, também, na "arte de dizer", que está na ordem das práticas cotidianas que produzem e contam histórias. Narrar as práticas seria uma maneira de fazer textual, com seus procedimentos e táticas próprios. Conforme Eckert (2001:33):

“Na incessante arte de narrar sua cidade, os velhos habitantes acabam por transmitir formas de ultrapassar a passividade de nossos ‘sentimentos modernos’ de desencantamento. É nesse sentido que buscou-se a narrativa ‘de durar’ na cidade em que viveram, este trabalho árduo de não deixar cair no esquecimento as ‘artes de fazer’ o social, dado que o trabalho da memória, de lembrar o que não esquecemos, tem esta força de reconstruir as razões afetivas para continuar”.

Capítulo 3

A comunidade investigada



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16

O universo pesquisado compreendeu indivíduos idosos, moradores dos municípios de Teutônia e Westfália. Foram realizadas 25 entrevistas abertas com esses indivíduos, sendo que com cinco deles houve um acompanhamento mais intenso em que suas famílias foram envolvidas. Por meio delas buscou-se analisar o processo de construção social da identidade desses indivíduos que almejam, com constância, definirem-se como sujeitos em um universo de profundas alterações, cujo ritmo alucinante desafia a permanência de valores e representações sobre o experienciado, em um contexto de comprometida ligação desses sujeitos ao passado.

3.1. O grupo de entrevistados

O grupo de entrevistados foi selecionado a partir do critério de serem antigos moradores de Teutônia, descendentes dos colonizadores daquela região. Das 25 pessoas entrevistadas, 14 são homens e 11 são mulheres, entre 66 e 91 anos de idade, sendo que o acompanhamento de uma rotina familiar ocorreu com cinco famílias, que são apresentadas neste capítulo, eleitas pela pesquisadora conforme a receptividade que demonstraram ao tema proposto e a representatividade de três ou quatro gerações que se mantinham próximas, em um convívio sistemático.

Os entrevistados pertencem a uma camada média, em termos socioeconômicos, cujo poder aquisitivo tem origem na produção agrícola. Esse grupo mostra-se homogêneo, também, no que diz respeito à religiosidade herdada de seus ascendentes, o luteranismo. As trajetórias sociais, portanto, mantêm-se semelhantes diante de uma comunidade que foi construída com base nos fortes traços de uma tradição de origem germânica. Já seus netos e bisnetos, diante da convivência com novos grupos de origens distintas que passaram a habitar a região dentro de um processo de urbanização e industrialização, construíram diacronicamente as representações sobre germanidade. Além disso, a própria demanda de funções ligadas ao trabalho que exige mão-de-obra especializada e as novas oportunidades de atuação no cenário das forças de trabalho voltadas para o interesse das indústrias fizeram com que as gerações seguintes buscassem novos rumos, incluindo o projeto de formação escolar e a busca de moradia em outros municípios que oferecem uma maior gama de possibilidades de instrução e de trabalho melhor remunerado.

A adoção de relatos biográficos, além de buscar um material rico para a análise do vivido e o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual, é bastante elucidativa em estudos que envolvem grupos de indivíduos idosos, em que a evocação de um tempo passado se dá com maior ênfase. Ou seja, a relação entre a idade cronológica – percebida como etapa última da vida – e a linguagem como veículo de “socialização das lembranças” (Ferreira, 2000: 210) permite estabelecer as várias temporalidades que cruzam o sujeito, uma vez que ele dispõe de mais tempo para atividades reflexivas em substituição às atividades que se referem ao trabalho.

Com relação ao contato com as gerações mais novas – filhos, netos, bisnetos – não foram adotadas entrevistas. A aproximação obtida junto a esses grupos baseou-se na observação participante de um cotidiano de convivência com a geração entrevistada, em que os fenômenos observados forneceram ricas informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. Os eventos observados no dia-a-dia aconteceram tanto nas unidades residenciais dos entrevistados, como em espaços públicos como: igreja, baile ou restaurante (citado anteriormente). Em alguns casos, filhos e netos participaram de alguns momentos em que os avós narravam suas lembranças.

A fim de familiarizar o leitor com o perfil das pessoas entrevistadas, elas são apresentadas a seguir como personagens, apresentados com nomes fictícios, garantia de anonimato que lhes foi dada no processo da entrevista, com exceção das pessoas que desempenham cargos públicos da cidade.

Sr. Adolf, neto de alemães, nasceu no Brasil, 81 anos, casado, pai de cinco filhos. Mora na zona rural nos limites entre Teutônia e Paverama (município vizinho de origem germânica), na Linha Germano Fundos. Trabalhava na agricultura e no moinho de propriedade do sogro. É avô de 12 netos que moram em outros estados do Brasil e na Alemanha. Hoje exerce a atividade de artesão com trabalhos em madeira, o que lhe atribuiu destaque na comunidade.

Sra. Helen, nascida no Brasil, mora na Linha Boa Vista, 79 anos, filha de proprietário de um curtume, casada com um senhor da comunidade que, ao casar, substituiu a atividade de agricultor para auxiliar o sogro na oficina de consertos e produção de calçados. É mãe de dois filhos e tem três netos.

Sr. Johan, professor aposentado, nasceu no Brasil, 69 anos, casado, pai de dois filhos, possui três netos, mora no bairro Languiru.

Sr. Peter, neto de imigrantes alemães, 67 anos, casado, pai de dois filhos, avô de quatro netos. Mora no bairro Teutônia e trabalha em sua clínica dentária e em um consultório em Estrela. Exerce a profissão de dentista há 37 anos.

Sra. Emma, residente no bairro Canabarro, 82 anos. Nasceu em Teutônia, é viúva, mãe de três filhos e avô de oito netos. Trabalhou na agricultura enquanto morou com seus pais; ao casar-se passou a trabalhar no comércio, o que mantém até hoje.

Sr. Edmund, nascido em Teutônia, morador do bairro Languiru com a esposa. Tem 69 anos, trabalha em um escritório de contabilidade que mantém junto a sua casa. É pai de duas filhas casadas que moram em Estrela e é avô de cinco netos.

Sr. Gustav, nascido na Vila Schmidt (Westfália), hoje mora no bairro Languiru. Tem 81 anos, casado, pai de três filhos, sendo que dois são falecidos. Possui dois netos que moram em Porto Alegre. Viveu no meio rural, com a atividade voltada à agricultura, até ingressar como vendedor na Casa do Agricultor, em Lajeado.

Sr. Oskar, nascido na Vila Schmidt, e ainda reside no atual município de Westfália, na zona urbana do município, onde é proprietário de uma empresa de ônibus que faz a ligação entre os municípios do Vale do Taquari. É casado, pai de três filhos e avô de quatro netos.

Sr. Urban, nascido em Estrela, 76 anos, professor aposentado, é casado, pai de dois filhos e avô de quatro netos que moram em outros estados do Brasil. Trabalhou até os 24 anos auxiliando seu pai na propriedade de produção agrícola, atividade que exerceu devido à contingência de ser o filho mais velho. Mora em Teutônia há 53 anos.

Sra. Frieda, viúva, tem 72 anos, é mãe de seis filhos que moram em outras cidades do estado. Tem oito netos, nasceu em Teutônia na zona rural, onde trabalhou na agricultura junto com seus pais até casar. Mudou-se para o bairro Canabarro e, junto com o marido, trabalhou na marcenaria do sogro e lá se aposentou. Vive na mesma casa desde que casou.

Sra Elisabet, viúva, 90 anos, nasceu em Teutônia e trabalhou na roça durante toda a sua vida. Ao transferir-se para a cidade, em virtude da doença que afetou seu marido, instalou-se no bairro Languiru e passou a exercer a profissão de costureira, na qual aposentou-se. Tem apenas um filho que mora em outra cidade, tem três netos e seis bisnetos.

Sr Ernest, 77 anos, casado, mora em Westfália na casa construída por seus pais há mais de cem anos. Nasceu ali e viveu da agricultura e do trabalho artesão de elaboração dos sapatos de pau, arte que aprendeu com um senhor que veio da Alemanha e viveu em sua casa por muitos anos. A confecção dos sapatos de pau antes atendia a demanda da população que os utilizava no trabalho na roça. Posteriormente, ao tornarem-se o símbolo do município de Teutônia, o Sr. Ernest os elaborava para atender uma demanda turística. Confeccionou-os por

65 anos, e essa atividade conferiu-lhe sucesso na região, cujo ápice foi uma reportagem veiculada pela RBS (Rede Brasil Sul de Telecomunicações) em 1997. É pai de três filhos, sendo que um já é falecido, e avô de sete netos.

Sr. August, origem westfaliana, 78 anos, mora no bairro Languiru com sua esposa. É pai de dois filhos, tem cinco netos e uma bisneta. Era proprietário de uma oficina de aparelhos eletrônicos e hoje administra o Hospital Ouro Branco no bairro Languiru. É um homem cuja imagem pública é alvo de grande admiração pela comunidade.

Sr. Arnold, casado, tem dois filhos e três netos. Mora no bairro Teutônia, é professor aposentado. Nascido em Teutônia, segue a tradição familiar de ter exercido a profissão de professor.

Sr. Friedrich, tem 70 anos, nasceu em Paverama, município vizinho de Teutônia. Reside há 45 anos no bairro Languiru, é viúvo, tem cinco filhos, 12 netos e dois bisnetos. Trabalhou com a agricultura em um longo período da sua vida. Passou, posteriormente, a exercer uma atividade ligada ao funcionalismo público municipal e hoje é aposentado.

Sra. Hermine, 83 anos, moradora do bairro Canabarro desde que nasceu. É viúva, tem uma filha, uma neta e um bisneto. Trabalhou com o pai e o marido no curtume de propriedade de sua família de origem, que mantinha a sede na propriedade em que mora até hoje.

Sra. Frida, 86 anos, é viúva, mãe de três filhos, tem 10 netos e dois bisnetos. Mora na Linha Germano Frente, em uma casa que adquiriu junto com seu marido no início da sua vida conjugal. Essa casa abriga até hoje um comércio que atende a população desta região rural em Teutônia, responsabilidade ainda exercida pela Sra. Frida. Nasceu em Bom Retiro, tendo transferido de moradia ainda quando pequena, em companhia de seus pais.

As pessoas entrevistadas que ocupam cargos públicos na cidade, são as seguintes:

Sr. Elton Kelpker, 73 anos, nasceu e vive até hoje no bairro Languiru. É casado, pai de dois filhos e tem três netos. Foi o primeiro prefeito do município de Teutônia e tem a sua vida pública marcada por grandes conquistas para a região. Exerceu também a atividade de diretor da Cooperativa Languiru por 25 anos.

Sra. Rosana Ruhrwiem, responsável pelo Museu Municipal Henrique Uebel, de Teutônia. Auxiliou na formação de uma parte da rede de entrevistados e serviu de intérprete nas entrevistas com moradores da localidade que não dominam a língua portuguesa.

Sra. Waltraude, 73 anos, nasceu na Alemanha e naturalizou-se brasileira quando veio para o Brasil, ainda pequena. Mora em Teutônia desde 1964, quando seu marido, pastor, foi transferido de São Paulo para o Rio Grande do Sul. Tem quatro filhos e oito netos que moram em outras cidades do RS e em outros estados do Brasil. A Sra. Waltraude exerce atividades de

grande inserção na comunidade: é professora na escola técnica de Teutônia e radialista, mantendo um programa que vai ao ar aos sábados, em alemão.

A apresentação desses personagens mapeando o espaço simbólico da comunidade investigada foi percebida no cenário da vida cotidiana em momentos de maior interação da pesquisadora com as famílias da comunidade.

3.2: Histórias de famílias

*Infelizes as famílias que não têm história.
Não ter história é quase não ter nome;
É quase não ter Pátria.
Felizes, ao contrário, as famílias que têm história,
Porque lhes é dado o júbilo de recordar,
Porque ela constitui a fonte fecunda,
Inesgotável e profunda, de suas energias morais;
Porque a cada passo que dão, sentem atrás de si, o registro da própria imortalidade.
Que é a vida, senão a história que começa?
Que é a história, senão a vida que continua?
A história de nossa família, de nossa gente,
De nossa casa está conosco.
Respira perto de nós.
À sua presença todos adivinhamos.
Ora bela, ora triste,
É uma grande história.
Júlio Dantas (Algarve, 1876 – Lisboa, 1962).*

3.2.1 A família do Sr. Reinhold Kleinkauf

O contato com a família Kleinkauf ocorreu por intermédio da Sra. Rosana Ruhrwiem, funcionária do Museu de Teutônia. Sua indicação levou ao Sr. Reinhold Kleinkauf, no bairro Teutônia. O primeiro encontro, em sua residência, foi acertado por telefone e estabeleceu que seria no dia seguinte, 17 de janeiro 2001, pela manhã. Ainda ao telefone, foram esclarecidas algumas dúvidas sobre o conteúdo da conversa, uma vez que o Sr. Reinhold encontrava-se apreensivo quanto a sua capacidade em auxiliar, concretamente, no desenvolvimento da pesquisa.

A residência do Sr. Reinhold fica junto a uma estrada que leva à zona rural do bairro Teutônia. A propriedade é imensa e abriga, além da residência do Sr. Reinhold, a residência de um filho que tem um aviário e hoje exerce a função de Secretário Municipal da Fazenda e Agricultura. Na casa do Sr. Reinhold reside, além dele e da esposa, uma filha, o genro e um casal de netos, característica de uma família extensa. Seu outro filho mora no bairro Languiru

e é proprietário da Rádio Popular; seu filho, neto do Sr. Reinhold, é proprietário do Jornal Popular, um dos dois noticiários da cidade.

A manhã estava clara e o calor, às 8h30 min – horário combinado – estava intenso. O percurso do hotel em que estava hospedada a pesquisadora, até a propriedade de Sr. Reinhold compreende a zona rural que une os bairros Languiru e Teutônia. A paisagem é exuberante pelas grandes plantações de milho, roças de verduras, residências circundadas por canteiros floridos ... enfim, digna de registro pelo convite incontestado ao devaneio.

A referência fornecida pelo Sr. Reinhold para encontrar o local foi o nome da rua e a cor da porteira, uma vez que a numeração não é habitual na zona rural. Ao ingressar na propriedade por uma estrada interna de paralelepípedos que recorta um jardim bastante arborizado e florido, houve a nítida impressão de estar invadindo um espaço quase mágico pela beleza intensa. Ao fundo se via uma suave subida com um gramado verde que, mais tarde, descobriu-se ser o poteiro do terreno. À esquerda está a casa do Sr. Kleinkauf. É uma construção muito grande, decorada com aspectos que caracterizam o estilo enxaimel, como vigas de madeira depositadas sobre o contorno das linhas da casa. Sua construção data do início do século e foi construída pelos pais do Sr. Reinhold.

Ao estacionar ao lado da casa, embaixo de uma sombra de uma árvore, saiu de dentro da casa o casal, que estava aguardando, preocupado se a pesquisadora localizaria a casa baseada nas indicações fornecidas. Foi feita a identificação e o convite para entrar. A Sra. Kleinkauf permaneceu na sala, enquanto era explicado o objetivo da visita e as combinações iniciais sobre o uso do gravador e o retorno em situações eventuais. Quando o Sr. Kleinkauf começou a relatar sua trajetória de vida, sua esposa retirou-se, para regressar quase ao final da entrevista. Tentei incluí-la para que respondesse questões sobre seu casamento e relacionamento com filhos e netos, porém ela mostrou-se tímida, evitando expor sua opinião sobre os assuntos. Durante a entrevista passaram pelo local a filha e o genro do Sr. Reinhold. Apesar das tentativas de convencê-los a participar, parecia que eles compreendiam que a entrevista era exclusivamente dirigida ao Sr. Kleinkauf. Em um determinado momento sentou-se conosco uma das netas que mora na casa do filho de Sr. Kleinkauf, que fica além do poteiro. Mostrou-se disposta a participar, mas o avô restringiu sua presença alegando afazeres junto com a avó.

O Sr. Kleinkauf é o filho primogênito de pais agricultores e neto de alemães vindos da região do Hunsrück. Estudou até o antigo 5º ano primário e aprendeu a falar português aos 10 anos de idade. Aos 17 anos começou a trabalhar como pintor, empregado de um senhor

alemão que não falava português. Por esse motivo, a conquista de fregueses restringiu-se às colônias alemãs, apesar de a procura ir além dessas fronteiras.

É interessante perceber que o trabalho junto aos seus pais desde sua tenra infância é desconsiderado como tal. As atividades distribuídas entre os membros de uma família, naquele tempo, eram consideradas como uma atividade essencial, uma obrigação diária e não uma atividade profissional especificamente. Diz o Sr. Kleinkauf:

“Desde pequeno a gente ajudava na lida com os bichos, na roça. Chegava em casa, cada um tinha uma tarefa que a mãe distribuía, a gente nem pensava em não fazer! Quando tava no colégio, chegava em casa e primeiro era as obrigações, depois tinha que fazer o tema e, aí tava na hora de dormir. No dia seguinte, acordava quando o sol tava raiando e começava tudo de novo. Comecei a trabalhar mais tarde, já com 17 anos. Fiz até o 5º ano primário.”

Aos 22 anos, quando foi trabalhar na pintura do prédio do Hospital em Languiru, conheceu sua esposa, que trabalhava como cozinheira nesse estabelecimento. Casaram-se logo a seguir e moraram com seus pais, negociando as terras com seus outros seis irmãos.

Conta o Sr. Kleikauf que, quando seu pai veio a falecer, era tradição que o filho primogênito assumisse a propriedade e os cuidados da mãe. Para tanto, era necessário que ele quitasse a q dos pais, repassando-a aos seus irmãos. Os 40% de “abatimento” recompensariam os custos que ele teria com a manutenção da mãe até que essa viesse a falecer. Caso não houvesse uma adaptação harmoniosa entre a nova família e a mãe, o Sr. Kleinkauf pagaria os 40% abatidos ao filho que ficasse com os cuidados da mãe. Ao contar esse episódio, o Sr. Kleinkauf agradece a Deus por ter conquistado um ambiente harmonioso durante os anos em que sua família conviveu com a sua mãe, onde se percebe a presença da religiosidade expressa com constância ao longo da entrevista. Enfatiza essa questão ao relatar, com muita emoção, que sua mãe, um pouco antes de morrer, disse à sua irmã, na presença desse, o que segue:

“Hermine, eu quero dizer uma coisa. A coisa melhor para uma pessoa de idade é quando é bem-tratada e bem-alimentada nos últimos anos, e isso, graças ao Reinhold e a esposa dele... isso eles fizeram por nós”.

O Sr. Kleinkauf e sua esposa tiveram três filhos: dois filhos e uma filha, que mora na mesma casa com seu marido e um casal de filhos. O filho mais moço mora em uma casa dentro da propriedade do Sr. Kleinkauf, junto com a esposa e a filha mais moça, pois a outra casou-se com um técnico em curtimento, nascido na cidade, que foi contratado por uma empresa para trabalhar no México. Estão lá desde junho de 2000. Já o filho mais velho do Sr.

Kleinkauf mora no bairro Languiru, tem três filhos envolvidos com a empresa do pai, que se dedica à área da comunicação. A família, de modo geral, apresenta-se bastante envolvida com a comunidade teutoniense e goza de muito prestígio frente à população.

O Sr. Kleinkauf aposentou-se após 32 anos de atividade como pintor e voltou-se à atividade que exercia paralelamente, o aviário herdado do pai. Dedicou-se sempre a essa atividade, porém anuncia como profissão pintor de paredes.

Mostra com orgulho a pintura que realizou nas paredes de sua casa. Humildemente afirma que poderia ter ficado melhor se as tintas atuais fossem da qualidade das tintas de antigamente:

“Naquela época as tintas não vinham prontas, a gente tinha que preparar tudo, né? Aqui era verde antes, só que aí nós mudamos o estofamento do sofá. E aí olhei e... não combina. Embora o dourado aqui não fechou direito como eu queria. Não existe mais esse dourado. Na época nós pegávamos um pó dourado e misturava esse pó. Diluía e dependia da finalidade da pintura. Diluía com cachaça e destilava a cola..”

Hoje, o dia-a-dia do Sr. Kleinkauf é cuidar dos afazeres da propriedade e participar como cantor de um coral do bairro de Teutônia, Sociedade Cantores Lira. O coral comemorou cem anos de existência em 2000, conta com 28 participantes e um regente e atua em eventos que envolvem a comunidade, como cultos na igreja, cerimônias fúnebres, comemorações e festas da comunidade, encontros de corais e bailes promovidos por corais locais. Os ensaios realizados na terça-feira à noite, no Clube Teutoniense, perto da casa de Sr. Kleinkauf, são reconhecidos por ele como momentos especiais de sociabilidade, quando os homens costumam tomar cerveja, conversar e, em alguns encontros, jogar carta:

“Eu gosto do coral, isso me faz falta, eu chego a contar as horas pra ter ensaio. Você não imagina como isso faz falta! Às vezes até a esposa me xinga: ‘Tu é fanático demais no coral!’ Chega a hora, não, mas eu vou lá... eu não posso, eu vou lá. Ensaia uma canção... e aí eu tô feliz.”

Esse apego à arte de cantar, na família do Sr. Kleinkauf, estendeu-se a outras gerações. Seu filho e sua nora cantam em outros corais. Já um dos netos e a esposa cantam em outro coral. Vê-se, dessa forma, a tradição do canto coral, cujas canções trazem um forte cunho moral funcionando como guia normativo. Essa tradição vem alimentando gerações e desempenhando também o papel de reordenar os sentimentos da alma, sendo um dos poucos recursos trazidos na bagagem de seus antepassados.

3.2.2 A família da Sra. Anna Kops

Dona Anna, que está com 81 anos, mora no bairro Canabarro, em uma casa construída pelo seu marido, após ele ter adquirido um terreno com as economias realizadas a partir do trabalho junto à Casa de Negócio, de propriedade do pai de Da. Anna. Conheceram-se ainda crianças devido à proximidade de suas moradias. O trabalho das duas famílias mantinha tradições distintas, herdadas dos ancestrais pioneiros em terras brasileiras: a família Kops dedicava-se à agricultura, e a família de origem de Da. Anna, ao comércio. Ao casarem, ainda jovens, foram morar no terreno onde viviam os pais e os irmãos de Da. Anna; seu marido passou a auxiliar o sogro na Casa de Negócios. Com o passar do tempo, tiveram duas filhas e adquiriram um terreno amplo, próximo ao referido comércio. Foi, então, construída a casa em que Da. Anna mora até hoje, na companhia de uma filha e sua família. Após a morte de seu pai, ela e o marido resolveram encerrar a Casa de Negócio e dedicarem-se à agricultura e à criação de animais, retomando a tradição da família Kops. O marido trabalhou até ter a sua saúde comprometida e, para cobrir os gastos com hospitalização, médicos e remédios, lotearam o terreno e venderam-no, encerrando a atividade que os mantinha até então. Nesse período, as filhas já haviam casado, e uma delas residia na casa dos pais. Ao falecer o Sr. Kops, Da. Anna passou a viver com a pensão e com o auxílio de suas filhas – demonstra profunda gratidão, pelo auxílio mensal que recebe da filha que mora no bairro Teutônia. Sua gratidão à filha que mora com ela diz respeito à companhia e ao cuidado diário que recebe. Outro aspecto bastante significativo na vida da Da. Anna é a convivência intensa que mantém com uma neta que também mora com ela e com outra neta que mora próximo à sua casa, que tem duas filhas, suas bisnetas, que diariamente vão à casa da bisavó e da avó para compartilharem a companhia mútua, tendo como justificativa o lanche da tarde.

Da. Anna já tem bastante dificuldade para caminhar, mas procura sempre sair, ora para ir à igreja, ora para ir ao banco receber seus proventos. Esporadicamente vai a alguma loja comprar algo de que necessite ou algum presente para parentes ou amigos. Para isso, conta com um motorista de táxi, já bastante conhecido, que vem lhe buscar e trazer após um contato telefônico. É interessante perceber a ênfase que Da. Anna dá ao fato de resolver seus compromissos sozinha, dispensando qualquer companhia familiar. Em contrapartida, ressalta as visitas diárias da neta e das bisnetas como sendo indispensável para a sua saúde e alegria.

Além dessas atividades, Da. Anna dedica-se com enorme prazer à confecção de almofadas e colchas de crochê, arte que transmitiu à sua filha e que, em alguma época de suas vidas, já auxiliou-as em de dificuldades financeiras; dedica-se, também, à leitura de romances publicados na língua alemã. Conta com um número significativo de títulos em seu acervo

pessoal, que já leu e releu inúmeras vezes. Conta ainda com o acervo da biblioteca municipal que, quando é possível, retira para entregar no mês seguinte.

Da. Anna domina bem a língua portuguesa, fato que atribui ao seu trabalho, desde pequena, junto à Casa de Negócios de seu pai. Contudo, mantém a língua alemã quando fala com sua filha, vizinhos e conhecidos de gerações mais avançadas. Comenta, com certo pesar, que suas netas entendem o alemão mas preferem comunicar-se em português. Ainda assim, assumiu, por conta própria, o papel de ensinar às bisnetas palavras em alemão que extrai das histórias que conta a elas.

Outra atividade que mantém regularmente em casa são as orações a Deus, que conceitua como “a verdade verdadeira que consola o coração”. Da. Anna tem sua vida fortemente dirigida por preceitos luterano-evangélicos e assim justifica a trajetória de sua vida estar fundamentada nas suas crenças e na sua intensa relação com a religião:

“Meus pais eram muito religioso e a igreja era logo abaixo, onde mora ainda a igreja e o cemitério. Fui confirmada ali, depois casei na mesma igreja, batizei meu filho na igreja, tudo. Meu marido também foi confirmado e batizado e nós casamo ali. E, quando o nosso pastor, que ficou quarenta e três anos o mesmo pastor, quando ele saiu, se aposentou e saiu, eu ainda disse para ele – ‘mas o senhor tem que só me enterrar ainda, porque tudo o que era da igreja o senhor fez pra nós’.”

Impactante foi a reação de Da. Anna ao convidar a pesquisadora para ir ao seu quarto (até aquele momento utilizamos a sala para a entrevista). Era um momento importante do encontro, em que ela passava a falar sobre a sua família, reviver lembranças, ingressar no mundo que definiu sua identidade e a afirmou como sujeito no mundo.

O quarto denota a importância de um espaço para reavivar as suas recordações. Conta com uma cama de casal e com muitas janelas, que trazem uma intensa claridade ao ambiente; perto delas há uma poltrona confortável e uma estante com alguns livros. Ao lado da cama há dois móveis pequenos que sustentam a Bíblia ou o Hinário, uma lâmpada de cabeceira em cima de guardanapos de crochê. Em uma das paredes há um guarda-roupa com uma estante com inúmeros porta-retratos, que ela passa a mostrar contando a história dos personagens. A presença da família interpõe todo o enredo da sua história de vida e de seu presente. Buscar, nos objetos do seu quarto, o seu refúgio propriamente dito, o estímulo para recordar, é significativo quando se pensa a condição de pessoa idosa e o período de vida em que se encontra Da. Anna. O estudo de Ferreira sobre idosas residentes em pensionato geriátrico com quartos individuais, onde elas reconstituíam traços e vestígios da antiga morada, é esclarecedora:

“A casa (o quarto) é o ponto central de um espaço simbólico criado a partir das vivências e temporalidades que evoca; nela, tempo e espaço articulam-se, quando semantizada como núcleo da aurora e do desabrochar da vida, palco de um tempo feliz; e o ato do retorno vem articulado com a idéia de reviver, através da imagem, fragmentos desse tempo, o que confere sentido ao presente.” (Ferreira, 2000: 217)

As visitas que fiz a Da. Anna foram marcadas pelo carinho com que fui recebida e pelo carinho com que as três gerações que dela descendem, concedem à “Oma” (avó em alemão, forma carinhosa que até os vizinhos adotaram para referir-se a ela).

3.2.3 A família da Sra. Josephine e do Sr. Jacob Kruse

A primeira visita ao município de Teutônia para fins de pesquisa, em maio de 2000, foi guiada pela “vó Selma”, originária da localidade e atualmente residindo em Porto Alegre, com quem a pesquisadora tem laços de afinidade por ser avó de seu marido.

Essa foi a oportunidade para conhecer um pouco do campo onde seria realizada a pesquisa e, com a intermediação dessa “parente”, conhecer alguns familiares para, a partir deles, iniciar a construção de uma rede.

Nessa ocasião Vó Selma tinha a intenção de visitar o cemitério onde estavam sepultados seus antepassados, buscando uma forma de definir com maior precisão a sua origem, pois encontrava-se às voltas com um encontro familiar a ser realizado em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, no final de 2000. Outra alternativa estava em entrar em contato com o cartório local e com a paróquia evangélica próxima ao lugar onde nasceu e onde seus avós se estabeleceram ao chegar na região, vindos de Hunsrück – Alemanha. Após essa empreitada, houve um almoço na casa de um sobrinho seu, morador do bairro de Languiru. Essa visita já havia sido agendada por ela, por meio de um telefonema dias antes. Diante disso, o sobrinho teve tempo de entrar em contato com outros familiares, que foram presença constante ao longo daquela tarde: o movimento de entrada e saída na residência desse parente foi intenso e, nesse meio tempo, era servido um doce caseiro acompanhado de chimarrão.

Nessa oportunidade a pesquisadora conheceu Jacob e Josephine, os anfitriões, Hemma e Caroline, sobrinhas que residem no município, e amigos e conhecidos de Vó Selma, ainda do tempo que residia ali. A conversa fluiu em alto tom e no dialeto comum a todos, o hunsrück, esporadicamente traduzido por Vó Selma, na tentativa de inserir a pesquisadora no evento. Posteriormente, alguns dos visitantes participaram das entrevistas no trabalho de campo, no período mais intenso.

Jacob e Josephine moram em uma rua bastante movimentada do bairro Languiru. É uma casa muito confortável, que denota o pertencimento a uma classe social média. Jacob é aposentado, tendo trabalhado, ainda quando criança, junto a seus pais e irmãos na propriedade rural; quando terminou a 5ª série, passou a trabalhar no cartório local – de onde se origina a sua aposentadoria. Hoje exerce a função de despachante, auxiliando seus clientes na organização e regularização de documentos. Josephine é professora aposentada. Conta, com orgulho, ter conquistado seu sonho de estudar, visto que, naquela época, no seu tempo de juventude, só estudava aquele indivíduo que morava na cidade – a referência é Estrela, nesse período histórico – ou filhos de famílias mais abastadas, que podiam custear estudos em internatos. Dona Josephine estudou até o antigo 5º ano primário, quando foi morar na casa da professora e auxiliá-la a cuidar de uma filha pequena. A escola ficava no bairro Canabarro, distante 15 quilômetros da Linha Boa Vista Fundos, local onde sua família morava e mantinha um salão de baile e a criação de gado leiteiro. Josephine fazia esse trajeto todos os finais de semana, a cavalo, para visitar a família.

O seu projeto de juventude, apesar de ser realizado já na idade adulta, estendeu-se a seus quatro filhos. Sua filha mais velha é professora universitária em Estrela, seu filho mantém negócios próprios ligados ao comércio, em Languiru, a outra filha também voltou-se para essa mesma atividade e sua filha caçula é arquiteta e mantém, com o marido, um escritório em São Leopoldo. Seus netos seguem trajetórias semelhantes a dos pais, voltados essencialmente, a atividades secundárias nas cidades que residem. Percebe-se, portanto, que a atividade agrícola dos antepassados foi sendo abandonada ao longo das gerações ainda que, conforme Da. Josephine, fosse um tempo idealizado em virtude de uma vivência voltada para as pessoas, para as coisas simples:

“Meu pai era agricultor. Quando eu tinha seis anos, a gente... eu ia junto pra roça, e tinha carroça, bois, e plantavam. E, o mais bonito que era, é levá o café pra a roça. Aí tinha aquele cesto de vime, que a mãe levava o café numa garrafa, pão de milho de casa, melado – aquilo que as gurias lambem os dedos. Tudo o que a gente fabricava em casa. Ovo pra fazer gemada, porque a gente recolhia os ovos, as galinhas botavam assim, no pátio. Então a gente recolhia aqueles ovos, uma, duas dúzias ou três. Minha vó ficava em casa, ela cozinhava, e a mãe ia junto na roça, eu e minha irmã, com meu pai. Era feijão, porque geladeira não existia naquela época. A gente conhecia feijão e arroz, aipim e batata doce feito no forno. O banho é que era banho. Banheiro não existia. Poço, água que vinha do poço. Então meu pai ele fez com laje e taquara, porque cano não existia, e corria água como uma mangueira. Sempre falava em alemão. Como a vida... eu não sei, a gente sentia mais alegria. Hoje as crianças não sentem mais alegria...”

A alternância de uma vivência rural para a inserção em um novo espaço que se encontrava ainda em processo de construção trouxe ao imaginário da comunidade que, em parte, poderia considerar-se co-autora desse contexto urbano, a idealização de um modo de viver. A inconformidade com os avanços e o desconforto da presença de novos habitantes vindos de outras paragens, resultaram em maior apego aos signos de pertencimento étnico e religioso.

Nos fundos da casa, Da. Josephine mantém uma horta e árvores frutíferas, cujos frutos transformam-se em doces e compotas distribuídas, posteriormente, aos filhos. Esse aspecto é importante para perceber que traços de suas origens permanecem mesmo diante das diversidades que a mudança para o meio urbano lhe trouxe. Roçar e produzir doces como forma de manter a integridade do alimento foram ensinadas a Da. Josephine pela sua avó. Com ela, Da. Josephine viveu toda a sua infância junto à casa de seus pais. O forno de pão, que mantém até hoje, foi construído para que revivesse pelo cheiro e pelo sabor, as experiências passadas. São objetos que funcionam como emblemas, elementos distintivos que atravessaram gerações, mantendo a referência constante à sua origem.

O sonho de conquistar uma vida melhor, menos sacrificada pelo trabalho árduo da agricultura, trouxe consigo o enfrentamento de um mundo competitivo, em que as relações sociais, ainda que próximas fisicamente, não têm a intensidade de interação do meio rural. Deve-se observar que se está tratando das décadas de 50 e 60 e que Teutônia era um pequeno distrito de Estrela, ou seja, estava apenas no início de seu processo de urbanização, iniciada a partir do bairro de Languiru.

3.2.4 A família do Sr. Otto Luckmann

O Sr. Otto tem 91 anos, reside no bairro Languiru atualmente, com sua esposa e uma filha solteira. Filho de agricultores, trabalhou com essa atividade até os 18 anos, quando um dos seus irmãos montou uma funilaria ao lado do terreno de seus pais, que ficava no bairro Teutônia. A partir dessa idade, passou a trabalhar com atividades diversas, desvinculadas da agricultura. Perdeu o pai muito cedo e esteve sob os cuidados da mãe e do irmão mais velho, auxiliando esse último na funilaria, de que se tornou proprietário anos mais tarde. As tarefas domésticas eram divididas entre todos os irmãos e a mãe, sendo que ela é que determinava as atribuições de cada um.

Casou-se no ano de 1933 com a Sra. Helma, filha de um morador de Teutônia, proprietário do primeiro automóvel naquela localidade. O Sr. Otto dirigia esse automóvel, recolhendo os aluguéis de imóveis que ele possuía em Estrela. Sua vida está marcada pelas

inúmeras viagens que realizava, tendo-as iniciado em carros de boi, fazendo o trajeto de Teutônia a Estrela. Posteriormente, viajava a Porto Alegre de barco a vapor, foi proprietário do primeiro “carro de aluguel” e, por fim, tornou-se sócio da primeira empresa de ônibus que fazia a comunicação entre as picadas e os bairros, o distrito de Teutônia e o município de Estrela. Suas atividades na comunidade eram intensas: desde levar parteiras às residências, levar moças aos bailes e *kerbs*, efetuar pagamentos em banco para algum vizinho uma vez que só em Estrela havia estabelecimento bancário e auxiliar na construção de instituições públicas levando e trazendo materiais de construção. Porém, a atividade que se destacou, mencionada em diversas entrevistas com outros informantes, foi a de tocador de sino (sineiro) e de tocador de fole de mão do harmônio da igreja de Teutônia. O episódio de vida que mais trouxe alegria a Seu Otto foi o período em que foi encarregado de transportar o “homem do cinema”. Esse vinha esporadicamente a Teutônia para mostrar filmes à comunidade do interior, que eram exibidos nos salões de baile.

Hoje o Sr. Otto vive em uma casa confortável, onde relembrar seu passado é a atividade que lhe traz mais prazer. Sua vida esteve voltada para a comunidade e tem, no seu cotidiano, o reconhecimento dessa dedicação:

“Destas lembranças a minha vida está cheia, só que muitas vezes não lembro mais e esqueço os nomes, então alguém tem que me ajudar. Eu me sinto realizado, pois muitas vezes pessoas conhecidas reconhecem o que a gente fez por elas em tempos passados. Não tenho um nome para mencionar com o qual eu não me desse bem. Sempre trato bem as pessoas, podem ser crianças ou idosos, sempre os trato bem. Temos aqui um exemplo na vizinhança: uma senhora enviuvou e casou outra vez com um cidadão de Arroio do Meio. Há pouco tempo nasceu um menino e, como minha esposa não pode caminhar até a casa da vizinha, esta trouxe o nenê pra nós olhar. Isto ela faz porque gosta muito de nós e porque a tratamos muito bem. Agora, quando ela passa na rua com a criança, a criança acena pra nós. Isto nos traz muita satisfação”.

A valorização das lembranças ligadas à solidariedade de vizinhança é consequência do lugar importante que esse comportamento tem na vida dessas famílias que deram origem à localidade. O modelo ora nuclear, ora extenso, das estruturas familiares era complementado por uma extensa rede, em que o predomínio das relações de reciprocidade, de ajuda e de prestação de serviços ligava-se à origem étnica e à religiosidade dessa comunidade. Seu Otto deixa explícito, em seu discurso, a importância de sua dedicação à comunidade e reconhece o valor-trabalho como o valor constitutivo de sua identidade.

3.2.5 A família do Sr. Eduard Mauer:

O Sr. Eduard é casado com a Sra. Frederika e mora na Linha Clara, zona rural de Teutônia. Sua propriedade foi herdada de seus pais, local de nascimento do Sr. Eduard. Viveu sempre dedicando-se à prática agrícola, como sua esposa. A Sra. Frederika nasceu na Vila Schmidt e pouco fala a língua portuguesa. Durante a nossa entrevista e os nossos outros encontros, o Sr. Eduard fazia o papel de tradutor em diversas ocasiões. Ele está com 78 anos e a Sra. Frederika tem 77 anos.

A família do Sr. Eduard é atípica à tradição local, pois ao não “pegar filho”, na expressão do Sr. Eduard, adotaram um rapaz de 12 anos de descendência italiana. Inicialmente ele foi para a casa do Sr. Eduard para trabalhar na roça, auxiliando no serviço de manutenção da propriedade. O casal e o rapaz criaram vínculos fortes e o Sr. Eduard o adotou. A Sra. Frederika fala do filho com muito carinho e agradecimento, pois em um período que o Sr. Eduard esteve adoentado, necessitando realizar algumas cirurgias, o rapaz assumiu o trabalho sozinho e obteve bastante sucesso na produção. A Sra. Frederika resume na seguinte frase: *“eu cuidava do Eduard e o Antônio cuidava de mim e da roça. Deu tudo certo, uma vez”*.

A vida simples que levam é expressa sempre na impressão de não estarem correspondendo à minha expectativa em relação à entrevista. A acolhida foi carinhosa e afável, complementada por doces e biscoitos elaborados por Da. Frederika e a nora.

O filho Antônio casou-se com uma moça da região e eles têm uma filha que orgulhosamente o casal Mauer comenta: *“ela é uma moça muito querida, essa minha neta. Ela estuda e ainda ajuda a avó no trabalho de casa”*.

O Sr. Eduard discorre sobre as experiências que viveu na infância e relata, com detalhes o seu casamento, dado significativo do lugar que este evento ocupa na composição da sua identidade. A vizinhança também detém um papel muito importante na vida do casal, uma vez que as referências de pertencimento a um *ethos* teuto-brasileiro tem nos vínculos de vizinhança a noção de afirmação nos espaços locais.

A evocação do passado, idealizada nos relatos do Sr. Edmund e da Sra. Frederika, tem a vida familiar como referência de articulação das representações sobre o passado, elaboradas de forma contrastante com o presente. Ou seja, ao romper com a linearidade do tempo através das suas lembranças, o passado é rememorado e remetido ao presente como ação de revisão dos significados apreendidos através das suas vivências.

Outro aspecto valorizado por Seu Edmund é a tradição que ainda é mantida do tempo *“dos pais dos meus pais que vieram da Alemanha e trouxe muita coisa.”* O exemplo citado

por Seu Edmund é o da casa mortuária, construída recentemente ao lado do cemitério, mas as famílias ainda mantêm o hábito de “*ficá com o morto em casa*”. Este fato também é relevante na representação que o idoso faz da velhice como última da vida e sua proximidade com a morte.

O Sr. Edmund é presidente do grupo de terceira idade de Linha Clara. Orgulha-se da posição e vê nesse evento um espaço de sociabilidade que resgata, de certa forma, o ‘tempo da vizinhança’, um elo simbólico a ligar o sujeito no mundo.

3.3. A família da rede de parentesco da pesquisadora - Vô Idílio, o apoio decisivo como referência de um passado familiar: paradoxo ou analogia?

Como descrito anteriormente, ao iniciar a tentativa de inserção na comunidade evitei, a pesquisadora evitou, inicialmente, ter como referência o fato de ser casada com o neto de alguém de origem. O motivo era manter o distanciamento como pesquisadora, temendo que as entrevistas se voltassem às lembranças sobre a “família Brust”¹³. Os obstáculos na obtenção de uma rede de informantes eram sutis, concretos – ao contatar as pessoas indicadas, ouvia-se deles: “Não tenho muito tempo”, “Ando meio adoentada”, “Estou de viagem marcada”. Enfim, não tendo mais a quem recorrer, a pesquisadora volta ao Museu Municipal onde tinha realizado duas entrevistas, ainda no período de reconhecimento do campo, caracterizado como o primeiro período.

O Museu havia sofrido algumas reformulações tanto no espaço físico como na inovação dos recursos humanos em consequência de uma nova administração municipal ter assumido. Logo na entrada do Museu havia um mural com fotografias do Tiro de Guerra¹⁴. Em algumas fotos foi identificado o avô do marido da pesquisadora, o Tenente Idílio de Vasconcellos. Isso foi comentado com a funcionária que estava encarregada das reformulações do Museu, a qual respondeu entusiasmada, que seu pai o conhecera muito e que, ao fazer 90 anos, convidou a viúva do Ten. Idílio para a festa.

A preocupação da pesquisadora em omitir a existência de um vínculo familiar com Teutônia, relacionava-se à intenção de evitar que as entrevistas e os relatos ficassem limitados à relação de parentesco com alguém de origem (Vó Selma) ou com seu marido que, até onde

¹³ Brust é o sobrenome da avó do marido da pesquisadora, Vó Selma, já citada no Capítulo 1.

¹⁴ O Tiro de Guerra era uma instituição das forças armadas da União, instalada em Teutônia quando essa era ainda um distrito do município de Estrela. O comandante do Tiro de Guerra era o representante oficial do governo federal.

se sabia, tinha sido um militar, um “brasileiro”, que havia ocupado um lugar de destaque na região em um momento dramático vivido pelas comunidades de origem germânicas no período da II Guerra Mundial (vô Idílio, ex- comandante do Tiro de Guerra em Teutônia).

Essa preocupação foi, de certa forma, ingênua, pois ao desvendar a relação da pesquisadora com a comunidade, a pesquisa fluiu, e o período dramático acima citado foi relatado com detalhes, de forma que foi possível dimensionar esse fenômeno traumático para as comunidades de origem alemã.

Como foi registrado no capítulo sobre o trabalho de campo, a figura que conferia prestígio e que autorizava a inserção da pesquisadora, não era exatamente quem se pressupunha ser: Vô Selma – nascida na comunidade, neta de alemães, alguém “de origem”. Com surpresa, verificou-se que o Vô Idílio era a referência principal, uma vez que atuara na comunidade com uma postura compreensiva diante das inúmeras limitações a que essa se encontrava sujeita no período da II Guerra.

Ao ouvir histórias sobre o Vô Idílio, o sentimento experienciado foi o de resgatar histórias não mais conservadas dentro das relações familiares. Em uma situação análoga àquela em que se propunha trabalhar ao ouvir o que os avós contavam a seus netos, nos momentos de ouvir histórias que remetiam à trajetória familiar de seu marido, a pesquisadora sentia-se como alvo da própria investigação: teceu e fiou enquanto ouvia histórias sobre o “seu” avô. Momento único, singular nesse período. Em um dos encontros informais (sem a posse do gravador) com o Sr. Reinhold e sua família, ele aproveitou a ocasião para contar uma passagem que trouxe risos a todos os que ali estavam:

“Naquela época, como o sargento Idílio não prendia ninguém e era de conhecimento de Estrela que aqui só se falava alemão, avisaram ao Tiro de Guerra que enviariam alguns ‘inspetores’ para averiguar a situação. Ao saber desse fato o sargento Idílio combinou com um grupo de velhos que costumavam jogar cartas à tarde no clube de Teutônia, de levá-los ‘presos’ até Estrela. A turma topou, acompanhou-o até lá, mas em virtude da elevada média de idade que tinham os componentes do grupo, foram libertos imediatamente e suspensa a intenção de vistoriar o distrito... Dizem que o mais jovem já tinha passado dos 80.” (Trecho extraído do Diário de campo, 22 de janeiro)

Nessa, entre outras situações, a posição da pesquisadora passava a ser a de depositária da sua memória familiar. As histórias ouvidas sobre o vô Idílio foram incorporadas à minha própria experiência, paradoxalmente: em vez de estar ali para descobrir sobre a realidade

social daquela comunidade, a comunidade passou a desvelar a “sua” realidade familiar, o que levou a um sentimento de pura interação.

A rede de parentesco que permitiu sistematicamente a relação da pesquisadora na localidade, diz respeito à Vó Selma, que contribuiu com suas histórias e esclarecimentos, ainda que tenha se transferido para Porto Alegre quando seu marido veio a falecer, em meados dos anos 50.

Capítulo 4

“Os tempos difíceis”: elementos históricos e construção social da identidade teuto-brasileira

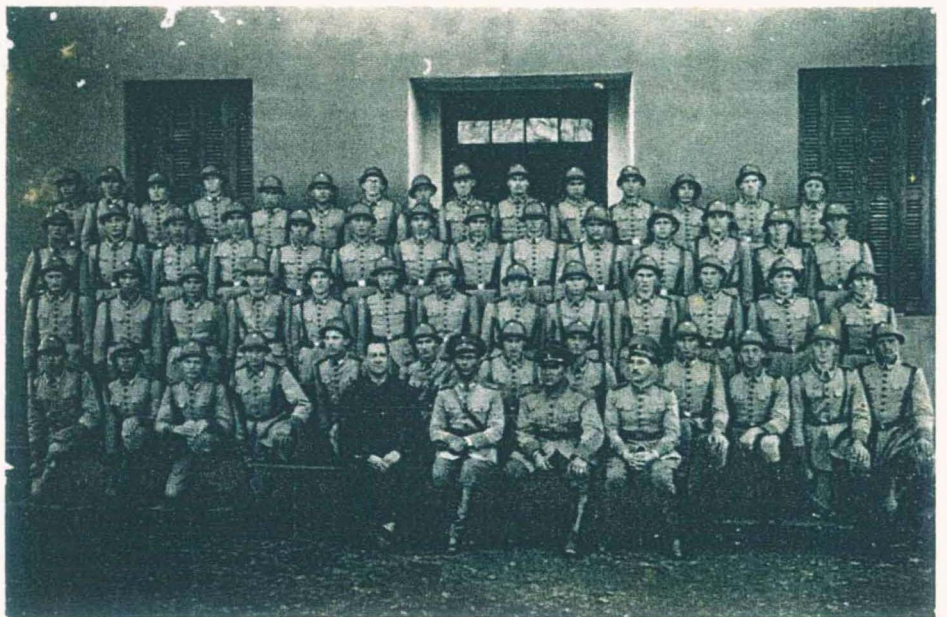


Imagem 17

4.1. Os primeiros tempos

A história do município de Teutônia relaciona-se à imigração alemã, que iniciou no Brasil, na então Província do Rio Grande de São Pedro, a partir de 1824, com a criação da Colônia Alemã de São Leopoldo.

A “Alemanha”, no século XIX, vivia um período histórico crítico, de grande instabilidade política em virtude das guerras pela unificação. A população era excessiva e a carência de terras agrícolas a levava à condição de semi-serva dos grandes proprietários, bem como ao enorme índice de desemprego, conseqüente do processo de industrialização em detrimento à tradição agrícola, atividade que dominava aquela região. Com isso, a propaganda da América baseada na abundância de gêneros alimentícios e em terra própria, era razão para arriscar a sorte e investir os escassos recursos em uma passagem para o continente americano.

Os núcleos brasileiros de colonização eram determinados, inicialmente, pelo governo imperial. As primeiras levas de colonos, oriundos do território do Hunsrück, região das montanhas entre o Reno e o Mosela, foram estabelecidas no Vale do Rio dos Sinos, mais precisamente, na Real Feitoria do Linho-Cânhamo – estabelecimento do Governo e propriedade agrícola que abrigava em uma casa-grande, de pedra, o centro das atividades, a moradia do feitor e senzalas, onde moravam os escravos – desativada em março de 1824, passaria a ser o início de uma colônia com imigrantes alemães, denominada, então, de Colônia de São Leopoldo.

À medida que chegavam os imigrantes e multiplicavam-se os membros das famílias, ficou ao encargo do governo provincial a fixação de novas levas e de novas famílias descendentes dos primeiros imigrantes. Essas foram distribuídas em áreas mais afastadas. Em outro período posterior, o terceiro, a iniciativa privada passou a gerenciar o movimento imigratório, criando novos núcleos de colonização.

Esses três momentos - que tinham em comum o projeto econômico e sociocultural das autoridades brasileiras, que consistia no povoamento rápido e denso do sul do Brasil – foram decisivos na transformação da paisagem dos Vales do Sinos, do Caí, do Taquari, do Pardo e do Jacuí. Em meados do século XIX o Vale do Rio dos Sinos apresentava-se bastante populoso; as terras disponíveis já estavam nas mãos dos imigrantes alemães¹⁴ e seus

¹⁴ “Ao falar-se em imigrantes da Alemanha, antes de 1871, ano da unificação, refere-se às pessoas de fala alemã – diferentes dialetos com um tronco de origem lingüístico de origem”. (MÜLLER, 1999:5)

descendentes nascidos no Brasil. À proporção que novos imigrantes chegavam, ou mesmo os descendentes passavam a constituir família e necessitavam de terras próprias para desenvolver, empresas colonizadoras de capital privado encarregavam-se de comercializar terras devolutas. Foi o caso de terras no Vale do Taquari e, em específico a então Colônia de Teutônia¹⁵, que passou a ser habitada a partir de 1858.

No Vale do Taquari, nesse período, já se destacava a Colônia de Estrela que, posteriormente, passou à categoria de município e que se mantinha responsável administrativamente pelas colônias menores que a circundavam: as “Colônias-Filhas”¹⁶.

Entre elas, encontrava-se a Colônia Teutônia. Assim, a sua ocupação foi realizada exclusivamente por colonos da região do Hunsrück e por descendentes de colonos já estabelecidos na Colônia de São Leopoldo, que também tinham a sua origem nessa mesma localidade na “Alemanha”.

Em 1868, foram recebidos novos imigrantes vindos do Estado da Westfália, na “Alemanha”, diretamente para Teutônia. Esses imigrantes foram estabelecidos em área acidentada das encostas dos morros, uma vez que as áreas mais planas já estavam ocupadas pelos colonos vindos da Colônia de São Leopoldo:

“O fluxo em massa levou à formação de núcleos coloniais homogêneos, que levou, acrescido do isolamento geográfico e a comunicação realizada em um dialeto bastante diferente do hunsrück, à manutenção dos costumes e hábitos westfalianos”(Lang, 1995: 21)

A Colônia de Teutônia passou, desse modo, a ser reconhecida por características distintas daquelas relacionadas ao colono pioneiro nessas terras. Foram incorporados sinais de distinção originários do colono westfaliano, como o dialeto chamado popularmente de “sapato de pau”, que deriva do uso do sapato de pau nas tarefas diárias para buscar a proteção de picadas de insetos e animais peçonhentos, amenizar o trabalho na roça no rigor do verão e evitar a umidade do inverno.

A ocupação das terras da Colônia de Teutônia enquadra-se dentro da política nacional de imigração e colonização dirigida a imigrantes europeus. Essa política, segundo Roche (1969:634), determinava o povoamento de zonas distantes e desabitadas, ocupando-as de

¹⁵ “A denominação de Teutônia seria uma referência às tribos bárbaras dos teutões, que tinham sido moradores das margens do Mar Báltico e de muita influência na formação do povo alemão. Seria em nível do Rio Grande do Sul. uma referência ao empreendimento de germânicos, que praticamente dominaram na ocupação do território em questão”. (LANG, 1995: 14)

¹⁶Processo chamado de “enxameamento” ou “enxameagem” por Roche (1969) – em uma curiosa analogia com a expressão utilizada para a divisão dos enxames de abelhas.

forma definitiva, o desenvolvimento da atividade agrícola com produtos destinados ao mercado interno, o reforço do trabalho livre (em substituição ao trabalho escravo, desinteressante ao capitalismo em expansão e aos interesses comerciais ingleses), a proteção das fronteiras com uma ocupação permanente, o embranquecimento do povo brasileiro e o auxílio no extermínio dos bugres (índios).

No plano geral do país, o Império buscava estabelecer-se diante de um quadro de fortes diferenças regionais. A instabilidade política provocou a formação de alianças que comprometeram-se a apoiar as províncias centrais, deixando de lado outras regiões estratégicas na manutenção do território nacional, como a Província do Rio Grande do Sul. No período que compreende os I e II Impérios e a Regência, o país viveu conflitos e revoluções internas, em que províncias esquecidas pelo poder central reivindicavam maior autonomia e incentivos econômicos. Esse período culminou, em 1889, com a Proclamação da República e, de certa forma, “representou um ajustamento do nível político – mudança de regime – às novas necessidades geradas na economia e na sociedade brasileiras”(Pesavento, 1982: 63).

Os primeiros tempos foram difíceis para esses pioneiros. Segundo Roche (1969:634), a sobrevivência desses grupos dependeu, em grande parte, das concessões que tiveram que fazer em relação a seus costumes, como alteração do vestuário e da alimentação, entre outros. O isolamento era o motivo atribuído à dificuldade de assimilação desses imigrantes no corpo social da nação, como visavam os pressupostos do Estado Nacional.

Para Seyferth (1994:18) essas questões apresentam-se relativas, pois na concepção dos imigrantes alemães o conceito de *Deutschbrazilianertum*, ou germanidade brasileira, continua uma proposta pluralista étnico-cultural. Ou seja, cada grupo nacional devia ter o direito de perpetuar seus costumes, seus valores morais e sua língua materna. Essa concepção chocava-se com a concepção brasileira de Estado Nacional fundamentada no direito de solo e assimilação.

4.2. O tempo da fundação da Colônia

A Colônia Teutônia teve três momentos importantes no seu processo de povoamento: a primeira ocorreu no período entre os anos de 1862 e 1868. Foram os descendentes de

colonos estabelecidos na Colônia Alemã de São Leopoldo que ocuparam as picadas¹⁷ ou unidades comunais do sul da Colônia Teutônia. Na segunda (1868) e terceira fase (até 1878) foram ocupadas as picadas do centro-norte da Colônia por imigrantes westfalianos.

Tem-se, portanto, Teutônia constituída como colônia alemã, onde seus colonizadores mantinham diferenças culturais específicas, entre elas os dialetos diferentes: ao sul falava-se o dialeto do “Hunsrück”, enquanto ao norte falava-se o dialeto “sapato de pau”. O que havia em comum, e que se manteve em certa homogeneidade até a década de 1970, é a religião evangélica luterana. Segundo Lang (1999: 16), a vinda dos colonos oriundos da Westfália pôde ser realizada em virtude da interferência de um pastor conterrâneo, pároco na comunidade evangélica de Porto Alegre, que fazia esporádicas visitas ao Vale do Taquari quando tentava dar assistência religiosa aos colonos evangélicos desassistidos¹⁸.

Mais tarde, o próprio pastor Kleingünter acabou sendo admitido como primeiro pároco permanente naquela região.

Esse período de colonização, fase de ocupação e plantio em condições precárias, foi bastante difícil para esses pioneiros, e os cemitérios foram as primeiras obras erguidas pelos colonos, visto que os falecimentos eram rotineiros ocasionados por acidentes de trabalho e falta de recursos médicos.

Mas logo nos primeiros tempos a comunidade construiu escolas e igrejas luteranas, buscando promover uma sociabilidade cultural importante contando com os recursos da comunidade. O colono com melhor formação cultural ou com dificuldades para adaptar-se às atividades primárias acabava destacado como professor, pastor e regente de coro. Essa prática manteve-se presente durante várias gerações, como testemunha um dos nossos entrevistados:

“Eu era o último dos professores leigos a assumir uma escola. Isso aconteceu em 1958. Por que eles me chamaram para dar aulas? Porque eu fiquei doente aos 10 anos de idade, então eu ouvi a conversa de que não daria para nada, que eu não poderia trabalhar na serraria de meu pai, nem no moinho...eu fiquei com problemas. E daí, como criança, aquilo me marcou muito, né? E eu reagi, eu tinha que fazer outras coisas, aí eu fui comprando livros, fui estudando, fui lendo, eu não ia a futebol, eu não ia a baile depois de maior, eu queria era estudar. Fiz cursos por correspondência... muitos aqui em Teutônia estudaram por correspondência, não havia acesso a colégios pois o colégio só surgiu em

¹⁷ “O termo picada, ou linha, designa uma vizinhança rural, com sua igreja, escola, casa comercial. Originalmente, era uma picada aberta na mata, ao longo da qual se dispunham os lotes de cada colono. A picada tornou-se o padrão tradicional de organização espacial e social dos colonos. Hoje, os invasores de terras no Paraná, descendentes de colonos, procuram replicar esse mesmo padrão nas terras invadidas (Woortmann, 1994: 21 *apud* Vianna, 1992)

¹⁸ “Havia uma carência enorme de pastores formados e vigorava a proibição, durante o Império, dos colonos praticarem livremente seus cultos.” (Lang, 1995:28)

58. *Os colégios só tinham em Lajeado ou Estrela. Fiz datilografia em casa, com muito choro consegui uma máquina. Aí comecei a produzir alguma coisa, trabalhar alguma coisa. Primeiro, me conduziram a uma sapataria artesanal onde se fazia chinelos de couro e eu ganhava algum dinheirinho até os 18 anos. Eu fui para o quartel. Quando estive de volta, a diretoria da escola veio: 'Tu assume a escola, porque o professor falta muito, não dá mais.' Eles (os alunos) acharam que eu era o padre que vinha dar aula. Eu não tinha didática, eu assumi de primeira à quinta série entre quatro paredes... mas alfabetizei as crianças, aprenderam a ler, estavam alfabetizadas no fim do ano. A grande preocupação era a quinta série, porque um ou outro ia fazer o exame de admissão. Era aquela neurose, tinha que mostrar serviço, se não...".* (Sr. Johan).

Através desse relato, percebe-se que a prática de adaptar soluções às necessidades imediatas utilizando os recursos disponíveis da própria comunidade e a não-exigência de qualificação legal (diploma) foi mantida por muitos anos. Nesse primeiro momento, a ocupação dos espaços do distrito de Teutônia era administrada pelo município de Estrela que, como sede municipal, detinha o cenário comercial e administrativo da região. Em decorrência desse monopólio, o município de Estrela enquadrou-se entre as comunidades mais prósperas do Estado. Era lá que os colonos, em dias chuvosos, impedidos de trabalhar intensamente nas suas propriedades, resolviam seus entraves burocráticos, encontravam-se com vizinhos e amigos e adquiriam bens de consumo, como tecidos e ferramentas. A viagem era realizada inicialmente em carros de boi ou a cavalo. Posteriormente foi criado um serviço de transporte coletivo, em que o ônibus fazia esse trajeto duas a três vezes por semana.

A emancipação, em 1981, veio a cessar as peregrinações já que Teutônia passou à condição de município, buscando a autonomia político-administrativa, com a qual conquistou melhorias em sua infra-estrutura, como uma grande diversificação nos serviços básicos. As viagens a Estrela integram o quadro das reminiscências comunitárias das antigas gerações, quando são revelados relatos e histórias pitorescas. Todos têm algo a mencionar daquele tempo:

"Todos os negócio, naquele tempo, só tinha em Estrela. Primeiro eu ia a cavalo, carro de boi, depois eu comecei com ônibus também, houve uma vez que eu fui todos os dias a Estrela com o ônibus, aí eu voltava antes do meio-dia, meio-dia batia nas picada e, então... e de noite, às nove horas, eu chegava em casa. Com carroça de boi levava cinco ou seis hora e ainda mais tudo se fazia." (Sr. Otto).

"A distância era grande. Entre uma propriedade e outra era dois ou três quilômetros... Para chamar o médico era cinco ou seis quilômetros que se percorria a cavalo ou em carroça." (Sr. Reinhold).

Outro aspecto a ser pensado é com relação à atividade intelectual dos indivíduos da comunidade ser uma atividade secundária diante do trabalho que envolve o esforço físico apropriado para a agricultura ou para atividades relacionadas ao processo primário de produção, como relata a esposa do Sr. Johan:

“É interessante observar que os governos municipais, no nosso caso era Estrela, desconheciam, não tomavam conhecimento dessas comunidades e os colonos tinham que se organizar e escolher alguém para dar aulas. O mais letrado da comunidade, então, assumia. Geralmente era uma pessoa que sabia tocar algum instrumento musical para ensinar também os cantos que era muito cultuado na igreja. Então, escolhiam assim, uma pessoa que tinha um pouco mais de cultura.”

Pode-se sugerir que o processo de colonização desses imigrantes se constituiu em uma dramática cotidiana de pioneirismo ritmado pelo valor trabalho, próprio do *ethos* cultural alemão na sua luta por vencer os obstáculos na realização do projeto de aquisição de terra, de produtividade da terra e de construção de uma comunidade disposta aos ideais prometéicos.

4.3. Os tempos de repressão

Ressalta-se aqui que, no período da II Guerra Mundial, já se tem no território brasileiro, mais de cem anos de presença de colonização alemã. Ainda que os descendentes de imigrantes estivessem à margem da cidadania, apesar de terem sido assegurados os direitos civis do *jus soli*¹⁹, “as colônias alemãs não podiam ser consideradas assimiladas, mas paulatinamente o processo de urbanização e industrialização iam tornando-as teuto-brasileiras”(Seyferth, 1994: 16).

O contato com outras comunidades intensifica a reafirmação de uma identidade étnica, em que o uso cotidiano da língua alemã é o elemento de distinção preferencial. Junto a esse elemento unem-se outros, como as instituições formais da comunidade, associações e escolas, a celebração de datas como a da unificação da Alemanha, e o estímulo às atividades folclóricas (corais, grupos de dança). Todavia, segundo Seyferth, “a idéia de uma ligação nacional com a Alemanha se baseia no direito de sangue e se naturaliza através da língua” (Seyferth, 1994: 17).

¹⁹ “O fundamento da cidadania no Brasil é o *jus soli*, que assegura o pertencimento ao Estado para filhos de imigrantes nascidos no país.” (Seyferth, 2000:144)

Percebe-se, dessa forma, os dois princípios delimitadores da identidade teuto-brasileira: por um lado a origem étnica alemã vinculada ao direito de sangue, por outro lado, a nacionalidade/cidadania brasileira, com seu princípio territorial. Para Seyferth:

“A noção de germanidade, nesse sentido, produziu a identidade étnica definida por princípios primordialistas de vinculação nacional, baseados objetivamente numa ‘cultura comum’ e num processo histórico compartilhado de imigração e colonização”. (Seyferth, 2000: 168)

Diante dos preceitos do nacionalismo brasileiro a identidade nacional, ainda que fundada no *jus soli* é relacionada a uma língua comum (o português), a uma cultura compartilhada, e a um princípio de miscigenação alicerçada nas três raças e idealizada como processo histórico. Na necessidade de buscar a efetiva “brasilidade”, o governo brasileiro assimilacionista, em que imigrantes e descendentes deviam adotar o princípio de unidade incorporando-se e contribuindo à formação nacional, lançou uma campanha caracterizada por uma forte repressão que deixou marcas profundas nas colônias fundadas pelos antigos imigrantes.

A campanha de nacionalização proposta pelo governo brasileiro atingiu todos os grupos descendentes de imigrantes, iniciando pelas escolas étnicas em 1938, com a proibição o uso de qualquer outra língua que não fosse o português. Intensificada em 1939, foram proibidas as publicações em língua estrangeira e o uso cotidiano da língua alemã (inclusive nos cultos religiosos); foram suspensas quaisquer atividades recreativas, culturais, instituições e associações. Essa proibição definiu-se como uma experiência traumática à comunidade alemã, na qual poucos indivíduos entendiam ou falavam português. E, mediante a não obediência ao exigido, os indivíduos poderiam ser presos ou apreendidos os bens que os mantivessem unidos ao uso da língua alemã: livros, rádios, jornais. Segundo Seyferth:

“A campanha de nacionalização foi vivenciada pela população teuto-brasileira como mais uma crise – a maior da história de confrontos – com a sociedade brasileira, no sentido de manter as diferenças étnicas e uma identidade própria, construída etnocentricamente como quase todas as identidades étnicas. Num primeiro momento, essa tentativa de assimilação forçada teve como resultado um endurecimento das fronteiras étnicas: os membros do grupo se voltaram para dentro da comunidade e, ao mesmo tempo, foram postos à margem da cidadania, classificados como ‘alienígenas’ por categorias negativas e estigmatizantes”. (Seyferth, 1994: 22)

Foi nessa época que as instituições “Tiro de Guerra” foram impostas às colônias alemãs como uma estratégia do exército brasileiro para garantir a campanha de nacionalização. O objetivo oficial difundido pelo Governo era o de formar “cidadãos brasileiros que estivessem habilitados a defender a Pátria, o território brasileiro”. Todavia, nesse período foi caracterizada a tarefa de flagrar e punir os indivíduos que transgredissem os preceitos adotados. Em torno desse fenômeno, muitos fatos são narrados com extremo pesar – evidenciando as experiências traumáticas vividas pela comunidade:

“(...) nós morávamos perto ali da igreja e da escola, e a minha mãe gostava muito de tudo isso, de religião, de... aí ela ajudava sempre em todos os eventos e a gente também foi acostumado a ajudar em tudo. Aí depois eu frequentei o primeiro (ano) na escola de um professor alemão e aí quando veio a guerra, quando começou ... tudo foi proibido, né? O professor foi obrigado a parar e eu fui... a partir daí estudei no grupo.” (Sra. Frieda).

“(...). Depois quando veio a época da guerra a perseguição era grande, aí muita gente foi presa. O pai nunca foi preso. Em Teutônia também não era tão severo assim.. (...) Eles em seguida vieram, tinha policiamento todos os dias. Eles passavam de a pé e escutava se alguém escutava rádio ou notícia de fora, né?, da Alemanha. E depois iam em casa, chegavam e iam ver se não tinham... como é que se diz esse negócio de... um transmissor da Alemanha.” (Sr. Adolf).

“(...) E a proibição do alemão foi um mal, foi um mal até na constituição do Brasil diz que o ... o governo não tem direito de impedir a livre manifestação cultural de minorias étnicas em seu território. E uma das manifestações mais legítimas cultural é a língua falada. E proibiram a língua daqui. Bem acontece que quando era no tempo da guerra: 42, 43 em diante, o meu irmão que era professor ganhou a ordem da polícia de pegar os livros, nós pegamos, encaixamos e mandamos – naquele tempo era com carroça de boi. Mandamos para a delegacia e foi mandado e foi incinerado, queimado. Foi um crime contra a cultura.. Foi uma pena. Ainda mais, ele abre os olhos para a realidade.” (Sr. Arnold).

“E me lembro da época da guerra, a gente não podia falar alemão. Aqui eles eram mais condescendentes: falava alemão mas eles não queriam que escutasse rádio, e então pra pegar em ondas curtas da Alemanha... Isso era proibido, né? (Sr. Peter).

“Eu tinha já uns 12, 13 (anos), o pai comprou um rádio. Era o primeiro de toda a redondeza. Mas depois veio a guerra, enchia a casa de noite. Era proibido. O rádio mesmo, a gente não entendia nada, escutava música mas era difícil a gente entender uma coisa que explicava o rádio.(...) Quando eu era pequena, quando eu ia na aula, quando era aquela guerra com a Alemanha, aí eu já ia para a doutrina para a confirmação, e o pastor não

sabia nada em português. Era só alemão. Daí de um dia para o outro nem mais uma palavra em alemão. E ia preso mesmo. No duro, botava na cadeia e pauleira neles. Assim em festa era perigoso, os velhos iam ficar quieto, daí não queriam, daí vinha às vezes a polícia e eles foram tudo embora... Eles vinham dentro de casa, procuravam os livros alemão, revistas, botaram na frente da casa e botaram fogo.” (Sra. Helen).

Há, nesse sentido, uma severa ruptura com signos de pertença nas colônias alemãs: a proibição do uso da língua alemã, a destruição do patrimônio cultural quando há a incineração de livros, bem como a suspensão das notícias da ‘terra’ de origem veiculadas pelo rádio ou pelos jornais. Esse período marcou profundamente as comunidades “de origem”:

Especificamente em Teutônia, que ainda permanecia na condição de distrito de Estrela, a violência simbólica praticada contra as comunidades teuto-brasileiras com a proibição da língua alemã como signo de identidade étnica, foi amenizada com a presença do Tenente Idílio (figura pública apresentada em capítulo anterior). Os relatos são recorrentes em inúmeras entrevistas:

“Aquele tempo era tão proibido, o velho Idílio, o marido da Selma, ele era tenente aqui em Teutônia, ele dava Tiro de Guerra. Ele dizia pros alemão: ‘Pode falar alemão, mas cuida’. Aquele homem foi muito bom pra comunidade, ajudou muito. É que ele tava aqui com os alemão junto, né? Ele sabia que ninguém sabia falar.” (Sra. Helen).

“(...) Aqui não era tão severo, também por causa do Idílio Vasconcellos, casado com uma Brust. Esse Idílio era um homem muito correto. Ele era sargento e tinha o Tiro de Guerra aqui em cima. Ele dirigia essa turma, então ele preservava eles.” (Sr. Adolf).

“[...] Freqüentei só a escola primária, nos primeiros anos. Depois de alguns anos nós aprendemos o português e aí fiz um curso de português noturno com o Idílio de Vasconcellos que foi sargento do Tiro de Guerra.” (Sr. August).

“Em todos os lugares mais no centro, o pessoal que era alemão era muito castigado mesmo. Por exemplo: se tinha um baile em um determinado lugar, os policiais se fardavam à paisana e conferiam se alguém estava falando alemão. Como a maioria não falava ‘portugas’, eles sofreram muito. Foram levados preso e agora eu quero chegar num ponto muito importante aqui para a nossa área. Nunca ninguém foi prejudicado nessa parte. O Idílio de Vasconcellos, que era subprefeito, já tinha se aposentado como sargento, ele foi uma pessoa que reconheceu. Isso, que o pessoal não sabia falar português, ele também não queria prejudicar ninguém. Então nós fomos muito protegidos nessa época. Mas o pessoal dizia: ‘Não, ele está protegendo porque é casado com uma senhora alemã!’. Pode até ter

sido, mas pelo que eu conheci ele não era um perseguidor. Mas ninguém foi preso, nunca, nunca.” (Sr. Reinhold).

As lembranças em torno da atuação desse “brasileiro” que, para além das posições políticas oficiais que imperaram na II Guerra, reconheceu a diferença do Outro e a apreendeu com sua proteção permite sugerir o desenvolvimento de estratégias de uma comunidade no seu processo de enraizamento expressando táticas, artes de fazer, diria De Certeau, nos tempos difíceis da conjuntura de guerra, reveladas na narrativa dos teutonieses como referências de formas de interação entre pessoas de culturas diversas (alemães e brasileiros). Referências que marcarão a denominada “cultura teuto-brasileira”, baseada na acomodação de diferenças étnicas e culturais em uma relação dialética. Aspectos de um novo contexto político, de novos tempos que interagiram nessas diferentes culturas, como esclarece Seyferth:

“(…) após a campanha de nacionalização e tendo em vista o novo contexto de integração à sociedade brasileira, a etnicidade teuto-brasileira se atualizou, mantendo alguns identificadores culturais e descartando outros”.
(Seyferth, 1994: 23)

Capítulo 5

Os valores de um cotidiano transmitido



Imagem 18

5.1. O cotidiano construído: os valores ressaltados e transmitidos

Para analisar o cotidiano construído a partir da chegada dos primeiros imigrantes germânicos no sul do país, há que se refletir sobre algumas questões que envolvem a etnicidade. Ou seja, a concentração dos colonos em áreas restritas, de modo compacto, fez com que os pioneiros seguidos pelas primeiras gerações de descendência, mantivessem as tradições e os valores trazidos do além-mar. As dificuldades de integração relacionavam-se primordialmente aos problemas de domínio do idioma. A consequência disso foi o envolvimento exclusivo com as dificuldades que diziam respeito aos assuntos do cotidiano, tendo uma pequena ou nenhuma participação nos desígnios políticos nacionais.

A vida rural dos desbravadores e descendentes foi historicamente marcada pela rigidez e pelo trabalho, quando a comunidade, incluindo as crianças desde a sua mais tenra idade, ostentava muitos deveres e poucos direitos. As dificuldades de sobrevivência norteavam todos os passos da existência, e as obrigações antepunham-se permanentemente aos prazeres. As marcas de uma vida laboriosa são a tonalidade do testemunho do Sr. Reinhold:

“Ah! Isso era muito diferente do que é hoje. A atividade rural era totalmente diferente. Por exemplo, hoje a gente produz numa área assim...isso aqui tudo é pastagem. Mas naquela época era ... era lavrado, a gente plantava milho, plantava de tudo. Tinha que capinar, colher e... era um serviço pesado mesmo. Então a limpeza para manter a lavoura limpa, tinha que trabalhar muito. Era de manhã cedo até meio-dia, logo depois do meio-dia até de noite. E naquela época também tinha o seguinte... não é o que o pessoal dizia, mas eu vejo isso hoje: quem não se judiava era um preguiçoso. Era mais ou menos assim. Se judiava, por isso as pessoas com 40, 50 anos aparentava 70.”

O Sr. Reinhold, nesse depoimento, destaca o valor trabalho como constitutivo da identidade de grupo dos imigrantes alemães e seus descendentes, em que o bom cidadão teuto-brasileiro é também o bom trabalhador, como bem simbolizavam as estátuas erigidas nas entradas de cidades de colonização teuto-brasileiras para homenagear os colonos desbravadores com suas inchadas e picaretas nos ombros²⁰. Seyferth sugere:

“(...) a identidade étnica não se afirma unicamente pelo domínio da língua, é atualizada de outra forma, como, no caso de descendentes de

²⁰ O presente estudo apóia-se na tese de Regina Weber “A Tese e a colméia”, que trata dos trabalhadores operários descendentes de alemães em Ijuí (RS). A autora analisa a relação entre a imagem do imigrante e o valor trabalho construído como um ideal social. Programa de Pós Graduação do Museu Nacional, 1996. -

‘alemães’, pela afirmação de sua capacidade de trabalho”. (Seyferth, 1982: 34)

Cada membro dentro da família acumulava tarefas específicas, que eram realizadas no decorrer de dias e semanas. O auxílio entre todos era necessário, conforme a disponibilidade da época. Todos, no entanto, tinham necessidade de conhecer e realizar o maior número de tarefas possíveis, visto que o cultivo de várias culturas ou a criação de animais eram a garantia da sobrevivência familiar com base no auto-abastecimento:

“Naquele tempo tinha menos condições, a vida era mais em comunidade. Até para ir para a doutrina eu ia a cavalo, o pastor vinha de charrete, de Canabarro. Porque não tinha carro, né? A estrada era de chão, tudo era devagar e difícil”. (Sra. Josephine).

Esse cenário traduz o estilo de vida conquistado pelos primeiros colonizadores da região, cuja adaptação centrou-se nos materiais disponíveis à sobrevivência. A condição de pioneirismo é a saga desses imigrantes motivados pela busca de novas oportunidades e pela fuga de dificuldades imensas vividas no seu território de origem. Seyferth é esclarecedora nesse sentido:

“Os imigrantes, simbolicamente, romperam os laços com o território alemão no ato da renúncia da cidadania de origem, assumindo a ‘colônia’ como uma nova pátria. Para aqueles que se fixaram não existiu a expectativa de retorno, e mesmo hoje a contagem dos ascendentes nas genealogias de parentesco se encerra no casal de pioneiros. Muitos colonos ainda exibem a fotografia do casal de pioneiros tirada no porto de partida na Europa – o momento de embarque simbolizando o reinício em outra terra.” (Seyferth, 1994: 15)

Vê-se, dessa forma, a constituição do cotidiano de uma comunidade étnica definida por seus membros a partir do uso da língua “alemã”, da preservação de usos e costumes, como hábitos alimentares, organização dos espaços domésticos, formas de sociabilidade, comportamento religioso e, sobretudo, na valorização da noção de trabalho.

Ilustrando essa questão, cita-se o Sr. Adolf, neto de alemães, 81 anos, casado, pai de cinco filhos. Mora na zona rural nos limites entre Teutônia e Paverama – município vizinho de origem germânica. Sua atividade junto à agricultura não foi o que mais lhe trouxe prazer. Seu trabalho desenvolveu-se junto ao moinho que era de propriedade de seu sogro. Hoje em dia dedica-se àquilo que realmente gosta – trabalhos de escultura em madeira e pintura de quadros. Ao falar sobre o que de mais importante lhe ficou dos ensinamentos transmitidos pelos pais, ele afirma categoricamente:

“Nós aprendemos é trabalhar, lutar pra ter o que comer, não botar nada fora pra ter mais tarde. Isso é o principal pra nós alemão. A velha tradição era trabalhar. Nós aprendemos com o pai sobre o certo. Então ele dizia: ‘De trabalhar ninguém morreu, mas de preguiça muitos já morreram, porque passa fome e pode morrer’”. (Sr. Adolf).

Trata-se de valores arraigados à etnia transmitidos pela família. Nesse contexto, tem-se a família como principal fonte socializadora de valores étnicos junto aos membros da comunidade, mapeando símbolos emblemáticos de pertencimento e construindo a fronteira étnica.

Da. Helen, moradora da Linha Boa Vista, 79 anos, filha de proprietário de um curtume, casada com um senhor da comunidade que, ao casar, substituiu a atividade de agricultor para auxiliar o sogro na oficina de consertos e produção de calçados, relata o tempo de infância em que o trabalho, mesmo sendo a noção a ser valorizada, dependia da família unida em torno de propósitos comuns: trabalhar, ter fé e manter todos unidos. O valor trabalho relaciona-se assim ao valor família à religiosidade:

“Na colônia a gente tinha que trabalhar muito desde criancinha, pra conseguir as coisas. Cada um fazia um pouquinho. Mas o importante é exatamente isso: ter fé, ter esperança, a religião ela também oportuniza caminhos, de se fazer o bem. É o amor, né? Por isso a família é importante.” (Sra. Helen).

Observa-se que a referência à família está aliada a outras duas categorias compartilhadas – a do trabalho e a da religião. Não há um reconhecimento de hierarquização entre as categorias, elas são estabelecidas como complementares e ganham uma importância singular na trajetória de vida dessa comunidade e da cidade.

A mesma junção de categorias pode ser observada na entrevista de Da. Emma, 82 anos, moradora do bairro Canabarro, viúva, mora sozinha em uma casa bastante confortável em uma das ruas mais movimentadas do bairro. Suas lembranças voltam-se ao tempo da infância, um tempo de muita harmonia na sua vida:

“Meus pais eram agricultores, eles eram ‘sapato de pau’, nós éramos seis irmãos, eu sou a quarta filha. Todos trabalhando na roça. A minha mãe ela trabalhava na roça e sabia costurar, sabia fazer crochê, sabia fazer tricô. E fazia todo o serviço de casa e tirava leite. Fazia tudo. Eu também trabalhei, o pai também trabalhava muito, era uma família muito unida, nunca houve nenhum desentendimento deles. Se davam bem, por isso nós fomos bem. Eles tinham religião, rezavam muito. Eles eram evangélicos, meus avós vieram da Alemanha.” (Sra. Emma).

A família ocupa um papel primordial também para Da. Emma. As evocações das lembranças do passado trazem primordialmente a família de origem, o trabalho e a religiosidade como conformadores da ordenação do mundo social.

Na idealização do valor trabalho é recorrente a valorização da transmissão geracional da atividade profissional como herança familiar e transmissão de um saber de pai para filho, como já assinalado no Capítulo 4, no processo de construção social da identidade teuto-brasileira. O Sr. Peter, 66 anos, casado, pai de dois filhos e quatro netos, dentista, morador do bairro de Teutônia, onde mantém uma clínica dentária junto com um de seus filhos e a nora, reafirma a tradição familiar na profissão, comentando com certa lástima que seu outro filho optou por outra profissão:

“Meu pai começou a trabalhar como dentista, o meu avô que veio da Alemanha também. Eu já trabalho há 37 anos e sempre na profissão, o pai também nunca fez outra coisa. Só o filho mais velho que não seguiu a tradição. Ele fez Educação Física, ele não quis saber nada disso, a gente foi forçando, empurrando, mas ele não quis. O Guilherme foi natural, isso ele já queria..”(Sr. Peter).

A partir desse depoimento pode-se reconhecer os papéis familiares como fortalecedores de um sentimento de pertença, marcando decisivamente as trajetórias dos indivíduos descendentes. Apresentam-se como o fio condutor, em torno do qual se articulam as representações do passado justificando o presente.

A vida mostra-se centrada no seio familiar no início do relato de Da. Frieda, moradora da Linha Germano, próxima do bairro Canabarro, viúva, mãe de cinco filhos:

“Eu tenho 71 anos, eu tenho atualmente cinco filhos, porque um faleceu. Eu me casei com um rapaz aqui mesmo da região e assim fiquei morando aqui, nessa casa depois de casada. Essa casa aqui foi feita depois de um ano que nós casamos. Ali em cima morava o meu sogro, e isso aqui tudo era dele, então ele fez essa casa pra gente morar, meu marido trabalhava com ele na marcenaria. E daí a gente morou a vida toda aqui. Nunca me mudei, a não ser da casa dos pais pra cá..” (Sra. Frieda).

O cotidiano no presente é a sociabilidade no canto coral que ela situa ao definir que hoje, sua alegria está em cantar no coral da OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas ou *Frauenhilfen*), do qual seu marido foi regente por muitos anos.

Pontua, então, a importância da música para sua família, tanto quanto do conhecimento musical. Seu marido estudou em São Leopoldo e tocava violino. Novamente a

trajetória do indivíduo marcada pela tradição herdada dos pais pode ser observada quando Da. Frieda relata:

“Meu pai e minha mãe cantavam no coral. A minha avó foi uma das fundadoras da OASE daqui e aí, depois, a minha mãe participou até ir para Porto Alegre. Meu pai saiu do coral um pouco antes.. A Marlene, minha filha, cantou até a terceira filha nascer”.

A importância dada pelos entrevistados à vida familiar também é sublinhada na referência à intensidade de relações entre a família de origem e as novas famílias nucleares dos descendentes da segunda e terceira gerações.

Insistem em noções como união e solidariedade para propor um eixo em torno do qual se articula a identidade de grupo. Nesse sentido, as referências que Da. Elisabet traz de sua vida são os momentos de extrema felicidade junto a seus pais, irmãos, marido e filho. Esse universo de valor família encompassa os universos da religião e do trabalho. Ao relatar sobre o tema, Da. Elisabet não referencia a linearidade do tempo, mostra-se a refletir sobre tempos sobrepostos, onde as redes de reciprocidade e solidariedade estão acima do universo temporal; é através delas que Da. Elisabet concebe seu enraizamento:

“A minha vida de criança foi boa. Nós, irmãos, sempre fomos unidos. Sempre foi uma felicidade pra nós. Eu casei e fiquei aqui morando, também trabalhei na roça, sempre tinha seis vaca pra tirar leite, trabalhei muito na roça com papai e com meu marido. A gente sempre tinha muito serviço, mas tinha muito tempo de ser feliz: eu com meus pais e irmão e eu e meu marido e o filho.” (Sra. Elisabet).

O espaço doméstico assume o sentido de elemento estabilizador na vida cotidiana de Da. Elisabet. As lembranças em torno da casa que morou até seu filho crescer são fenômenos que norteiam o seu vínculo com outros tempos, o tornam estável em um contexto descontínuo como o que hoje vive. Da. Elisabet é viúva, tem 90 anos, vive sozinha em uma pequena casa no bairro Languiru, sua locomoção é auxiliada por duas bengalas. No tempo da entrevista, alguns vizinhos surgiram, preocupados porque não a viram na janela e essa estava aberta. Tal fato chamou a atenção da pesquisadora, que comentou sobre o carinho que a vizinhança tinha por ela. Da. Elisabet disse que, quando seu marido faleceu, ela teve que sustentar-se sozinha, então passou a confeccionar camisas para homens, criando por meio dessa atividade, uma enorme clientela. Na sua narrativa, esse foi um tempo difícil que prefere esquecer, enquanto que as lembranças de um tempo anterior à viuvez são relatadas como um período de paz e felicidade, selecionando, assim, na sua memória, as lembranças a serem transmitidas.

A língua de origem, o trabalho, a família, a religião, a formação intelectual (gosto pela leitura, canto coral, etc.) a vida comunitária vão desenhando o feixe de referências dessa comunidade no seu cotidiano. O conjunto de recordações remete ao modo como é ordenado o mundo das coisas, estabelecendo com o passado fortes vínculos que contribuem para a manutenção e a preservação de elementos identitários.

5.2. Nós e eles, os hunsrück e os westfalianos, os antigos e os “sapato de pau”

Importa aqui estabelecer uma breve distinção entre os dois grupos de colonos que colonizaram Teutônia, uma vez que a rivalidade harmoniza os dois grupos e imprime símbolos e comportamentos que marcam um referencial de distinção nos jogos de negociação de uma realidade social do cotidiano naquela localidade. Essas questões repercutiram mais tarde nos processos políticos e sociais que emergiram no final do século XX.

No que diz respeito às características que cada origem detém, no caso os colonos hunsrück e os westfalianos, pode-se observar diferenças objetivas na construção desse cotidiano. Ou seja, a dedicação coletiva ao trabalho e à religiosidade é apontada pelas gerações contemporâneas como excessivas no segundo grupo – a busca da perfeição, a eficiência, a responsabilidade e o trabalho são percebidos de forma categórica na comunidade westfaliana, como narra Sra. Rosana:

“Os westfalianos vieram da ‘Alemanha’ direto para cá, diferente dos Hunsrück. Estes últimos já tinham se estabelecido na Colônia de São Leopoldo, era a segunda geração, já nascida no Brasil, já tinham assimilado características dos brasileiros.” (Sra. Rosana).

Claramente o argumento denota uma distinção entre os grupos pertencentes a levadas de migrações diferentes, oriundos de regiões diferentes, com hábitos e dialetos diferenciados, múltiplos elementos percebidos nas relações cotidianas.

Essas diferenças são estabelecidas nas entrevistas como características identitárias singulares que os distinguem no cotidiano no processo de formação da cidade, como a manutenção da atividade agrícola privilegiadamente junto a um grupo enquanto o outro tende à industrialização; o uso constante do dialeto “sapato de pau”, por parte dos westfalianos, enquanto os teutonienses conservam o hunsrück.

Nesse sentido, ainda que as medidas iniciais de ocupação tenham sido estabelecidas de forma semelhante, reconhece-se que há uma diferenciação explícita nas formas de tratamento, como o uso das designações dos hunsrück para falar sobre os wetfalianos: “*Este ou aquele é sapato de pau*” ou ainda, “*eles são muito fechados*”...

Sugere-se, aqui, que na identidade dos grupos, importa considerar a contrastividade entre ambos (Bourdieu, 1979). Contraste que a disposição geográfica dos grupos parece corroborar, divididos que estão, em espaços territoriais próximos.

Seguindo a proposta de Pierre Bourdieu²¹, há um jogo de distinções entre teutonienses que se consideram pertencentes à trajetória hunsrück e teutonienses que identificam-se com a trajetória westfaliana, que os coloca “em disputas” em torno dos símbolos que valorizam os descendentes de imigrantes, hierarquizando esses símbolos conforme seus pertencimentos de grupos de fundação: um grupo é mais trabalhador que outro, um grupo é mais urbano que outro, um grupo é mais extrovertido que outro, etc.

Esses grupos se “distinguem” por pertencerem a gerações fundadoras diferenciadas, usarem dialetos diferenciados e manifestarem formas diferenciadas de idealizar e desenvolver o projeto de colonização, portanto em uma manipulação diferenciada de símbolos emblemáticos de pertencimento. Considera-se que há um uso dessas disposições simbólicas grudadas e acionadas em algumas situações do cotidiano teutoniense que toma corpo no processo de construção da identidade social dessas comunidades, galgada nessa forma de reelaborarem o capital cultural que os diferencia.

Tais distinções estão para alguns na origem das diferenças que levarão à separação dos dois municípios, uma vez que o município de Westfália se emancipou em 2000.

Norbert Elias, ao tratar da “sociogênese da diferença entre ‘kultur’ e ‘zivilisation’ no emprego “alemão”(Elias, 1994: 23-50), aborda essa questão, explicitando a tênue diferença entre os dois grupos que colonizaram Teutônia:

²¹ “Les individus ne se déplacent pas au hasard dans l’espace social, d’une part parce que les forces qui confèrent sa structure à cet espace s’imposent à eux (...), d’autre part parce qu’ils opposent aux forces du champ leur inertie propre, c’est-à-dire leurs propriétés, qui peuvent exister à l’état incorporé, sous forme de dispositions, ou à l’état objectivé, dans des biens, des titres, etc. A un volume déterminé de capital hérité, correspond un faisceau de trajectoires à peu près équiprobables conduisant à des positions à peu près équivalentes – c’est le champ des possibles objectivement offert à un agent déterminé -; et le passage d’une trajectoire à une autre dépend souvent d’événements collectifs – guerres, crises, etc. – ou individuels – rencontres, liaisons, protections, etc. – que l’on décrit communément comme des hasards (heureux ou malheureux), bien qu’ils dépendent eux-mêmes statistiquement de la position et des dispositions de ceux à qui ils arrivent (...), lorsqu’ils ne sont pas expressément aménagés par les interventions institutionnalisées (clubs, réunions de famille, amicales d’anciens, etc.) ou “spontanées” des individus ou des groupes. Il s’ensuit que la position et la trajectoire individuelle ne sont pas indépendantes statistiquement, toutes les positions d’arrivée n’étant pas également probables pour tous les points de départ: cela implique qu’il existe une corrélation très forte entre les positions sociales et les dispositions des agents qui les occupent ou, ce qui revient au même, les trajectoires qui ont conduit à les occuper et que, par conséquent, la trajectoire modale fait partie intégrante du système des facteurs constitutifs de la classe (...). (Bourdieu, 1979 : p. 122-126)

“...(...) o conceito alemão de *kultur* dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular dos grupos. Principalmente em virtude disto, o conceito adquiriu em campos como a pesquisa etnológica e antropológica uma significação muito além da área lingüística alemã e da situação em que se originou o conceito. Mas esta situação é aquela de um povo que, de acordo com os padrões ocidentais, conseguiu apenas muito tarde a unificação política e a consolidação e de cujas fronteiras, durante séculos ou mesmo até o presente, territórios repetidamente se desprenderam ou ameaçaram se separar. Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de *kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve que buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: ‘Qual é, realmente, nossa identidade?’ A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico... Durante séculos a questão ‘O que é realmente alemão?’ reclamou sempre resposta. Uma resposta a esta pergunta – uma entre várias outras – reside em um aspecto peculiar do conceito de *kultur*.” (Elias, 1994: 25)

A abordagem do conceito de *kultur* é pertinente para entender-se a diferença existente entre os dois grupos, uma vez que eles vieram ao Brasil ainda no período de inexistência da nação alemã unificada. Os traços de diferenciação foram cristalizados na história coletiva construída, quando desde as suas infâncias aprenderam a ver o mundo por meio da lente desse conceito. Norbert Elias é sugestivo nesse sentido:

“Uma geração transmite a outra sem estar consciente do processo como um todo, e os conceitos sobrevivem enquanto essa cristalização de experiências passadas e situações retiver um valor existencial, uma função na existência concreta da sociedade – isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experiências no significado das palavras. Os termos morrem aos poucos, quando as funções e experiências na vida concreta da sociedade deixam de se vincular a eles. Em outras ocasiões, eles apenas adormecem, ou fazem em certos aspectos, e adquirem um novo valor existencial com uma nova situação. São lembrados então porque alguma coisa no estado presente da sociedade encontra expressão na cristalização do passado corporificada nas palavras.” (Elias, 1994: 26)

Mas nem todos os entrevistados são unânimes em explicar essa separação como decorrência “natural” das diferenças históricas de ambos os grupos imigratórios. Essa não é uma posição predominante. Para muitos informantes, tais distinções não se sustentam em todos os níveis da vida cotidiana como politicamente eficazes para a comunidade pensada em sua totalidade.

Diferenças de um lado, identificações de outro lado. Foram aliados na fundação e construção política, econômica e cultural do município de Teutônia e mantêm uma origem comum: a identidade étnica. Nessa “situação” (Evans-Pritchard, 1978 diria, “propriedade de situação”²²), todos estão envelopados pela força de pertencimento à trajetória comum de descendentes de imigrantes alemães e construção da identidade teuto-brasileira, formadores de uma comunidade de pertença: teutonienses.

Ainda que as duas comunidades apresentem-se diferentes: - “nós e eles”, “os hunsrück e os westfalianos”, “os antigos e os sapato de pau” - o faccionismo político que resultou na emancipação do município de Westfália é, para alguns entre os entrevistados, motivo de receio e apreensão. Tal preocupação pode ser observada nesta posição do Sr. Klepker:

“A emancipação de Schmidt foi a mesma coisa (que a emancipação de Teutônia). É que a comunidade evoluiu, tem duas indústrias grandes, outras pequenas. Evoluiu e se achou com condições de se emancipar, e se emancipou.. A primeira administração assumiu agora, dia primeiro (janeiro de 2001). Significa ter a maioria, coisa mais bem natural. Acharam que poderiam andar com pernas próprias, não depender mais de Teutônia. E eu, como emancipacionista que liderei a emancipação de Teutônia, eu só tenho que o princípio da emancipação sempre é bom. E o progresso para o novo município depende exclusivamente da primeira administração. Se essa administração é boa e evolui o lugar, não cai na politicagem, empreguismo, como muitos outros distritos, botam um mundo de empregados, promete mundo e fundos na eleição, né? Mas, quando isso não acontece e o prefeito for independente, quiser também um governo comunitário, e for bom, souber economizar e não esbanjar dinheiro, toda a emancipação é produtiva.” (Sr. Klepker).

Com a separação administrativa dos dois municípios, a diferença que muitos justificam existir torna-se pública e jurídica. Mas isso não impede de manterem, nos seus imaginários, o sentido de pertencimento a um mesmo grupo étnico que construiu o município de Teutônia, onde os casamentos “exogâmicos” entre sapato de pau e hunsrück, tornaram-se freqüentes. Essa questão é ilustrada com o depoimento de um casal de agricultores, em que a fala do marido traduz o sentimento que permeia as comunidades:

“Casamo há 45 anos. (...) Ela morava ali na Linha Schmidt, ela é ‘sapato de pau’, fala uma língua que é mais parecida com inglês do que com alemão. Conheci ela num Kerb, depois casamo. É tudo igual, é alemão igual...” (Sr. Eduard).

²² Propriedades de situação implica que os objetos sociológicos eleitos para a análise, classes, grupos, famílias, nações, devam sua concretização mais a efeitos de substantividade ensejados pelas atualizações de sistemas simbólico

Para esse agricultor, a origem étnica “alemã” “fala mais alto” e resitua todos em uma mesma condição de imigrantes alemães neste novo mundo, pois outros diferenciadores se colocam contrastivamente à sua identidade: outras etnias, outras línguas, outras políticas e culturas, etc.

Outro aspecto relevante é o fato de que, ainda que separados politicamente, há por trás a intencionalidade de manter o olhar sobre os espaços que co-habitaram e a necessidade de eternizar as experiências vividas em conjunto. Esse aspecto foi percebido quando, em contato com o Museu Municipal Henrique Uebel, de Teutônia – representante oficial da administração municipal destacado para auxiliar a pesquisa –, houve a sugestão de entrevistas com famílias westfalianas, moradoras do novo município. Eram famílias que, se destacaram no cenário da comunidade e, extensivamente, da região e até do Estado, como o caso do artesão de sapato de pau que participou de um programa televisivo de destaque estadual.

Pertence, portanto, “ao mito” fundador da cidade de Teutônia, essa “disputa” de pertencimentos a levadas diferenciadas de imigrantes alemães, o que não implica confrontos de fato no cotidiano presente, onde os descendentes aparecem enraizados em uma condição comum: a de tornarem-se uma colônia teuto-brasileira.



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22

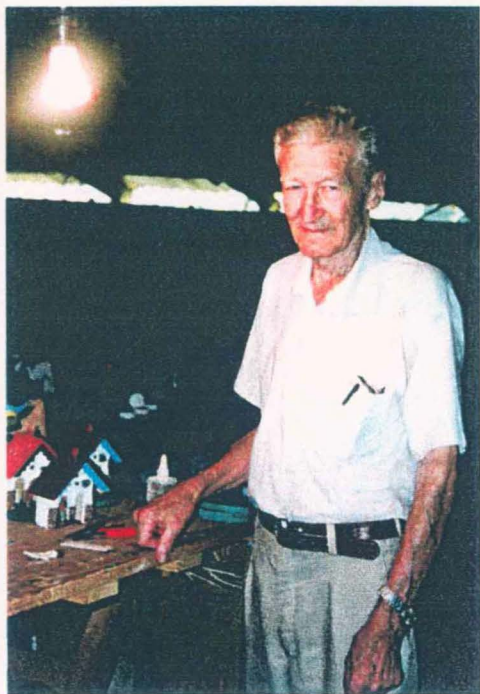


Imagem 23

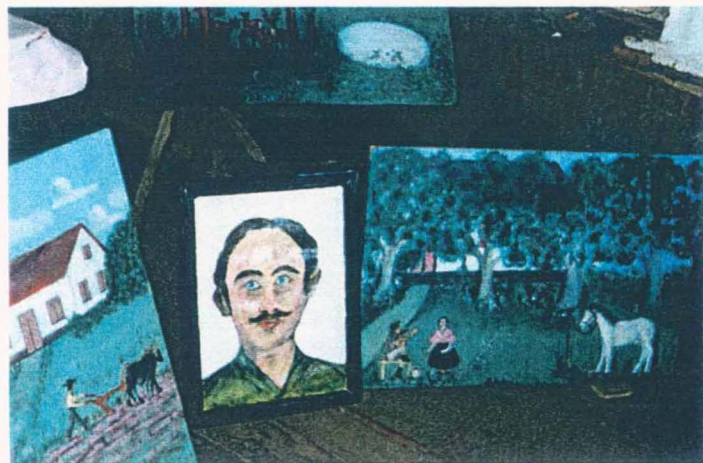
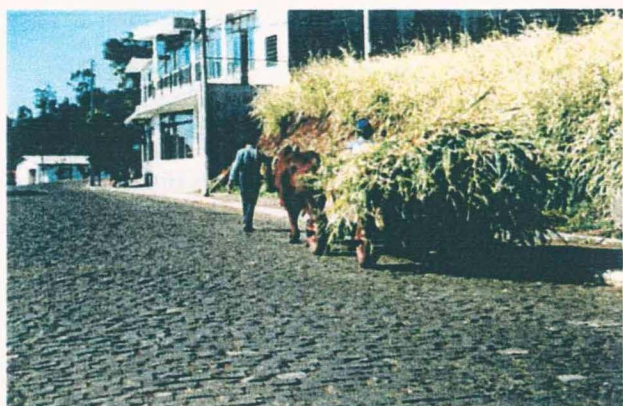


Imagem 24

Capítulo 6

“Os novos tempos”



Este capítulo trata das mudanças compreendidas nas trajetórias de vida na relação com a cidade, a partir das lembranças e reminiscências dos entrevistados, para conhecer, nas suas representações, os significados culturais dos “novos tempos”.

Perceber as diferenciações fundamentais nas experiências vividas na intersecção das culturas, o “eu” fragmentado de tradição agrícola, a partir da (re)invenção de representações simbólicas e práticas sociais associadas ao seu passado imediato de trabalho não-industrial, implica também a (re)invenção de valores culturais associados aos conflitos de gerações.

As trajetórias e os papéis complexos são assinalados nas biografias de modo a perceber relações como tradicional e moderno, holismo e individualismo, religiosidade e conhecimento, como constituidoras de identidades individuais e de confrontos geracionais acompanhados de toda a dramática que isso acarreta.

Com isso, são reconhecidas, na comunidade idosa teutoniense constantes negociações sociais reveladoras das singularidades étnicas herdadas da condição formativa de colonos que viviam no meio rural, condição definida por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã e da preservação de usos e costumes alemães, como hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade e comportamento religioso.

As constantes negociações sociais além de revelarem a etnicidade, elucidam o quanto a interação com as gerações dos filhos, mas principalmente dos netos, que vivem um outro período histórico-político da cidade e remetem a novas condições de organização moderna de vida cotidiana e novas configurações de valores, recriam um novo sistema de significações cujo processo de dinamização está na transmissão e no compartilhamento e da memória dos avós sobre um passado e um presente vividos nas interações cotidianas da família, nas relações de vizinhança e nos processos de sociabilidade.

6.1. O sucesso econômico no Vale do Taquari, emblema de uma etnia?

Após se estabelecerem na região, os colonos organizaram os espaços de acordo com as suas necessidades imediatas. Inicialmente a agricultura era a atividade principal e, paulatinamente, foi introduzida a criação de animais; as relações comerciais eram organizadas pela Colônia de Estrela, onde os recursos eram maiores.

Para resolver situações mais imediatas, como a carência material e financeira, foram adotados pela comunidade o empréstimo e a troca. O auxílio e a solidariedade entre vizinhos

amenizavam as dificuldades encontradas no dia-a-dia. Essa relação não envolvia valores monetários, geralmente as trocas e os empréstimos estavam estabelecidos sobre tempo de trabalho. Fischer e Gertz são esclarecedores nesse sentido:

“No domínio dos valores, ressaltava a ética do trabalho, da homogeneidade e a igualdade social, reforçados por certa solidariedade que me parece típica do universo imigrante, não só do alemão, e que sobreviveu ao próprio esmaecer da lembrança da experiência migratória. A cidade orgulhava-se do padrão de vida compartilhado, onde havia também um sentido prático, de organização, de planejamento, que parecia permear cada aspecto da vida, por mais prosaico”. (Fischer e Gertz *[et al.]*, 1998:193)

O ideal social conformado a partir de traços significativos percebidos nos colonos, como o empenho no trabalho, sua vocação empreendedora e sua religiosidade, é projeto concretizado no desenvolvimento acelerado das regiões por eles ocupadas. Aos poucos foram surgindo pequenos comércios nas picadas e linhas, contendo os materiais mais variados que oportunizavam maior conforto à comunidade. Esses comércios se estabeleciam próximos à igreja, à escola e ao cemitério da localidade. Os núcleos habitados pelas levas de colonos que vieram durante os três períodos de ocupação da Colônia de Teutônia foram aos poucos dando forma a pequenos bairros que, à medida que se desenvolvia a comunidade, geravam uma maior autonomia desses núcleos.

O hábito de solidarizar-se com os seus vizinhos e parentes foi o que propiciou a formação de cooperativas que concentravam a produção e a vendiam com maior poder de barganha.

O excedente produzido passou, assim, a gerar maior lucratividade e interação com outros pólos comerciais. A partir desse sucesso empreendedor e com o reconhecimento de que estava fortificada financeiramente e também encontrava-se participando do cenário político do município de Estrela, tendo eleito dois vereadores de grande estima na comunidade e portadores de grande habilidade comercial, a Colônia de Teutônia emancipou-se em 1981, em sua segunda tentativa.

A emancipação de Teutônia ocorreu em contexto nacional que favorecia altos empreendimentos por meio de empréstimos vindos do exterior. Ou seja, a visão paternalista da política econômica instalada com maior ênfase no período de governabilidade militar também foi significativa para o desenvolvimento da região, uma vez que estava entre as forças do poder o Gen. Ernesto Geisel, nascido na Colônia de Teutônia na Linha Frank, localizada na zona rural, que viria a ser presidente da República anos depois.

Formado então o município de Teutônia, a habilidade administrativa levou essa localidade rapidamente à condição de uma das maiores economias do Vale do Taquari. O processo de modernização avançou aceleradamente, dando uma nova ética e estética ao local.

Ao longo do século XX, a produção com base em colônias agrícolas desenvolveu-se com rapidez, e a criação de pequenas cooperativas, inauguradas a partir da década de 20, tinha o objetivo de concentrar os produtos para garantir um mercado forte e de dar conta das necessidades da população, como no caso das cooperativas de eletrificação e de crédito rural. Ao todo somavam 12 cooperativas, sendo que a Cooperativa Languiru, que recebeu essa denominação em virtude do local em que estava estabelecida, era a mais destacada pela grande concentração de negociações e lucratividade. Foi fundada em 1955, com a associação de pequenas cooperativas já criadas anteriormente:

“Eu (diretor da Cooperativa Languiru por 25 anos) ganhei um empréstimo dos recursos da Aliança para o Progresso²³, era o primeiro recurso que vinha de dinheiro americano à disposição dos brasileiros, em 65. Fui contemplado com o contrato número um de todo o Brasil, deu para construir a indústria, a Laticínios Languiru, e ainda sobrou dinheiro. Aí veio um episódio muito, muito romântico aí: quando na inauguração da Laticínios, então veio o Nestor Jost (político que intermediou o empréstimo), veio outros graduados, todos aí vieram. A turma de políticos e prefeito de Estrela, e tudo mais. Estava todo mundo aí. ‘Então vamos tomar um aperitivo’, convidei, ‘antes do churrasco ficar pronto, vamos lá dentro tomar um aperitivo’. Estava todo mundo na frente da Laticínios. Todo mundo entrou lá, tava a mesa cheia de leite. O aperitivo era leite. ‘Sim, mas acharam que iam vim inaugurar um alambique ou um laticínio? Hoje, aqui, vocês vão tomar é leite. Cachaceiro aqui não tem vez’. (Risos) O Nestor Jost até hoje fala. (Sr. Klepker).

O objetivo de reuni-las em uma só cooperativa era de fortalecer e garantir um bom mercado para os produtos derivados da carne suína e do leite. Com o passar do tempo, as demais cooperativas aderiram à Languiru, que obteve condições de estabelecer também uma indústria – a primeira indústria do leite da região.

O sucesso do sistema cooperativo e mais especificamente das indústrias Languiru é remarcado nas práticas de consumo dos cidadãos de todo o Estado. A publicidade levou, junto ao nome de laticínios, uma idéia de sucesso econômico da cidade de Teutônia.

²³ Esse recurso era cedido pelo governo federal.

6.2: “Novos tempos” na comunidade de Teutônia

O perfil dos habitantes dos municípios de Teutônia e Westfália vem alterando-se gradativamente desde a década de 30 quando, por meio da campanha de nacionalização²⁴, as colônias teuto-brasileiras passaram a participar com mais intensidade do cenário sócio-político do país.

Detentores de uma economia agrária muito bem-estruturada em torno de pequenas cooperativas, os colonos mantinham reservas monetárias acumuladas ao longo de muitos anos de trabalho. A adoção de empréstimos a empresários principiantes da indústria artesanal com juros previamente combinados tornou-se a tônica da época. Retendo divisas monetárias consideráveis com base nos lucros desses empréstimos, os colonos passaram a edificar residências grandes e a adquirir novos lotes de terras para ampliar suas bases produtivas baseadas na criação de porcos, produção de leite, nata, ovos e galinhas.

Parte desses recursos destinava-se às despesas de sobrevivência dentro da sensatez germânica de poupar o excedente, aproveitar ao máximo o uso de bens e manter o trabalho familiar de forma exaustiva. Com base nesses princípios, a carestia dos ancestrais, passada na Europa, foi sendo deixada para trás, e o presente, caracterizado pela abundância, previa o futuro com a ação de poupar.

Mantenedores do sentido comunitário, o trabalho em mutirão possibilitou expandir a rede elétrica iniciada na década de 30 com a instalação do primeiro gerador movido por força hidráulica em uma propriedade particular. Nos primeiros tempos, a oscilação da voltagem era um entrave ao funcionamento de máquinas que passaram a serem instaladas nas pequenas indústrias da região. No final da década de 50, por um acordo político, a rede elétrica foi ligada à CEEE²⁵.

A partir da regularização da eletrificação na região, as pequenas cooperativas uniram-se para fundar a Cooperativa Languiru. A manutenção e a ampliação do sistema energético possibilitou a instalação de novas indústrias e empresas, incluindo a indústria de laticínios com recursos da Cooperativa Languiru, como testemunha o Sr. August:

“O melhoramento do sistema elétrico possibilitou a expansão e a criação de outras empresas, além da de laticínios. Foi um fator fundamental para Languiru (bairro) e para a região. Logo a seguir foi construída a primeira

²⁴ Sugere-se recorrer ao capítulo histórico que trata, também, desse fenômeno.

²⁵ Companhia Estadual de Energia Elétrica.

rede de distribuição de água. A zona rural demorou mais a participar das vantagens da eletrificação, pois não entendiam muito a necessidade das quotas para as cooperativas de eletricidade e água”.

O advento da luz elétrica trouxe progressivas mudanças de hábitos, introdução e adaptação a novos valores familiares. A partir dos anos 60 a comunidade passou a investir em bens de consumo, o que, aliado ao custeio mensal de taxas de iluminação e outros impostos, gerou certas dependências financeiras. Com o aumento substancial dos recursos para o consumo familiar, o excedente poupado passou a ser consumido em virtude de novos princípios que o processo de modernização trouxe à comunidade.

Nesse sentido, as novas gerações, a partir da estreita relação com novos modelos e valores citadinos adquiridos por meio dos veículos de comunicação e dos estudos que passaram a realizar fora das fronteiras da região de colonização alemã – na capital do Estado ou em centros maiores do interior, como Caxias do Sul, São Leopoldo, Lajeado – trouxeram novos ritmos à tradicional convivência familiar e comunal.

A interação com a vizinhança por intermédio de visitas mútuas às residências e de encontros em eventos patrocinados pela igreja ou por centros culturais e lúdicos (corais, clubes de bolão, clubes de tiro, festas), onde os laços de amizade eram reforçados, conhece um nova realidade pela adoção do consumo da televisão e da comunicação por telefone, que marcam novos ritmos à interação impostos pelos novos interesses.

As famílias circunvizinhas passaram a organizar-se sob novas temporalidades, no ritmo de uma sociedade que se modernizava. Esses novos ritmos são pensados pela comunidade sob o viés da continuidade do passado, pela reordenação das experiências que trazem novos significados e lhes direcionam o futuro²⁶.

Em vista do exposto, percebe-se que há um novo contorno social em que a conquista de um lugar seguro no contexto nacional mostra-se transformada pela novas exigências desse novo tempo – tanto em relação à atuação de cidadão brasileiro oriundo de uma sociedade teuto-brasileira, como a de cidadão que auxiliou, com o seu trabalho, a deixar para trás, deixar apenas como experiência vivida, a miséria e a carestia que seus ancestrais detinham quando aqui chegaram.

²⁶ Conforme sugere Eckert: “Viver hoje é igualmente guardar uma ligação do passado, emprestando sentido aos valores e às práticas coletivas e individuais no presente.” (Eckert, 1993: 15)

6.3: O novo tempo, o tempo dos netos

O processo de individualização na geração dos netos assume contornos bastante diferenciados daqueles vividos pelos avós em relação à convivência que esses tiveram com seus avós. A coabitação das gerações mais velhas com as mais jovens não é mais um fenômeno recorrente como o que existia no período que os avós viviam a infância em Teutônia.

Outro aspecto importante que interfere na alteração das formas de trocas intergeracionais diz respeito ao papel da socialização escolar, que passou por uma reformulação de considerável dimensão em relação às escolas freqüentadas por seus avós: o espaço escolar mantinha-se restrito à comunidade e exercia a função de reproduzir os emblemas que definiriam o *ethos* alemão e que eram acionados pela comunidade como marca de pertencimento, como sugere a entrevista do Sr. Johan:

“A escola era comunitária, era algo assim de estudar muito e cada criança tinha que ir pra escola, Os meninos estudavam cinco anos e as meninas quatro anos. As meninas saíam da escola um ano antes para a confirmação. Aqui todos são evangélicos e as meninas eram confirmadas um ano antes. Eu me lembro que meu pai dizia assim : ‘As meninas têm que estudar só quatro anos e os meninos têm que estudar um pouco mais’. Costume, né? E lá por 1920, o Ritzel lá da Linha Germano, ele numa assembléia disse: ‘Nós estamos no Brasil, nós temos que ensinar também o português pras nossas crianças, embora eu não sei falar, mas nós temos que ensinar às nossas crianças a língua portuguesa’.”

Seyferth assinala:“(...) o isolamento e seu corolário de enquistamento étnico não pode ser usado como explicação unívoca para a constituição de uma identidade teuto-brasileira, mas ambas estão relacionadas ao processo histórico de colonização compartilhada com imigrantes europeus de outras nacionalidades”(1994: 14), o que a escola comunitária reiterava por não haver outros recursos além daqueles internos à própria comunidade.

Nesse sentido, no período em que a campanha de nacionalização foi instaurada permanecia a carência de recursos humanos que dessem conta da nova exigência, anunciada pelo Sr. Reinhold com profunda indignação:

“Estudei só o primário, era uma escola de quatro paredes, bem simples. Mas só se falava alemão. Eu aprendi a estudar português no quarto ano, era junto com o professor, ele também não sabia direito o português. Você nem imagina a dificuldade que nós tivemos quando foi proibido o alemão. O professor uma vez foi preso por causa disso, porque ele falou com os

alunos em alemão e foi pego em flagrante, então dali em diante simplesmente ou não falava ou falava em português. A moradia dele era do lado, e quando dava o recreio ele foi pra casa, abriu a janela e gritou lá de dentro: 'Falar português, na ordem!'. A gente pegava a merenda, eu sentava no banco e ficava quieto, não sabia falar... nem eu nem os outros”.

Hoje, a escola institucionalizada, com base em um currículo unificado a partir de programas educacionais de âmbito nacional, acena para uma territorialização cultural em que os novos traços identitários atualizam a comunidade de pertencimento, as redes, as ancestralidades, as fronteiras culturais, que se alargaram, o *ethos* alemão, que se hibridizou e a incorporação das contradições do mundo moderno que se estabeleceu.

O processo de modernização e a proximidade com a sociedade brasileira mais ampla provocaram alterações nos signos de identidade, acionando a emergência de fenômenos que recriaram novos atributos para redefinirem os espaços objetivos de reivindicação. Teutônia, atualmente, conta com escolas de 2º grau, bem como com uma escola técnico-agrícola. As rodovias municipais e intermunicipais asfaltadas e o acesso ao transporte coletivo rodoviário eficiente trouxeram a Teutônia proximidade a municípios com maiores recursos, como universidades, oportunidades de trabalho mais qualificado e lazer diversificado.

A adoção de projetos pessoais, em geral em concordância com os projetos familiares que envolvem a internalização dos valores da sociedade moderna, acena na direção de uma trajetória de ascensão social que passa pela conquista de um diploma universitário ou de um cargo de prestígio no seio da comunidade que assegure uma carreira profissional estável.

A religião, como demarcadora de fronteiras simbólicas no interior desse universo, também se apresenta em processo de mudança ao se observar em práticas mais abertas, diferentes das práticas religiosas conservadoras transmitidas pelos avós. A confirmação luterana é realizada por todos, no entanto o comparecimento aos cultos semanais não é compartilhado pelos netos com o mesmo rigor.

Segundo o Sr. Edmund, um fenômeno delimitador da modernidade é a tecnologia. Cita a televisão como a principal responsável pela diminuição de valores importantes para a coesão social:

“E a televisão, até os desenhos animados só tem violência! Mas o quê? Não conta mais as historinhas da Branca de Neve, da Cinderela! Só tem violência. Aqueles homens terríveis das cavernas... Acho primeiro, deviam servir de base naquele tempo quando saímos do alemão e entramos no português, os primeiros livros de literatura falavam do velho Ângelo. ‘O velho Ângelo andava com aquelas bolsas, levava sua mercadoria pra cidade no lombo do burrinho, e aí foi assaltado e foi morto por assaltantes, que aí o assaltante pegou o dinheiro dele e foi lá pra cidade e foi tomar as

cervejadas dele e se meteu numa briga e foi morto também. Então a moral da história: quem com ferro fere, com ferro será vencido'. Isso foi as primeiras lições que nós levamos, né? Então, nesse sentido, tem que educar sempre direcionando p'rá praticar o bem e nunca o mal. É complicado, né? Não sei fazer melhor, mas sei viver.(...) A tecnologia tá trazendo coisas maravilhosas, mas elas deviam ser melhor aproveitadas, melhor usadas, porque não vai ser possível denunciar toda uma humanidade em função de toda vida, onde a pessoa não aprenda a repartir com os outros, então só se conseguissem daqui pra frente educar as crianças a respeitarem o próximo, não roubarem, repartir com todo mundo. As leis de Deus, os 10 mandamentos e não precisavam ter outras leis”.

A vida no município de Teutônia surge, então, sob a visão de novos estilos de vida decorrentes das relações de associação ou dissociação no sistema de estratificação.

Ou seja, houve uma drástica alteração nos contornos desse grupo social, em que o abandono gradual do cenário rural para a instância urbana trouxe a adoção de outras ordens que conferiram novos estatutos de relação interna. Essas ordens englobam a atuação nas instituições com bases industrial, comercial, financeira e burocrática.

Logo, as formas de consumo e a adoção de novos ritmos contribuem, seguindo o que trata Bourdieu, para o reconhecimento dos significados atribuídos pelos grupos às suas ações e da própria imagem social do grupo (Bourdieu, 1979).

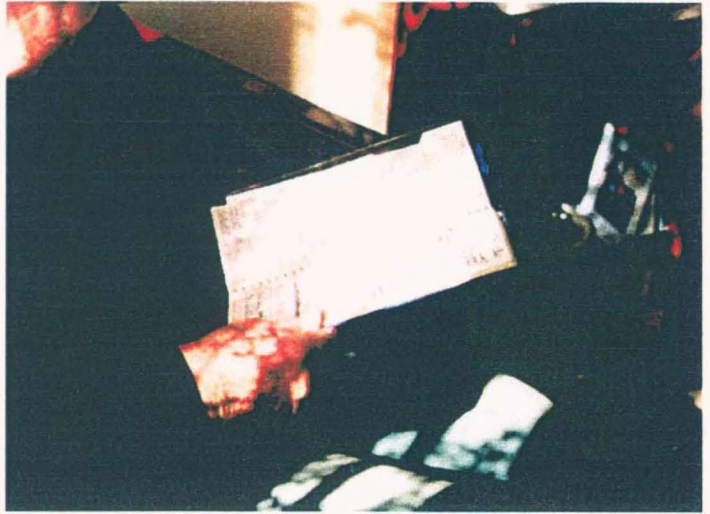


Imagem 26



Imagem 27



Imagem 28

Capítulo 7

Da arte de viver na diversidade dos tempos



Imagens 29

7.1. Ponderações em torno do envelhecimento, ontem e hoje

Comparar a geração dos velhos teutonienses com a geração dos netos é apontar interesses deslocados, diferenciados. Mas nas reminiscências dos velhos, as reflexões sobre o tempo passado de seus avós também são marcadas por imagens que se opõem ao tempo presente. Essa questão é muito elucidativa no texto extraído da obra de Bosi:

“Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo de vida. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.” (Bosi, 1995: 82)

Duas questões são aqui, fundamentais para se tratar da transmissão de experiências de um passado vivido pela interpretação da memória dos ancestrais: o tempo contínuo do grupo social e o tempo descontínuo do indivíduo, em que se estabelece a noção de duração enquanto experiência vivenciada individual e coletivamente por meio da cultura do grupo investigado.

Compreender o envelhecimento como etapa última da vida requer conhecer como os indivíduos idosos experimentam e atribuem significado às suas trajetórias pessoais e de grupo no passado e no presente. Com isso, muitos dos entrevistados utilizam, nas (re)construções de suas lembranças pessoais, a relação que tiveram com seus avós, geração das décadas que atravessaram o século XIX para o XX, estabelecendo os limites de expansão do universo familiar vividos:

“Minha família era pequena, eram os pais e só uma irmã que era mais velha que eu, e a minha avó morava com nós. Quando ela ficou viúva veio morar com meu pai. Ela faleceu com 89 anos. A gente assim... sabe que a gente gostava muito da vó, era muito agarrada porque ela nos cuidava, ficava em casa, cozinhava e a mãe ia junto na roça. [...] Quando meu pai construiu um salão de baile lá na (Linha) Boa Vista, deixamos a roça. O baile começava depois que anoitecia assim. Aí tinha aqueles kerb, três noites de kerb. Aí eu sempre dava aquele sono, e eu caía na cama da minha vó, junto com minha vó. Aquilo eu não esqueço. Como era bom, uma vez!”
(Da. Josephine).

A referência que Da. Josephine traz ao iniciar a falar sobre sua vida é a relação afetiva e protetora que vivenciou por intermédio da sua avó. Um tempo em que não se questionava se o lugar do idoso era no seio da família, não só por ele não ter autonomia financeira

(aposentadoria) mas porque “essa era a tradição”. Ao iniciar seu relato Da. Josephine marca, simultaneamente, o começo de uma cronologia pessoal e familiar em que o afeto surge como princípio que estabelece sua relação familiar.

Já para a geração de idosos atual, a compreensão da velhice envolve elementos novos, como a autonomia em relação à família, embora mantenha o vínculo afetivo. Da. Anna, ao reconstruir suas lembranças, ressalta a posição de independência financeira como significativa na sua trajetória familiar. Em relação à conversa por telefone com o neto que mora com a família na Nicarágua, onde havia ocorrido há alguns meses um terremoto violento, Da. Anna relata:

“‘Helmut que triste é!’ ... a gente sabe um pouco da cultura do povo daí, daí eu penso como nós, as pessoas idosas de lá não têm aposentadoria, têm que trabalhar até morrer, até que elas não podem mais. Ai lá, as famílias assumem seus velhinhos. Eles são uma pessoas muito unidas”. (Da. Anna).

Ao traçar a comparação entre as duas culturas sobre o destino dos idosos, Da. Anna reforça o aspecto positivo de manter uma renda própria e residir na casa que foi construída por ela e pelo marido. Ainda que a filha, o genro e uma neta morem com ela, há um significado bastante intenso de troca ao mencionar sua pensão de viúva. No decorrer da entrevista, constata-se que a relação que mantém com os membros da família tem a afetividade como vínculo primeiro.

A partir da questão enunciada por Da. Anna, percebe-se o reflexo da interação com perspectiva da modernidade por meio da preocupação em torno da autonomia econômica, uma vez que, ao assumir a velhice desatendida como problema social é reconhecida a “reelaboração e a incorporação de conteúdos simbolicamente produzidos às práticas e às autodefinições dos mais velhos” (Debert, 2000: 64).

7.2. Os grupos de terceira idade em Teutônia

Buscar as referências espaciais, as referências identitárias coladas no tempo da sociabilidade vivida na família extensa e no grupo de vizinhança, levou a pesquisadora a um espaço de interação, no qual a rememoração é o passado renovado por novos sentidos e significados conquistados na modernidade. De fato, Debert expõe com absoluta clareza a expressão “terceira idade” ter surgido como redimensionamento das novas definições de velhice e envelhecimento:

“O discurso sobre a terceira idade, assim, não acompanha simplesmente processos de mudanças objetivas. Pelo contrário, deve ser entendido como parte constitutiva dessas mudanças. Ele contribui para acelerar e direcionar processos na medida em que opera reclassificações que são constitutivas das formas de gestão do envelhecimento”. (Debert, 2000: 64)

Sob o ponto de vista das sociedades ocidentais contemporâneas, o envelhecimento é apresentado como um problema social, e a forma de pressão que constitui uma das dimensões que envolve esse problema social é que, a partir dessa premissa, surgem novas definições da velhice ganham dimensão com a expressão “terceira idade”. Entre outros objetivos, essa categoria de percepção do mundo social busca integrar socialmente uma população mantida à margem, por intermédio da amenização dos problemas econômicos e da possibilidade de manter os cuidados culturais e psicológicos dos idosos.

No município de Teutônia a Igreja Evangélica de Confissão Luterana mantém grupos de terceira idade apoiados pela Secretaria Municipal da Cultura. Os grupos encontram-se uma vez por mês e têm sido bastante freqüentados, segundo o Sr. Eduard Mauer, presidente do grupo de terceira idade da Linha Clara:

“Há quatro anos foi criado os grupos de terceira idade. O pastor primeiro dá uma pequena meditação, uns 15 minutos. Aí vamos rezar, aí depois o Urban aplicava a palavra. Nós tinha alguma coisa p’rá resolver. Depois... uma hora, uma hora e meia, mais ou menos, dava um pequeno lanche. Cada um trouxe alguma coisa e preparavam o chá. Tem grupo que só quer cantar, nós não queremos cantar no grupo de terceira idade, nós já temos os corais. Eles não querem cantar, querem se divertir. Tem grupo que só quer dançar. Que nem o grupo deles (mostrando a tradutora que estava me acompanhando) na Linha Boa Vista. Aqui na Linha Clara, gostavam dessa parte do alemão, né? O Urban fala bem o alemão, conta histórias em alemão”. (Sr. Eduard).

Na perspectiva do Sr. Eduard, o grupo de terceira idade que ele preside concentra um espaço de sociabilidade: uma oportunidade de rever os vizinhos como no “tempo das visitas”, um momento de lazer em que o encontro com seus contemporâneos traz à tona signos de pertencimento a um grupo que compartilhou as mesmas experiências vividas no passado – o diálogo em alemão, a religiosidade, a constituição de perspectivas e os projetos futuros para o grupo.

A alteração na concepção de geração restrita à família, como ocorreu em um período da vida da geração de avós que constituem o grupo de entrevistados, reitera no grupo de terceira idade não só a concepção de pessoas que compartilham a mesma categoria etária, mas

a concepção de pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos que definem trajetórias passadas e futuras. Percebe-se também que, como uma experiência extrafamiliar, a interação entre os participantes indicam mudanças na experiência coletiva e no comportamento, bem como age na produção de uma memória coletiva e na construção de uma tradição ressignificada.

7.3. Solidões geracionais?

Meu avô
Meu avô dava grandeza ao abandono.
Era com ele que vinham os ventos a conversar
Sentava-se o velho sobre uma pedra nos fundos do quintal
E vinham as pombas e vinham as moscas a conversar.
Saía do fundo do quintal para dentro da casa
E vinham gatos a conversar com ele.
Tenho certeza que o meu avô enriquecia a palavra abandono.
Ele ampliava a solidão dessa palavra.
Manoel de Barros, 2001.

O tom nostálgico adotado por Walter Benjamin, comum aos “teóricos do desencantamento do mundo” – expressão de Max Weber, no ensaio “O Narrador” trata das experiências das comunidades de outrora nas quais memória, palavras e práticas sociais eram comuns a todos, em uma tradição compartilhada e retomada na continuidade e temporalidade das “sociedades artesanais”. Essa experiência inscrita em uma temporalidade comum a todas as gerações apresenta-se em oposição ao tempo deslocado e segmentado do trabalho nas ditas sociedades modernas. A tradição a que se refere Benjamin resulta em uma prática comum, em que as histórias do narrador tradicional norteiam a vida de todos os indivíduos de uma coletividade.

Ao longo das entrevistas, ao refletirem sobre a relação com os seus netos, alguns avós assinalavam que, hoje, essa é uma realidade com dificuldades e insatisfações, pelo convívio irregular com os netos devido à distância geográfica ou à falta de hábito de dialogar com mais vagar com essa geração; ou então apontavam a falta de interesse dos netos em dialogar com os avós e ouvi-los em suas lembranças e opiniões. Aqui recorre-se novamente a Benjamin, quando sugere a comprovação nostálgica da morte da narração/ da narrativa, em que “talvez estejamos no final de uma era em que contar não tem mais lugar” porque “os homens não têm mais experiência para compartilhar”. A Sra. Heda comenta, nesse sentido:

“Olha, a gente sempre acha que tudo tem que continuar, mas a gente fez em casa, aprendeu em casa. Mas a juventude não acredita mais nisso. Como a gente foi criado de guri, a gente fala pra eles, eles não acreditam. Os nossos filhos ainda acreditam, eles entendem, são maiores e já sabem. Os netos não adianta nem tentar, acham que tudo vai assim, de si mesmo, vem né? E assim na colônia é diferente”. (Sra. Helen).

É interessante definir que a descrença está centrada especificamente na ação de contar histórias. Da. Helen atribui aos novos tempos, aos tempos dos netos, a ruptura da troca, da experiência compartilhada.

Observa-se, também, que a distância e a falta de convivência sistemática são outro fator complicador na manutenção do diálogo e da autoridade para dar conselhos. Ao ser abordado o assunto sobre o que narrava a seus netos, Da. Frieda relata em tom de pesar:

“Conto poucas histórias aos meus netos, muito pouco, porque eu muito pouco tenho contato. Eu vou às vezes lá (municípios do interior do Estado e capital, Porto Alegre), mas assim... o pequeno da Elise (filha), que é professora de música, esse eu cuidei bastante, porque o marido já era falecido, aí eu fiquei uns 14 dias lá com ela, depois eu ia bastante lá. Mas os outros, assim, a gente só ia um fim de semana e voltava, mas eu sempre tento quando eu vou dizer pra eles como se comportar, e pra ser, como eu acho que eles devem levar a vida. (...) Depois que eu fiquei viúva eu não vou muito, porque eles estão trabalhando, todo o tempo trabalhando, né? Mas eu converso com todos, todos me respeitam.”

A ausência dos familiares por perto e os esparsos encontros, que se restringem às festas de Natal ou aniversário, trazem um sofrimento velado do qual Da. Frieda busca convencer-se de que não passa de circunstância que a vida lhe atribuiu. Nesse sentido, tomar consciência de que a privação da convivência familiar é revelada como sofrimento foi uma experiência pessoal nada confortável. Entretanto, a presença de seus entes, de seus afetos, está por todos os cantos da casa: seja em fotografias, seja em objetos que lhes pertenceram na infância ou foram presenteados a Da. Frieda.

Entrevistar Da. Hermine, que sofreu a perda recente do marido, trouxe instantes de emoção e gravidade. Ela não fala português, vive sozinha em uma casa imensa mal conservada; a exigüidade de recursos financeiros (quase toda a sua aposentadoria é comprometida com medicamentos) e a falta de disposição, em virtude da saúde fragilizada, refletem a imagem do abandono e da solidão. A entrevista transcorreu de forma dramática, na qual os relatos eram transbordados de inconformidade com o falecimento do marido e a ausência da única filha que mora em outro município, afirmando e reafirmando que o que a mantém viva é a fé, a religião.

Ao falar sobre os três netos, sua expressão transforma-se, sua fala flui com mais firmeza. Diz que não conta nada aos seus netos, mas logo reconhece que “seus conselhos” foram ouvidos por um dos netos na definição de projeto profissional e vocacional, pois situa a sua maior felicidade na escolha do neto mais moço de formar-se em teologia seguindo a carreira de pastor. Pode-se pensar que a religião luterana é, para a Da. Hermine, a razão da manutenção de sentido na sua vida, algo que sempre esteve presente e que hoje a faz prosseguir. Ao definir seu futuro escolhendo ser pastor, o neto de Da. Hermine traçou uma convergência de interesses em uma escala semelhante àquela que sua avó adotou ao longo da sua vida.

Já o sentimento de abandono e o distanciamento, que costumam ser apontados como características “modernas” de relações intergeracionais, são enunciados pelo Sr. Eduard como uma situação conflitiva vivida na relação com sua neta. Ao narrar essa situação, ele remete à relação que manteve com seu pai como forma de justificar os ressentimentos:

“Eu tento contar histórias para a minha neta, mas às vezes ela nem gosta mais de ouvir. Você sabe como é hoje em dia... Ah! Aquilo eu já sei, não quero saber. É como se diz nos tempos modernos. Os jovens do interior (zona rural) ainda sim, mas a maioria da cidade não querem ouvir o avô ou a avó falar. E eles gostam tanto de falar... Começam a falar e a gente vai embora, não dá bola. Depois eles vão embora, né? Eu também podia ter perguntado muito mais coisa pro meu pai, mas a gente não faz, depois não estão mais aí e a gente sente falta. Antigamente o pessoal não tinha essa folga, esse tempo de conversar, tinha que trabalhar e de noite tava cansado. Mas algumas vezes a amizade era muito mais com vizinhos. Mas isso não existe mais, não existe mais. Existe televisão, tomou conta...” (Sr. Eduard).

A modernidade e todo o aparato que daí decorre são apontados como um dos fatores responsáveis pela falta de diálogo. Entretanto, o Sr. Eduard é reconhecido pela comunidade de idosos como uma pessoa muito habilidosa em contar histórias. Ele coordena um grupo de terceira idade e sua participação intensa é elogiada por outros informantes, principalmente pela arte de contar histórias.

Tais relatos apontam para os paradoxos da vida moderna e da negociação cotidiana entre distanciamentos e aproximações que marcam as relações sociais.

7.4. A importância da casa familiar como guardião da memória

Morar distante dos filhos e netos dos parece, inicialmente, não ser uma decisão do avô ou da avó. No entanto, o apego dos avós à casa em que vivem remete à dimensão de um espaço simbólico que, de certa forma, integra-os às suas vivências como elemento importante na manutenção das suas identidades sociais.

A concepção de enraizamento diz respeito à construção das redes de reciprocidade e sociabilidade em um dado território de pertencimento; a ruptura com esse espaço traz à tona o receio da impossibilidade de recriar um novo espaço. Em geral, as casas em que residem foram construídas no local onde moravam com seus pais ou onde moraram quando se casaram. A trajetória de conquista de espaços mais confortáveis, resultado de tempos de fartura, data de um tempo longínquo em que “a vizinhança e a parentela tornaram-se elos fundamentais na trama social”(Ferreira, 2000: 215).

Ao conviver com a comunidade teutoniense, inúmeros exemplos da importância que os avós atribuem aos seus lares puderam ser observados. O processo de urbanização e de globalização dos tempos atuais tratou de afastar as gerações mais jovens, que saíram em busca de novas oportunidades. Contudo, ainda que os filhos incentivem a transferência dos pais (avós) para outras localidades, acompanhando-os e aos netos, a opção em geral é pela permanência no local, no caso Teutônia, em que a identificação com o passado abranda a constante ameaça de desintegração da identidade dessa geração de idosos. A opção em permanecer em Teutônia, não acompanhando a trajetória geográfica dos filhos para novas localidades, não se faz sem uma carga de sofrimento, como denota o depoimento do Sr. Gustav:

“A filha depois que se aposentou, resolveu ir para Porto Alegre onde seus filhos estavam estudando. Resolveu montar negócio lá. Ela queria que nós também fosse, mas como se pode deixar a vida da gente que tá aqui, né? Então, agora, nós convivemos pouco, eles trabalham muito. Quando a gente se encontra, eu não tenho muito o que contar, eles já sabem muito. Mas para a filha a gente conta o que viveu aqui, ela sabe tudo, mas os netos não entende mais assim”. (Sr. Gustav).

Os relatos do Sr. Gustav e sua esposa assinalaram a ambigüidade entre optar pela permanência na cidade de interior que os abriga e acomoda suas lembranças, e a sensação de abandono pela mudança geográfica dos filhos, reduzindo os contatos aos finais de semana, feriados e por comunicação telefônica

7.5. As mazelas do enraizamento à vida rural (e/ou agrícola)

Deve-se levar em conta que a situação que denota maior gravidade no grupo de avós diz respeito àqueles que se mantiveram no meio rural. As dificuldades e crises enfrentadas nas últimas décadas, em virtude das políticas econômicas nacionais adotadas que privilegiam os processos de industrialização, são reconhecidas pela evidente decadência da agricultura e na criação de animais, atividades que se baseavam nas práticas coloniais.

Hoje, a zona rural dos municípios de Teutônia e Westfália conservam as produções graças ao trabalho integrado às cooperativas. Pode-se compreender a alteração das formas de produção, com o relato do Sr. Oskar:

“Não é mais negócio (a agricultura). Todos são por projeto. Por exemplo o porco, a cooperativa fornece a ração, fornece o leitão pra engorda. E aí é um negócio mais ou menos. O frango é a mesma coisa, é projeto. Recebe aí sete mil pintos, oito mil pintos, quarenta mil pintos, tem de tudo, né? Então eles têm uma porcentagem. São mais os velhos que trabalham na agricultura. Não tem incentivo. Tudo foi envolvido pelo funcionalismo. Foi o mal de Teutônia, envolvimento de funcionalismo, isso é um perigo aqui. Westfália é um município agrícola, é pra ser e ficar assim. Pra manter a agricultura. Olha, o que tem de colonos aqui! Se fosse escolher... com setecentos, oitocentos litros de leite por dia!”. (Sr.Oskar).

Todavia, as propriedades mantêm-se nas mãos de uma geração que envelheceu e que não pode contar com as gerações descendentes, que deixaram a terra em busca de novos horizontes mais rentáveis e menos desgastantes. A questão de permanecer ou desfazer-se da propriedade rural é uma temática “imprópria” para ser discutida, pelo difícil reconhecimento de que “isso não interessa mais aos filhos”. E, segundo o Sr. Ernest, a ausência dos filhos e netos é dolorosa:

“Não tem nem o que contar pros netos. Eles não estão mais aqui. Pros pais deles eu ensinei que tinha que trabalhar e, o que eu sei fazer, não interessa mais por fazer essas coisas. Eu tenho saudade e necessidade deles...mas não tem o que fazer”. (Sr. Ernest).

É importante sublinhar a importância das mudanças tecnológicas , que, à medida que se impõem sobre as vidas das pessoas, influenciam a maneira de elas enxergarem o mundo social. Vê-se claramente que, enquanto os avós eram crianças, não existia a possibilidade de agirem de forma diferente daquela que havia sido determinada por seus pais – como exemplo, a divisão de tarefas diárias realizadas na unidade doméstica: ir à roça, tirar o leite, alimentar

os animais etc. Hábitos de um estilo de vida rural que dizem não ser mais de interesse dos seus descendentes, e, assim, encontram dificuldade de transmitir essa “herança”. Já os netos, dirão sistematicamente, têm muitas possibilidades de escolha, de opções de projetos mais urbanos que divergem do estilo do viver no meio rural, mesmo que hoje a situação rural não seja tradicional: as propriedades rurais localizam-se nas proximidades da cidade, rur-urbana, como comumente vem sendo denominada essa situação.

Giddens elucida essa questão, quando ele afirma:

“Tradição diz respeito à organização de tempo e, portanto, também é espaço: é o que ocorre também com a globalização, exceto pelo fato de que uma corre em sentido contrário à outra. Enquanto a tradição controla o espaço mediante seu controle de tempo, com a globalização o que acontece é outra coisa. A globalização é, essencialmente, a ‘ação à distância’; a ausência predomina sobre a presença, não na sedimentação do tempo, mas graças à reestruturação do espaço”. (Giddens, 1997: 118)



Imagens 30



Imagens 31

Capítulo 8

A experiência narrada de geração à geração



Imagens 32

8.1. As histórias narradas pelos “rastros”

Ao longo do percurso desta dissertação, foi tecida a preeminência de dar conta das relações das trocas sociais em que a memória individual e a memória coletiva são estabelecidas em uma memória vivida em círculos mais amplos, cujas narrativas devem ser interpretadas sob a idéia de narrativa construída sobre a problematização do tempo: pré-figuração, configuração e reconfiguração, referindo-se à noção de memória compartilhada proposta por Paul Ricoeur.

Aqui, sugere-se a noção de rastro como apropriada para refletir sobre os avós que acreditam que nada narram aos seus netos, ou pouco narram, mas transmitem, pelos rastros do convívio e pelas sociabilidades diversas, muitos hábitos que se tornam efetivamente coletivos quando são conformados pela transmissão, uma vez que são perpetuados no contexto familiar e inseridos na ordem maior que é o da comunidade local. Ainda que em tempos de globalização, de indefinição de espaços, haja a emergência de signos de pertencimento bastante claros, por trás dessa emergência há o reconhecimento de que, embora exista uma efetiva ampliação de horizontes em virtude dos processos advindos da globalização, há um maior apego a determinados signos que trazem sentimentos de similitude, de pertença a um local ou a um grupo social. Nesse sentido, pode-se reconhecer o papel dos avós quando transmitem ensinamentos práticos, ou mantêm expostos objetos significativos para seus netos, ou ainda, quando remetem valores por meio de comportamentos e silêncios. Esse papel está descentralizado de autoridade, mas recentralizado pelo afeto.

É uma memória alimentada no sentido longitudinal (dos próximos), atravessada por inúmeras transversalidades (grupos de canto, de terceira idade, de bolão, a OASE), todas elas também com seus percursos longitudinais, o que Ricoeur chama de vertente simbólica:

“(…). Essa representação de uma humanidade imortal (...), é o sintoma mesmo de um funcionamento simbólico mais profundo, em virtude do qual visamos a um Outro mais do que humano, cuja carência preenchemos com a figura dos ancestrais, ícone do imemorial, e com a dos sucessores, ícone da esperança. É esse funcionamento simbólico que a noção de rastro vai esclarecer”. (Ricoeur, 1997:195)

O rastro também é um dos instrumentos pelos quais a narrativa histórica refigura o tempo, indicando uma passagem, não necessariamente uma presença. Ele significa sem fazer

aparecer, deixa uma marca no presente em consonância com o acontecimento passado. É o conector de tempos, é um tempo híbrido.

Nesse sentido, os avós que relatam que nada tem a contar a seus netos, pois “eles já sabem tudo”, ou que “eles não querem ouvir por falta de tempo”, ou pela presença da televisão etc., acabam por evocar, em seus depoimentos”, conteúdos transmitidos, experiências narradas, hábitos compartilhados.

Ao ouvir as histórias de suas vidas ou em oportunidades de interação entre avós e netos, “rastros” foram percebidos, traços identitários comuns foram reconhecidos. Investiga-se, então, esses momentos-espacos de interação reinventada, recriada cotidianamente e que é reinventada justamente a partir de vínculos com o passado que contribuíram para a manutenção e a preservação de signos comuns, constituidores de uma identidade étnica.

8.2. A transmissão pelo rastro no tempo de afeto

A “geração dos netos” participa de festas locais tradicionais, festas familiares e atividades culturais singulares do grupo, como a Teutoart, com exposições culturais e artesanais, e as festas natalinas, que recuperam tradições tipicamente de origem alemã, como a *Lanternenfest* (desfile de lanternas) e a *Weihnachfest* (Natal). Outras festas já tipicamente teuto-brasileiras também são relatadas, como o Passeio da Bombacha, no mês de setembro durante a Semana Farroupilha, com desfile promovido pelo CTG de Teutônia, Porteira dos Pampas.

A transmissão de receitas é um outro “lugar comum” de diálogo entre avó e netos teutonienses, é o que destaca a Sra. Frieda, que explica que, após o trabalho da elaboração de suco de uva caseiro, ele é cuidadosamente armazenado para quando “*visitarem a casa da vó*”.

Mas é, sem dúvida, a transmissão da língua alemã a que os avós mais se referem como tendo “insistido” em “passar” aos netos. Da. Helen transmitiu a seus filhos e netos o conhecimento sobre a língua alemã, ou melhor, o dialeto *hunsrück*, além de manter fortes vínculos com os preceitos do luteranismo.

Também na família do Sr. Eduard, a transmissão do dialeto “sapato de pau” é referido. Contar histórias à sua neta é uma tarefa inexistente na vida do Sr. Eduard. Porém, vive em sua propriedade rural com o filho, a nora e a neta. Todos trabalham com a agricultura, com exceção da neta, que estuda na cidade. Todos falam o dialeto “sapato de pau”, e a neta está aprendendo a manejar uma roca de fiar lã, na qual a avó tece meias para o inverno para os

familiares e vizinhos. Já a Sra. Mauer pontua, em uma entrevista, que é em torno da confecção deucas e pães que a avó interage com a sua neta.

De fato, no decorrer do trabalho etnográfico, indagava-se sistematicamente para os entrevistados sobre o que contam aos seus netos, sobre os diálogos e as narrativas. As respostas era as mais variadas. De modo geral dizem falar de suas vidas no passado:

“(...) E aí contava histórias de como era antigamente, a dificuldade que a gente tinha, confrontando com a facilidade que a gente tem hoje. Antigamente era miséria, né? A vida era outra, só que também, na época era o que se tinha e tinha que estar satisfeito com isso. Não se conhecia outra coisa. Então, sobre isso eu sempre contava para eles. Quando eram menores, né? Essa história então eles sabem como é que se vivia antigamente, né?” (Sr. Otto).

Ainda, conforme a idade do neto, referem-se à transmissão de histórias infantis do folclore alemão (que passaram para à cultura escrita), como os contos dos irmãos Grimm, que lhes parecem elucidativos do ensinamento de valores positivados socialmente.

Este “tom” assumido pelos avós é evidenciado tanto nas recomendações que fazem aos seus netos com regularidade, quanto ao contar histórias. Nesse sentido, a reprodução de contos clássicos, dos irmãos Grimm, de Charles Perrault e outros da literatura européia, reflete com precisão a necessidade de aconselhar, como se percebe na fala de Da. Frieda:

“(...) Depois comecei a contar histórias também: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve... histórias que trazem alguma revelação, algum acontecimento fantástico... Encontrava a fada, né? E a fada tinha que ser boa, era boa. Fazia coisas boas. Contava histórias onde o bem vence o mal. Às vezes eu inventava, mas tudo tinha que terminar bem, felizes para sempre. Assim eles entendiam que a gente tem que obedecer, ser boa, confiar.” (Da. Frida).

As histórias contadas pelos avós assumem o caráter de conselho quando expressam recomendações, indicam procedimentos sem prescrevê-los antecipadamente, uma vez que deixa aos netos o espaço para discernir e manter a escolha do caminho que lhes parece conveniente. Segue-se, aqui, Walter Benjamin quando ele refere a narração no sentido de dar conselhos, o que, se “parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”, acrescentando logo a seguir, que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (Benjamin, 1987: 200).

Outro aspecto revelador da troca de saberes entre Da. Emma e seus netos é a comemoração do Natal e da Páscoa, quando toda a família se reúne na sua casa. Ela conta que

as netas a auxiliam a fazer os biscoitos e os doces para o Natal e que a árvore é enfeitada por elas. Um momento de grande emoção foi quando relatou a viagem para a Alemanha, que realizou em companhia de uma das netas. Ela foi convidada pela neta, que arcou com todas as despesas de passagens. Porém, ao regressarem, foi constatado que a neta de uma doença e que lhe restavam apenas dois ou três meses de vida. Da. Emma consola-se com o fato de a neta ter podido ainda participar do Natal daquele ano (veio a falecer em março do ano seguinte). Reconhece-se que a relação entre avós e netos mantém-se sobre laços estreitos de afeto, em que os restritos momentos de interação tornam-se intensos momentos de troca e de experiências vividas em comum.

O Sr. Edmund conta que pouco narra a seus netos, mas que procura pelo exemplo, ensinar alguma coisa:

“Eu e meus netos nos damos muito bem, acho que é uma questão de gênio. Eu sempre fui considerado como tendo cara de brabo, eu sempre gostei de alegria, mas não sei brincar com os netos, como os outros avôs brincam. Mas eu também não sou ciumento, podem brincar à vontade. Mas eu tento ser solidário com eles, se eu tenho condições eu tento ajudar, então sempre foi assim, eu fui criado assim, gosto de prestar solidariedade a todas as pessoas, e dou graças a Deus. Meus pais me deram o básico e sempre tive o suficiente pra manter a minha família. Isso tudo eles vêem”. (Sr. Edmund).

As experiências do cotidiano apresentam-se bastante direcionadas ao eu e à identidade social. No entanto, gradativamente, passam a ser encompassadas pela multiplicidade de mudanças e adaptações na vida cotidiana sob as exigências de um novo tempo.

Essa foi, sem dúvida, a premissa adotada pelos entrevistados ao refletirem sobre a comunidade local. Todavia, a noção de tradição pressupõe a idéia de persistência e continuidade, de resistência à mudança. Pode-se pensar, a partir dessa questão, que a tradição tem no seu interior um caráter normativo que oportuniza o caráter de vinculação. Nem sempre a tradição é enunciada, como pode-se perceber no relato dos avós, porém suas bases afetivas, manifestadas de inúmeras formas, influenciam concretamente o tempo presente seus e de seus netos. A reprodução do passado e a transformação do presente reinventam o cotidiano, recriam pontos de referência coletivos em um tempo reordenado que almeja a continuidade.

A experiência vivida não é transmitida como um acontecimento que ocorre na ordem do privado, é a sua significação que dá sentido e torna-a pública.

À luz do pensamento de Ricoeur acerca do rastro, a decoração da sala de estar e da cozinha da Sra. Elisabeth é rica em sentido. Ambiência povoada de inúmeros quadrinhos bordados ou pintados com as seguintes mensagens escritas em alemão: “Isso eu aprendi da

minha mãe”, “Homem, ame a natureza para a criatura poder sobreviver”, “A fidelidade da mãe renova todos os dias”, “Quando tem amor na casa, a bênção de Deus está presente”, “A preguiça retribui com pobreza”, “Olá, entre e traga a felicidade para dentro de casa”, “Onde não há paz na casa, a aparência é triste”, “O inimigo entra e Deus não gosta de estar”, “Aqui você está guardado, você está em casa”, “Cozinhe e salgue com moderação, cuide de cada pozinho que tem em casa”, “Reze e trabalhe”.

Outro exemplo que ilustra a noção de rastro é a sala de Da. Anna repleta de almofadas e toalhas de mesa elaborados em crochê por ela, pela filha e pela neta. Ou ainda, durante a entrevista foi servido um cafezinho com uma cuca, feita pela neta e ensinada por Da. Anna.

Ao entrar no quarto de Da. Anna, as inúmeras fotografias da família, a Bíblia no criado-mudo e a estante com livros escritos em alemão são objetos que estão depositados em espaços determinados e que têm a função de elos que prendem Da. Anna a seu grupo de pertencimento.

Da mesma forma, Dona Frieda conserva fotografias como um ato do retorno em comunhão com a idéia de reviver, pelas imagens, parte de um tempo vivido que confere sentido ao presente.

Com pequenos gestos cotidianos, singulares mensagens em alemão, em dialeto, em português com sotaque, os avós “narram” seus saberes, suas lembranças, seus conhecimentos, sua arte. Enfim, os rastros também contam histórias, também têm o papel de transmissão de experiências almejando eternizá-las no tempo.

Dessa forma, os netos compartilham do tempo vivido com os avós quando, conforme assinala Maurice Halbwachs, eles “penetram numa região diferente e que, no entanto, não lhe é estranha” (Halbwachs, 1990:66). É essa proximidade, ao torná-los semelhantes na diferença, que os torna cúmplices na reinvenção e na renovação do tempo que agora vivem e que hoje é porvir.

Em uma oportunidade em que a pesquisadora encontrou o Sr. Reinhold reunido com a família, perguntou a uma neta o que o avô lhe contava, como era conviver perto de avô. A neta imediatamente respondeu: *“Com ele a gente aprende muita coisa, tudo, e compreende melhor as pessoas”*.

Em um outro momento, em que a família toda estava reunida em um baile promovido pelo coral em que o neto canta, em uma conversa informal o neto confessou:

“Foi o vô que me despertou o interesse pelo canto. Na família quase todos gostam e participam, só a vó que não. Meus filhos, quando tiver, né?, vão cantar em coral também.”

Como se pode ver, as histórias contadas pelo avô vão além de memórias do passado. Estão circunscritas em outros âmbitos, além da simples transmissão de vivências do passado:

“Eles não têm muito tempo, eles estudam, mas eu conto às vezes. Conto sobre o passado, conto as coisas que contei para você. Tudo eles estão sabendo. Mas o que eu quero mesmo e ensino sempre é que tenham responsabilidade no trabalho e fugir de uma série de coisas que não precisa nem citar que você...né? Isso em primeiro lugar. Graças a Deus, nós temos sete netos que, graças a Deus ninguém está envolvido. Arrumam namorado muito cedo, mas isso eu acho que é uma maneira de desligar eles um pouco dessas coisas, né? Em vez de ir para a rua e fazer festa, tomar bebida e essas coisas, se juntam com a namorada ou namorado e conversam. Estão com a família”. (Sr. Reinhold).

O Sr. Reinhold realiza revisões sucessivas durante a vida e busca, além dos ensinamentos, deixar impressa a sua presença por meio de momentos de convívio alegre e festivo. Observa-se que a tradição de cantar em corais é um ponto em comum entre o neto e o avô, que ambos tiveram e terão a preocupação de transmitir às gerações futuras.

O gosto musical, sobretudo o canto coral, é um lugar de socialização de avós, filhos e netos em torno dessa tradição. Uma das filhas de Da. Frieda cantava em um coro na cidade em que mora. Interrompeu essa tarefa quando sua filha menor nasceu. O registro familiar de cantar em corais vem da avó de Da. Frieda, que era regente e uma das fundadoras do coral da OASE, do qual Da. Frieda participa até hoje.

Os encontros corais são, assim, momentos de forte sociabilidade na comunidade teutoniense, oportunizando interações entre diversas gerações ao seguir uma tradição transmitida que encontra sentido no cotidiano do grupo. No calendário teutoniense, o dia 25 de julho marca o encontro de corais da Liga de Cantores do Alto Taquari, em comemoração ao dia do colono e do caminhoneiro. No fim de junho ocorre o festival do canto, caracterizado pela entoação de cantos em alemão.

Na transmissão de experiência, a idéia de trabalho como valor a ser transmitido é uma das mais recorrentes no relato dos entrevistados e, para alguns entre eles, esse aspecto é conformador de uma comunidade de origem germânica, mas que traz à tona transformações do próprio sentido de trabalho de uma geração para outra:

“A gente passa sempre a mesma coisa que a gente aprendeu também: sinceridade, honestidade, essas coisas aí. O filho diz: ‘Olha, roubar eu não aprendi em casa. Então isso acontece, isso não faz parte da minha vida’. Então, são essas coisas assim, a gente aprendeu em casa com o pai e com a mãe, com o vô e com a vó, então isso são coisas que, a verdade, a alegria, a

religiosidade, também a gente passa. O trabalho é importante também, é diferente hoje em dia, o trabalho passa pelo estudo. Mas isso é uma coisa mais individual, que muitas vezes com o casamento a coisa, ou mais ou menos... porque cada família depois é outra família de novo, né?” (Sra. Waltraude).

“A gente conta as lições de trabalhar com honestidade, lealdade, com interesse, né? Como já disse, eu queria estudar mas meu pai não tinha recursos financeiros, não existia escolas públicas aquela vez. Então, com muito sacrifício, minha esposa e eu trabalhando dia e noite conseguimos pagar os estudos dos filhos pra que se formassem, tivessem um título ao menos na vida, pra facilitar a vida deles. E eles passaram isso pros meus netos. Minha neta com sete anos já trabalha com computador. Os interesses são bem diversos, os nossos e a juventude.” (Sr. August).

Ou seja, cultura é vida pensada, resultante de um trabalho não de acumulação, de coisas a adquirir, mas sim de processo em que se constrói a coletividade que conserva vivos os tesouros do passado e pressentimentos do futuro, como ensina Benjamin:

“Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que, no momento da morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra região. Só então compreenderam que o pai havia lhes transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho.” (Benjamin, 1987: 114)

Ao transcrever a parábola, Benjamin rememora antiga sabedoria e assinala a aproximação entre cultura e trabalho, em que o sentido atribuído à cultura é o de resultado de uma produção que se estabelece no interior das relações sociais e existe para promover a humanidade.

Há situações em que a interação entre avós e netos é traçada, inicialmente, por intermédio de interesses comuns. Como “momento oportuno”, em uma apropriação da expressão de Michel de Certeau, surgem ensinamentos e conselhos:

“Com os netos, assim... juventude quer é futebol, cinema, esportes, principalmente, né? Porque eles praticam. Então aí eu aproveito e a gente conversa sobre assunto de família, de economia, a crise está aí, né? Então tem que cuidar p’rá não esbanjar dinheiro, p’rá poder superar a crise. Esses são os assuntos que a gente fala.” (Sr. Klepker).

A relação entre avós e netos etnografada em Teutônia é fortemente marcada por relações de afeto que suavizam as dificuldades provocadas pelo confronto geracional que estabelece a diferença.

Não são apenas as palavras que definem a co-educação. Os netos e filhos aprendem igualmente nos gestos, nas expressões, nos hábitos de toda ordem (alimentares, musical, forma de se vestir, religiosos) e nos comportamentos codificados e novos.

Sem dúvida, a importância dos diálogos está na preservação e a renovação da oralidade, que resulta, incondicionalmente, no estreitamento dos laços entre diferentes gerações nessa localidade interiorana.

Pensar na arte de contar situada na descoberta do passado vivido pela interpretação da memória dos ancestrais é reduzi-la a uma pequena parte da multiplicidade de acepções definidoras das narrativas que permeiam o interior das relações entre os sujeitos.

As palavras podem ser apreendidas como o pulsar da vida quando, por meio delas, percebe-se o modo pelo qual os sujeitos criam e recriam práticas e pensamentos. Ao analisar as palavras que os avós dirigem a seus netos, reconhecem-se os desafios envolvidos na combinação de tradição e mudança em que se busca a reconstituição mútua de sujeitos a partir de uma convivência afetiva. É um processo de educação transgeracional, que implica a tarefa de convergir em busca de valores que remetem a relações igualitárias, aceitando as diferenças pois, é por meio delas, que se renovam as possibilidades de modificação recíproca dos sujeitos. Ou seja, ao perceber o outro como diferente pode-se enxergar as possibilidades que o outro sugere para a mudança.

Ao discorrer sobre a tradição na ordem social moderna, Anthony Giddens lança seu olhar sobre o período em que Freud e Halbwachs refletiram sobre os sonhos. Diz ele:

“Tanto para Halbwachs quanto para Freud, os sonhos são memórias em que o contexto social da ação foi removido. Deixe-me agora historicizar este ponto de vista. Na época em que Freud escreveu, as tradições da vida cotidiana estavam começando a ranger e ceder sob o impacto da modernidade. A tradição proporcionava as estruturas estabilizadoras que integravam os vestígios da memória em memória coerente. Pode-se especular que, à medida que a tradição se desvanece, a ‘memória dos vestígios’ fica mais cruamente exposta, assim como fica mais problemática no que se refere à construção da identidade e ao significado das normas sociais. Daí em diante, a reconstrução do passado com recursos da tradição torna-se uma responsabilidade – e até uma exigência – mais claramente individual.” (Giddens, 1997: 86)



Imagens 33



Imagens 34



Imagens 35



Imagens 36



Imagens 37

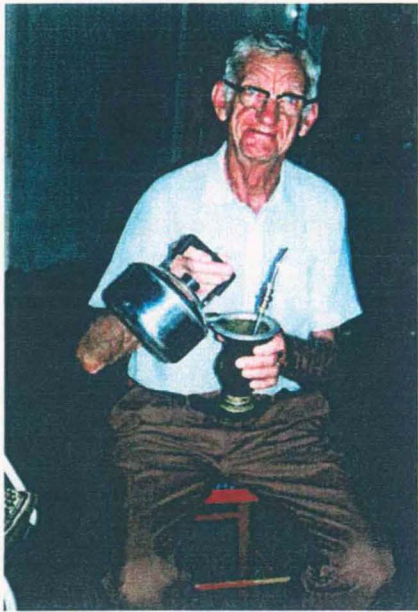


Imagem 38



Imagem 39



Imagem 40



Imagem 41

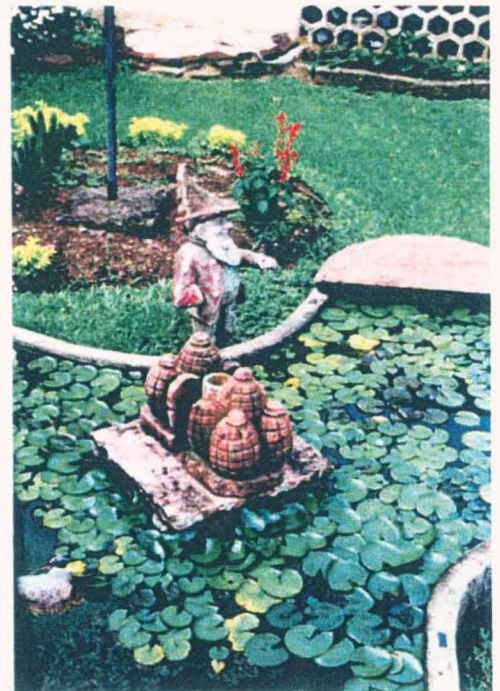


Imagem 42

Conclusão

Através da experiência adquirida na convivência com a comunidade teutoniense no processo de pesquisa de campo antropológico, buscou-se apreender nas representações dos habitantes idosos em Teutonia, os significados culturais atribuídos por eles à sua trajetória como descendentes de imigrantes enraizando-se num novo país. Situação que produz diferenciações advindas da intersecção das culturas. A partir de uma etnografia da memória desta duração, enfocou-se a narrativa destas experiências vivenciadas a partir de uma relação de reciprocidade entre avós e netos. Nesta perspectiva, buscou-se investigar o cotidiano prático e simbólico vivido e compartilhado pelos sujeitos que estão em contínuo processo de reconstituição e renovação dos seus valores culturais por intermédio da troca de experiências.

A representação dos diversos tempos ordenados na memória revelada nas reminiscências dos avós sobre a cidade, relacionam um mito fundador da cidade às trajetórias de vida embalados pelo valor trabalho e solidariedade do grupo, constitutivo tanto de uma lógica do progresso e sucesso econômico, quanto de referências de identidade de grupo de pertencimento, que etnografamos enquanto uma “comunidade teutoniense”. Estes valores são para eles remetidos à prática de uma tradição transmitida no tempo como o uso dos dialetos trazidos por seus ancestrais, a religiosidade e a vida familiar, conformadores da ordenação do mundo social. Ou seja, o processo de construção social da identidade teuto-brasileira tem nesses aspectos enunciados, o fortalecimento do sentimento de pertença marcado decisivamente nas trajetórias desses indivíduos e de seus descendentes, em que as representações do passado articulam-se justificando o presente.

Ao ouvir as histórias de vida, no conjunto de recordações percebe-se o modo como o mundo cotidiano é negociada pela comunidade, onde o passado é ordenado segundo os significados da vida no presente.

Neste sentido, pode-se indagar nesta conclusão porque determinados conflitos e contradições próprias da formação da sociedade brasileira como a discriminação, o racismo, ou mesmo conflito de classes mais acirrados não são ressaltados em suas reminiscências sobre a formação histórica do grupo?

De fato sugerimos que, embora esta contrastividade seja ordinária no processo mais recente de formação da cidade, com a vinda de migrantes em busca de empregos pela oferta de mão de obra na nova zona industrial, esta nova condição não oferece uma “razão” para falar do trajeto da comunidade. Antes, são as diferenças internas que argumentam terem sido

origem da divisão administrativa entre Teutônia e Westfália. Estas diferenças foram tecidas em relação às distinções nas levas alemãs de imigração que ali chegaram. Diferenciações ambíguas pois logo acomodadas na consolidação de um grupo no projeto de construção de uma comunidade teuto-brasileira.

Como situação ilustrativa dessa premissa, temos nos grupos ‘hunsrück’ e ‘westfalianos’ traços diferenciais marcantes que encontram-se envelopados pela força de pertencimento à trajetória comum de descendentes de imigrantes alemães e de construtores da identidade teuto-brasileira, formadores de uma comunidade de pertença: a de teutonienses. Mantém-se, portanto, nos seus imaginários, o sentimento comum de pertencimento a um mesmo grupo étnico que construiu o Município de Teutônia, espaço que co-habitaram e eternizaram as experiências vividas em conjunto.

Sob o advento da modernidade, reconhece-se os novos tempos marcados pelas constantes negociações sociais que revelam essas singularidades étnicas, já mencionadas acima. Detentores de uma condição formativa de colonos que vivem ou viveram grande parte de sua vida no meio rural, definida no uso cotidiano da língua alemã, hábitos alimentares, organização de espaços domésticos, formas de sociabilidade, comportamento religioso, os avós vivem em constantes negociações que são reveladoras dessa etnicidade explícita na características apontadas, bem como reveladoras do quanto a interação com as gerações dos filhos e netos recriam um novo sistema de significações dinamizado através da transmissão e socialização da memória compartilhada sobre um tempo passado e um presente vividos. Essa memória compartilhada atua simultaneamente nas interações cotidianas da família, das relações de vizinhança e outros processos de sociabilidade.

Observa-se então que a estreita relação com novos valores citadinos adquiridos seja nas relações interpessoais, seja através dos novos signos da modernidade como a televisão, rádio e outros, trouxe à comunidade teutoniense novos ritmos à tradicional convivência familiar e comunal. Isto é, a aquisição de novos traços identitários atualizaram a comunidade de pertencimento, redes, ancestralidade, as fronteiras culturais que se alargaram, o *ethos* alemão que se hibridizou e a incorporação das contradições do mundo moderno que se estabeleceu na adoção de projetos pessoais em concordância com projetos familiares em que são almejadas trajetórias de ascensão social através da conquista de diploma universitário ou emprego que remeta a uma estabilidade.

Nesse “novo” contexto, a expressão religiosa adquire contornos e práticas menos rígidas, surgem grupos de terceira idade no município visto como o redimensionamento das novas definições de envelhecimento, com uma alteração significativa de geração restrita à

família. Esse espaço de sociabilidade, enquanto revelador de novos sentidos conquistados pela modernidade, é vista como uma experiência extrafamiliar em que a interação entre os participantes estabelece mudanças na experiência coletiva, de comportamento e a construção de uma tradição resignificada.

As relações intergeracionais são marcadas pela negociação cotidiana entre distanciamentos e aproximações e refletida em ambigüidade no relato dos avós: por um lado, manter-se em sua casa em Teutônia, local de abrigo e acomodação das lembranças e, por outro lado, a sensação de abandono pela redução drástica dos contatos entre filhos e netos em virtude de transferência destes para outras cidades ou estados. Vemos, dessa forma, a transmissão das tradições vividas de forma diferenciada, reordenadas através de rastros.

A noção de rastros denota outras formas de transmissão de uma tradição. Através deles os hábitos tornam-se efetivamente coletivos, perpetuados no contexto familiar, inseridos num contexto maior que é o da comunidade local. Reconhece-se a existência de uma memória compartilhada através da transmissão de ensinamentos práticos, da permanência de objetos que compõem uma ambiência significativamente comum, ou ainda, na manutenção de comportamentos fundados em valores herdados dos ancestrais.

A relação intrageracional é revelada numa memória compartilhada, quando avós e netos encontram através das bases afetivas que os unem, traços de referência coletivos num tempo reordenado que acena à continuidade.

É na conversão das formas de transmissão que se reconhece a recriação de práticas e pensamentos. A conexão de significados implícitos, torna avós e netos sujeitos próximos e cúmplices na reinvenção e renovação do tempo, em que as experiências são compartilhadas no cotidiano são fundadas na autoridade do afeto que os une. Esta autoridade é compreendida como a interação onde o afeto é o elemento que ordena a relação entre as duas gerações.

Neste sentido, poderíamos nos indagar nesta conclusão porque determinados conflitos e contradições próprias da formação da sociedade brasileira como a discriminação, o racismo, ou mesmo conflito de classes mais acirrados não são ressaltados em suas reminiscências sobre a formação histórica do grupo?

De fato sugerimos que, embora esta contrastividade seja ordinária no processo mais recente de formação da cidade, com a vinda de migrantes em busca de empregos pela oferta de mão de obra na nova zona industrial, esta nova condição não oferece uma “razão” para falar do trajeto da comunidade. Antes, são as diferenças internas que argumentam terem sido origem da divisão administrativa entre Teutônia e Westfália. Estas diferenças foram tecidas em relação as distinções nas levas alemãs de imigração que ali chegaram. Diferenciações

ambíguas pois logo acomodadas na consolidação de um grupo no projeto de construção de uma comunidade teuto-brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- AUGE, Marc. *Les formes de l'oubli*. Paris: Payot&Rivages, 1998.
- BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.
- BALANDIER, G. *Les anthropo-logiques dans la modernité*. Paris: L.G.F., 1985
- BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. "Sobre alguns temas em Baudelaire". In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas – vol III*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BORELLI, Silvia H. S. "Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson". In: *Revista Margem. Faculdade de Ciências Sociais*. São Paulo: PUC, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. "Classe sociale et classe de trajectoires". In: *La distinction, critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979. p. 122 à 126.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito – Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2^a. ed., 1971.
- CANEVACCI, Massimo. "Walter Benjamin, antropólogo da memória". In: *A cidade polifônica*. São Paulo: Nobel, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- COTRIM, Gilberto. *História e consciência do mundo*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- DEBERT, Guita. "História de vida e experiência de envelhecimento para mulheres de classe média em São Paulo". In: *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, n. 19. São Paulo: 1984.
- _____. "Pressupostos de Reflexão Antropológica sobre a Velhice". *Textos Didáticos*. IFCH/UNICAMP, Campinas: 1994.
- DUARTE, L. F. D. *Da vida nervosa das classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Joege Zahar, 1986.
- DUMONT, L. *Essais sur l'individualisme*. Paris: Editions du Seuil, 1983.

DURAND, G. *De la mitocrítica al mitianálisis. Figuras míticas y aspectos de la obra*. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 1993.

ECKERT, Cornelia. “A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: *Revista Cadernos de Saúde Pública*. Coleção Antropologia & Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001 (no prelo).

_____. “Memória e Identidade. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La grand-Combe, França)”. *Cadernos de Antropologia*, n. 11, 1993. Porto Alegre: Editora UFRGS. 84p.

_____. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência Etnográfica”. In: *Humanas* Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS vol. I, n. 19/20 . Porto Alegre: 1996-1997.

_____. «Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)». *Cadernos de Antropologia*, n. 11. Porto Alegre, PPGAS, UFRGS, 1994.

_____. “Tempo e memória: da duração contínua à dialética da duração”. *Texto apresentado no Simpósio Internacional Curso da Vida, Imagens do Envelhecimento e Novas Tecnologias do Corpo*. São Paulo: 1998.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luíza C. “Imagens do tempo nos meandros da memória”: In KOURY, Mauro (Org). *Imagem e Memória. Ensaio em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 19 a 40.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador* v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

EVANS-PRITCHARD, E.F. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERREIRA, Maria Leticia M. “Memória e velhice: do lugar da lembrança”. In: LINS DE BARROS, M. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2000.

FISCHER, L. A e GERTZ, René [et al.]. *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 1994. (Coleção estudos: 142).

GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony; ULRICH, Beck e LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- LANG, Guido. *Colônia Teutônia – História e Crônica: 1898 – 1908*. Novo Hamburgo: Sinodal, 1995.
- LEVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- LINS DE BARROS, Myriam M. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.
- _____. “Densidade da memória, trajetória e projeto de vida”. *Revista Estudos Feministas*, n. 1/97. Rio de Janeiro, 1997.
- _____. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2000.
- MALINOWSKI, B. K. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (Orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- MAUSS, M. *Manual de etnografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- PEIXOTO, C. E. , SINGLY, F. e Cicchelli, V. (Orgs). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. In: VOM SIMONS, Olga de Moraes (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- _____. *Tempo e narrativa*. Vol. I, II e III. São Paulo: Papyrus, 1994.
- _____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SEYFERTH, Giralda. “A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica”. In: *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: ULBRA, 1994.
- _____. “As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional”. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS. IFCH. Ano 6, n.14, 2000.

_____. “Etnicidade e Cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira”. In. *Etnia e Nação na América Latina*. v. II, 1989.

SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SOARES, L. E. *Campesinato: ideologia e política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WOORTMANN, Ellen S. “Árvore da memória”. In: *Série Antropológica UNB*, n. 129. Brasília: UNB, 1994.

_____. *Herdeiros, parentes e compadres*. Brasília: Edunb, 1995.

Índice de Imagens

- Imagem 1** – Vista de Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 12.
- Imagem 2** – Igreja Luterana no centro de Westfália. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 12.
- Imagem 3** – Mapa de Teutônia na localização regional. Reprodução. In: LANG, Guido. Reminiscências da Memória Colonia – Teutônia-RS. Novo Hamburgo: Pauesta, 1999, p. 84. Página 17.
- Imagem 4** – Mapa do município de Teutônia. Reprodução. In: LANG, Guido. Reminiscências da Memória Colonia – Teutônia-RS. Novo Hamburgo: Pauesta, 1999, p. 83. Página 17.
- Imagem 5** - Igreja Luterana no bairro Canabarro/Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 25.
- Imagem 6** – Igreja Luterana na Linha Boa Vista/Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 25.
- Imagem 7** – Bairro Languiru/Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 25.
- Imagem 8** – Vista do bairro Canabarro/Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 25.
- Imagem 9** – Residência na Linha Boa Vista/Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 26.
- Imagem 10** – Residência na Linha Boa Vista/Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 26.
- Imagem 11** – Prefeitura de Westfália. Autoria: Maria Cristina França. Westfália, jan./fev. 2001; página 26.
- Imagem 12** – Artesanato local. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 27.
- Imagem 13** – Sr. e Sra. Adolf – Linha Germana Fundos. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 37.
- Imagem 14** – Sr. e Sra. Mauer – Linha Clara. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 37.
- Imagem 15** – Sra. Frida – Linha Germano Frente. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 37.
- Imagem 16** – Sra. Anna Kops – bairro Canabarro. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 37.
- Imagem 17** – Tiro de Guerra. Foto pertencente ao Museu Municipal Henrique Uebel. Autoria desconhecida. Teutônia, data provável 1940; página 56.
- Imagem 18** – Roda de conversa na casa da Família Kruse. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, nov. 1999; página 67.
- Imagem 19** – Clube Social do bairro Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 78.
- Imagem 20** – Pomar na Praça do centro Administrativo de Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 78.
- Imagem 21** – Grupo de visitantes no cemitério do bairro Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 78.
- Imagem 22** – Roda de conversa entre comadres. Autoria: Maria Cristina França. Linha Germano Frente, jan./fev. 2001; página 78.
- Imagem 23** – Sr. Adolf e seu trabalho de artesanaria. Autoria: Maria Cristina França. Linha Germano Fundos, jan./fev. 2001; página 78.
- Imagem 24** – Pinturas à óleo do Sr. Adolf. Autoria: Maria Cristina França. Linha Germano Fundos, jan./fev. 2001; página 78.
- Imagem 25** – S. Pedro levando seu carro de boi por avenida central do bairro Languiru. Sequência de três fotografias. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 79.
- Imagem 26** – Vó Selma consulta sua agenda de telefones. Autoria: Maria Cristina França. Porto Alegre, set. 1999; página 88.
- Imagem 27** – Escola Técnico Agrícola de Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 88.
- Imagem 28** – “Aqui você tem lugar” - Mensagem gravada na Escola Técnico Agrícola de Teutônia. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 88.
- Imagem 29** – As quatro gerações da família de Anna Kops. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 89.
- Imagem 30** – Detalhe: mão fazendo croché. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 99.
- Imagem 31** – Detalhe: as pernas cruzadas. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 99.
- Imagem 32** – Porta-retratos da Família do Sr. Adolf. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 100.

- Imagem 33** – Sra. Frida em seu trabalho na Casa de Comércio – Linha Germano Frente. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 109.
- Imagem 34** – Sra. Frida em seu trabalho na Casa de Comércio II. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 109.
- Imagem 35** – A arte de cozinhar. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 109.
- Imagem 36** – Os quadros na parede I – Retratos de Família. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 109.
- Imagem 37** – Os quadros na parede II – Retratos de Família. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 109.
- Imagem 38** – Sr. Eduard Mauer – Linha Clara. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 110.
- Imagem 39** – Sra. Mauer. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 110.
- Imagem 40** – Sr. e Sra. Mauer narram suas experiências para a pesquisadora entre a roca de fiar. Autoria: Rosana Ruhrwien. Teutônia, jan./fev. 2001; página 110.
- Imagem 41** – Coral da Linha Winck em baile da localidade. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 110.
- Imagem 42** – Detalhe das granadas do Tiro de Guerra postas em frente a uma residência. Autoria: Maria Cristina França. Teutônia, jan./fev. 2001; página 110.

ESTADO Teutônia inaugura a Rota Germânica

Turista poderá acompanhar as lides nas propriedades rurais

ALINE CUSTÓDIO

Lajeado

Quem está interessado em conhecer um pouco da história, das tradições e da gastronomia alemã tem um novo local para explorar: Teutônia, no Vale do Taquari, inaugura a Rota Germânica na sexta-feira. Em 72 quilômetros, o turista poderá acompanhar de perto a lida diária nas propriedades rurais, se hospedar numa pousada, adquirir produtos típicos da culinária e do artesanato e deslumbrar-se com as belezas naturais.

Os 15 pontos foram selecionados pela Secretaria de Turismo de acordo com a importância histórica e econômica em Teutônia. Logo no início do passeio, no Centro Administrativo, os visitantes encontrarão um prédio em arquitetura alemã, dividido em quatro quadrantes, que numa das extremidades apresenta os símbolos tradicionais: o sapato de pau, o forno, o moinho de cana e o poço dos mila-

gres. No mesmo local está o Relógio das Flores, em homenagem à pontualidade dos povos germânicos.

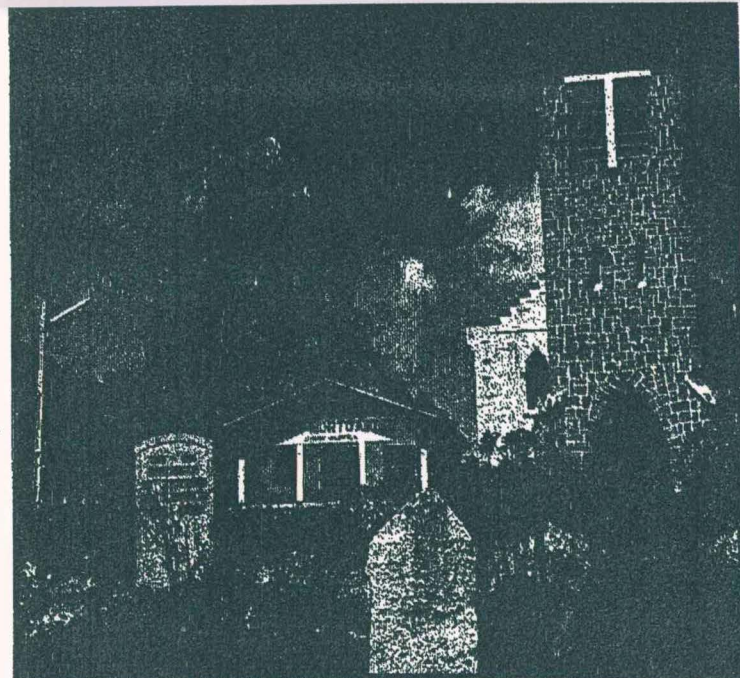
Seguindo a rota, no Complexo Turístico do Colégio Teutônia, o turista será recepcionado por uma banda típica alemã e poderá conhecer os produtos do Teutobrik. A Rota Germânica tem ainda as comidas típicas alemãs oferecidas pelo Restaurante Matinho.

Também está incluído no roteiro uma visita à igreja centenária na localidade de Linha Frank, que guarda a certidão de nascimento do ex-presidente da República Ernesto Geisel. Para saber um pouco mais sobre a economia da região, o turista conhecerá a produção de cogumelos da Champy Empreendimentos e da criação de cabras na Caprinocultura Kreimeier.

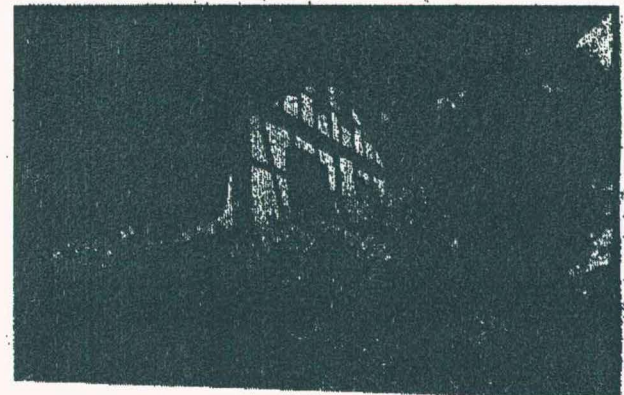
O melhor da viagem são as visitas à Lagoa da Harmonia e à Represa Strate. A Pousada da Lagoa oferece ao turista uma das imagens mais belas de toda a rota: do belvedere se pode avistar uma lagoa rodeada de montanhas e muito verde. Na represa, trilhas ecológicas e o balneário Strate são as atrações. Os grupos de turistas serão acompanhados por guias treinados especialmente para atender a região.

Serviço

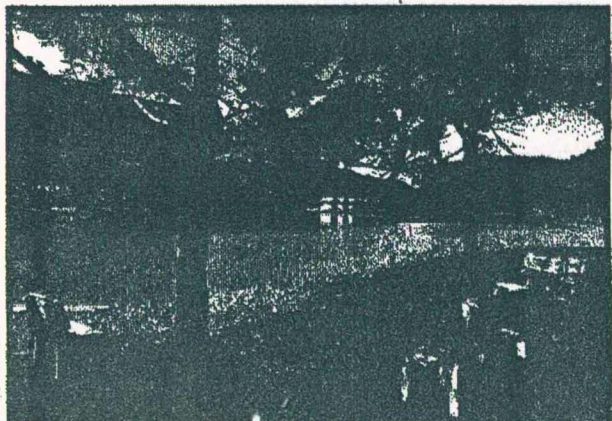
- Capacidade - São aceitos grupos de, no máximo, 80 pessoas
- Preços dos pacotes - De R\$ 10 até R\$ 25, por pessoa. Os preços variam conforme o número de pontos visitados
- Onde fica - Em Teutônia, no Vale do Taquari
- Informações - Telefone (51) 3762-1022
- Site: www.bewnet.com/teutonia
- E-mail: teutonia@bewnet.com.br
- Restaurantes Matinho: (51) 3762-9126
- Pousada da Lagoa: (51) 3762-4333, ramal 145
- Represa Strate: (51) 3762-2369, ramal 254
- Champy Empreendimentos: (51) 3762-4408
- Caprinocultura Kreimeier: (51) 3762-2369, ramal 165
- ACESSOS
- BR-306 (Estrada da Produção)
- RST-453 (Rota do Sol)
- RS-419 (Poço das Antas)
- DISTÂNCIA
- Porto Alegre: 100 quilômetros



História: uma das igrejas visitadas na rota que inaugura sexta-feira



Cenário: casa em estilo enxaimel foi usada como locação para o filme A Paixão de Jacobina



Roteiro: melhor da visita é a Lagoa da Harmonia